

**Centro Cultural de
Artes Plásticas
Rachel de Queiroz**

Líria Viana Mourão Marques

CENTRO UNIVERSITÁRIO CHRISTUS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CENTRO CULTURAL DE ARTES PLÁSTICAS RACHEL DE QUEIROZ

Líria Viana Mourão Marques
Prof. Me. Carlos Eduardo Costa e Silva Fontenelle

FORTALEZA
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Centro Universitário Christus - Unichristus
Gerada automaticamente pelo Sistema de Elaboração de Ficha Catalográfica do
Centro Universitário Christus - Unichristus, com dados fornecidos pelo(a) autor(a)

V614c Viana Mourão Marques, Líria.
Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz / Líria
Viana Mourão Marques. - 2024.
90 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro
Universitário Christus - Unichristus, Curso de Arquitetura e
Urbanismo, Fortaleza, 2024.
Orientação: Prof. Me. Carlos Eduardo Costa e Silva Fontenelle.

1. Centro Cultural. 2. Regionalismo Crítico. 3. Cultura. 4. Artes
Plásticas. 5. Arquitetura e Urbanismo. I. Título.

CDD 720

LÍRIA VIANA MOURÃO MARQUES

CENTRO CULTURAL DE ARTES PLÁSTICAS RACHEL DE QUEIROZ

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Christus, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Me. Carlos Eduardo Costa e Silva Fontenelle.

Aprovada em __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Carlos Eduardo Costa e Silva Fontenelle
Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS)

Prof. Esp. Alesson Paiva Matos
Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS)

Gerardo Ponte
(Membro Externo)

RESUMO

O presente trabalho consiste na elaboração de um Projeto Arquitetônico de um Centro Cultural de Artes Plásticas no bairro Presidente Kennedy, em Fortaleza, Ceará. O equipamento está inserido próximo ao Parque Rachel de Queiroz, um importante polo de lazer da região, que atrai um público diversificado de todas as partes da cidade. A implantação deste equipamento complementar a oferta de atividades de lazer na região, além de contribuir para a difusão e valorização da cultura.

O trabalho fundamenta-se em uma revisão bibliográfica de estudos teóricos pertinentes ao tema, bem como em referências projetuais que auxiliaram no desenvolvimento da proposta. Além disso, contextualiza a relevância do equipamento proposto e a escolha de seu local de inserção. Elaborou-se ainda um referencial conceitual para auxiliar nas intenções do projeto arquitetônico. Nesse sentido, o conceito de 'Regionalismo Crítico' foi abordado, visando assimilar uma linguagem arquitetônica que dialogue com seu local de inserção.

Ademais, o equipamento proposto é compreendido como um elemento relevante e complementar a cena cultural de Fortaleza, capaz de agregar e condensar múltiplas atividades e públicos, promovendo a difusão Cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Centro Cultural; Artes Plásticas; Arquitetura e Urbanismo; Regionalismo Crítico.

ABSTRACT

This work consists of an architectural project for a Visual Arts Cultural Center in the Presidente Kennedy district of Fortaleza, Ceará. The center is located next to Rachel de Queiroz Park, an important leisure center in the region that attracts a diverse public from all over the city.

The implementation of this facility will complement the leisure activities available in the region, as well as contributing to the propagation and appreciation of culture.

The work is based on a bibliographical review of theoretical studies pertinent to the subject, as well as design references that helped develop the proposal. It also contextualises the relevance of the proposed equipment and the choice of its location. A conceptual framework was also drawn up to help with the architectural project's intentions. In this sense, the concept of 'Critical Regionalism' was addressed, with the aim of assimilating an architectural language that dialogues with its location.

Furthermore, the proposed equipment is understood as a relevant and complementary element to Fortaleza's cultural scene, capable of aggregating and condensing multiple activities and audiences, promoting cultural dissemination.

KEYWORDS: Culture; Cultural Center; Plastic Arts; Architecture and Urbanism; Critical Regionalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Atentado ao Congresso Nacional em Janeiro de 2024.	14
Figura 2 – Delineamento da pesquisa.	16
Figura 3 – Pintura rupestre em caverna na Serra da Capivara, Piauí	18
Figura 4 – Cerâmica Marajoara: uma das mais antigas tradições artísticas dos indígenas brasileiros	19
Figura 5 – Centro Cultural Georges Pompidou.	20
Figura 6 – Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.	22
Figura 7 – Sugestão de leiaute para pequeno museu.	23
Figura 8 – Iluminação Museu Mapuche de Cañete	24
Figura 9 – Fileiras de assentos em auditórios.	25
Figura 15 – Criar uma sombra – Roteiro para Construir no Nordeste.	27
Figura 16 – Vazar os muros – Roteiro para Construir no Nordeste.	28
Figura 17 – Fluência dos ambientes – Roteiro para Construir no Nordeste.	28
Figura 18 – Conviver com a natureza – Roteiro para Construir no Nordeste.	28
Figura 19 – Implantação – Juizado Cível e Criminal da Unileão.	30
Figura 20 – Jardins internos – Juizado Cível e Criminal da Unileão.	30
Figura 21 – Planta baixa – Juizado Cível e Criminal da Unileão.	31
Figura 22 – Corte transversal AA – Juizado Cível e Criminal da Unileão.	32
Figura 23 – Fachada – Juizado Cível e Criminal da Unileão.	32
Figura 24 – Fachada – Centro Universitário Maria Antônia.	32
Figura 25 – Planta subsolo – Centro Universitário Maria Antônia.	33
Figura 26 – Planta térreo – Centro Universitário Maria Antônia.	34
Figura 27 – Planta primeiro pavimento – Centro Universitário Maria Antônia.	35
Figura 28 – Corte – Centro Universitário Maria Antônia.	36
Figura 29 – Sala de exposição – Centro Universitário Maria Antônia.	36
Figura 30 – Pátio – Centro Universitário Maria Antônia.	36
Figura 31 – Quadra – Centro Comunitário Kamwokya.	37
Figura 32 – Pátio – Centro Comunitário Kamwokya.	37

Figura 33 – Planta baixa – Centro Comunitário Kamwokya.....	38
Figura 34 – Corte transversal – Centro Comunitário Kamwokya.	39
Quadro 2 – Síntese do referencial projetual.	39
Figura 35 – Vista aérea – Complexo Cultural Estação das Artes.....	40
Figura 36 – Fachada Estação das Artes – Complexo Cultural Estação das Artes.	40
Figura 37 – Setorização – Complexo Cultural Estação das Artes.....	41
Figura 38 – Fachada Pinacoteca – Complexo Cultural Estação das Artes.	41
Figura 39 – Interior Pinacoteca – Complexo Cultural Estação das Artes.....	41
Figura 40 – Mercado Alimenta CE – Complexo Cultural Estação das Artes.	42
Figura 41 – Kuya Centro de Design do Ceará – Complexo Cultural Estação das Artes.....	42
Figura 42 – Plataforma de exposições – Complexo Cultural Estação das Artes.....	43
Figura 43 – SECULT – Complexo Cultural Estação das Artes.	43
Figura 44 – Caracterização da população do Presidente Kennedy.....	47
Figura 45 – Planta e corte da topografia do terreno.....	52
Figura 46 – Gráfico de temperatura e zona de conforto.....	52
Figura 47 – Gráfico de chuva.	53
Figura 48 – Frequência de ocorrência dos ventos.	53
Figura 49 – Carta solar.	54
Figura 50 – Marcação de visadas do terreno.	55
Figura 51 – Visada 1.....	55
Figura 52 – Visada 2.....	55
Figura 53 – Visada 3.....	55
Figura 54 – Visada 4.....	56
Figura 55 – Visada 5.....	56
Figura 56 – Visada 6.....	56
Figura 47 – Setorização da proposta.....	63
Figura 48 – Fluxograma.....	64
Figura 49 – Planta de implantação – Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz	65
Figura 50 – Térreo – Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz	67
Figura 51 – Corte CC – Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz	68
Figura 52 – Planta Bloco Cultural – Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz	68

Figura 53 – Bloco Administrativo/Funcionários – Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz	69
Figura 54 – Bloco Ensino – Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz	70
Figura 55 – Planta de coberta – Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz.....	71
Figura 56 – Corte BB – Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz	71
Figura 57 – Corte DD – Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz	71
Figura 58 – Ateliê de pintura, desenho e grafite – Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz	72
Figura 59 – Auditório – Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz	72
Figura 60 – Pátio interno – Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz.....	73
Figura 61 – Sala de aula – Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz	73
Figura 62 – Sala de exposições – Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz.....	74
Figura 63 – Bloco Adm/Func – Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz.....	74
Figura 64 – Fachada frontal – Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz	75
Figura 65 – Fachada lateral – Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz	75

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dimensões mínimas para assentos em auditórios	25
Quadro 2 – Síntese do referencial projetual	39
Quadro 3 – Síntese do estudo de caso.	44
Quadro 4 – Parâmetros urbanos da ocupação.....	51
Quadro 5 – Classificação das atividades.....	51
Quadro 6 – Programa de Necessidades, Setor Cultural.	59
Quadro 7 – Programa de Necessidades, Setor de Ensino.....	60
Quadro 8 – Programa de Necessidades, Setor Administrativo/Funcionários.....	61
Quadro 9 – Programa de Necessidades, Setor de Serviços.....	62
Quadro 10 – Programa de Necessidades, Área total dos setores.	62

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização do terreno.....	46
Mapa 2 – Mobilidade.....	48
Mapa 3 – Hierarquização viária.....	48
Mapa 4 – Gabarito.....	49
Mapa 5 – Cheios e vazios.....	49
Mapa 6 – Uso do solo.....	49
Mapa 7 – Parque, praças e áreas livres.....	50
Mapa 8 – Rede de abastecimento de água e esgotamento sanitário.....	50
Mapa 9 – Macrozoneamento.....	50
Mapa 10 – Zoneamento especial.....	51
Mapa 11 – Topografia.....	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

1.1 Tema	14
1.2 Justificativa	14
1.3 Objetivos	15
1.3.1 Objetivo Geral.....	15
1.3.2 Objetivos Específicos	15
1.4 Metodologia	15

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Cultura e arte.....	18
2.1.1 O que é Cultura?	18
2.1.2 O que é arte?.....	18
2.1.3 Breve histórico das artes plásticas no Brasil	19
2.2 Centros Culturais.....	21
2.2.1 Breve histórico do surgimento dos centros culturais no Brasil e sua importância na valorização da cultura.....	21
2.2.2 Contexto histórico do surgimento dos centros culturais em Fortaleza	22
2.3 Arquitetura de espaços culturais	23
2.3.1 Museu, galerias de arte e espaços para exposições temporárias	23
2.3.2 Auditórios.....	24
2.4 Referencial conceitual	27
2.4.1 Regionalismo Crítico	27
2.4.2 Roteiro para Construir no Nordeste.....	27

3. REFERENCIAL PROJETUAL

3.1 Juizado Cível e Criminal da Unileão – Lins Arquitetos Associados	30
3.2 Centro Universitário Maria Antônia – UNA Arquitetos	32
3.3 Centro Comunitário Kamwokya – Kéré Architecture	37
3.4 Síntese do referencial projetual	39
3.5 Estudo de Caso: Complexo Cultural Estação das Artes – Carvalho Araújo	40
3.6 Quadro síntese do estudo de caso	44

4. DIAGNÓSTICO

4.1 Contextualização e justificativa	46
4.2 Caracterização da área de intervenção	47
4.3 Parâmetros urbanísticos legislativos	50
4.4 Análise físico ambiental do sítio e entorno	52

5. PROJETO ARQUITETÔNICO

5.1 Conceito e partido	58
5.2 Programa de necessidades e setorização	58
5.3 Fluxograma e espacialização da proposta	63
5.4 Memorial Justificativo	65
5.4.1 Situação e Implantação	65
5.4.2 Térreo	66
5.4.3 Coberta	71

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE	81

1 INTRODUÇÃO

1.1 Tema

1.2 Justificativa

1.3 Objetivos

1.4 Metodologia

1.1 TEMA

O presente Trabalho de Conclusão de Curso consiste em um projeto arquitetônico de um Centro Cultural de Artes Plásticas no bairro Presidente Kennedy, mantido pela iniciativa pública e voltado principalmente para adolescentes e adultos que manifestem interesse pelo campo artístico e cultural.

A escolha para a localização do equipamento foi estratégica, nas imediações do Parque Rachel de Queiroz, um polo gerador de tráfego que recebe público de toda a cidade e região metropolitana. Um equipamento cultural próximo complementa a oferta de atividades de lazer na região, além de oportunizar aos visitantes e a população local um acesso mais facilitado à Cultura.

O projeto tem como finalidade trazer um equipamento de difusão cultural de médio porte, que atenda a população do entorno e de outras partes da cidade, funcionando ainda como um espaço de encontro, apresentação, estudo e concepção artística.

Como afirma Modinger *et al.* (2012, p. 41), a respeito da importância da valorização da arte na sociedade:

As artes são um rico campo do saber que pode estabelecer relações com a vida, a história e a cultura dos povos, o cotidiano e suas conexões com as demais áreas do conhecimento. É fundamental, tanto para a compreensão de nossa trajetória no mundo da riqueza cultural acumulada – que temos o dever de preservar – quanto para a produção de novas manifestações culturais, que precisamos incentivar.

O trabalho pretende ainda destacar a importância do centro cultural como ferramenta de transmissão, pre-

servação e valorização da Cultura.

1.2 JUSTIFICATIVA

A justificativa pelo tema escolhido surge de uma inquietação em razão do histórico de desvalorização que a Cultura vem sofrendo nos últimos anos no país. Vários fatos e acontecimentos podem ser mencionados para corroborar essa afirmação, como por exemplo, os cortes de verbas na Cultura pelo Governo Federal em 2016 (Reis, 2016). Devido à negligência quanto ao tema e, consequentemente, à falta de investimentos por parte do poder público, verificam-se incidentes em espaços culturais, como por exemplo o incêndio ocorrido no Museu Nacional em 2018, e ainda mais recentemente, a depredação do patrimônio público e cultural por meio da invasão de terroristas ao Congresso Nacional, em 8 de Janeiro de 2023 (figura 1).

Têm-se ainda, o rebaixamento do Ministério da Cultura à secretaria em 2019 no Governo Bolsonaro, retomando o *status* ministerial apenas em 1º de Janeiro de 2023 (Ministério da Cultura, 2023). Outro agravante que ameaçou a Cultura no país foi a alteração da Lei Rouanet¹, também em 2019 pelo Governo Federal oficializando uma série de mudanças nas regras para o financiamento de projetos culturais, mudanças estas que reduziam de 60 milhões, para 1 milhão de reais os limites para a

captação de recursos pelas empresas, além de redução de cachês para apresentação de artistas solo (G1, 2022).

Voltando os olhares para uma escala local, temos exemplos como a Ponte dos Ingleses, um equipamento de importante valor cultural e histórico para a cidade, que foi tombado pela Câmara Municipal de Fortaleza em 1989, e que até o momento encontra-se desativado e com obras de revitalização paradas há mais de dois anos (Falconery, 2023).

Diante desses fatos, fica evidente a negligência que a Cultura e o patrimônio têm enfrentado por parte do poder público.

É nesse contexto de desvalorização que o projeto aqui proposto pretende atuar, destacando a importância de equipamentos que valorizem a arte e a Cultura do país, a fim de buscar reverter ou mitigar os prejuízos ocasionados até então.



Fonte: Marcelo Camargo, 2024

Figura 1 – Atentado ao Congresso Nacional em Janeiro de 2024.

1. A Lei 8.313/1991, conhecida por Lei Rouanet, é o normativo federal que institucionalizou o incentivo à cultura, por meio da criação do Programa Nacional de Apoio à Cultura – Pronac, de responsabilidade do Ministério da Cultura – MinC (Tribunal de Contas da União, 2018).

Milanesi (2003, p. 269), afirma que:

Nenhuma sociedade faz a Cultura essencial porque lhe sobram recursos, mas, ao contrário, porque há carências a serem superadas. Os países mais desenvolvidos são aqueles que mais investem nas atividades educacionais e na Cultura, nos programas de informação, nas formas que a sociedade encontra para tornar o conhecimento acessível a todos os cidadãos e nos esforços que faz para ampliar o conhecimento. Enquanto o País não tomar como prioridade a batalha do conhecimento, não haverá como superar todas as feridas e sequelas que a ignorância propicia.

Apesar do descaso visto em relação à Cultura nos últimos governos, o atual Governo Lula, desde o início de 2023, tem sinalizado uma política de retomada dos investimentos públicos para o setor cultural. Este movimento é exemplificado pela regulamentação da Lei Paulo Gustavo² em 12 de Maio de 2023 (Brasil, 2023), bem como pelo desbloqueio de aproximadamente um bilhão de reais em recursos destinados à Cultura pela Lei Rouanet, anteriormente retidos desde 2022 por uma decisão de cunho político emanada da Secretaria Especial de Cultura (Gomes, 2023).

Com a retomada dos investimentos no setor a nível Federal, o cenário atual se mostra favorável à implantação de equipamentos voltados para a valorização das práticas culturais.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Este trabalho tem como objetivo geral propor um anteprojeto de arquitetura de um Centro Cultural de Artes Plásticas no bairro Presidente Kennedy, no município de Fortaleza, no Estado do Ceará,

com o intuito de promover a valorização das práticas culturais, além de servir como um espaço de encontro, aprendizado e concepção artística.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Estudar sobre o conceito de Cultura, contextualizar o panorama das artes plásticas no Brasil, e investigar os eventos históricos que contribuíram para o surgimento dos centros culturais tanto em escala nacional quanto local;
- Analisar conteúdo bibliográfico especializado a fim de identificar diretrizes de projeto arquitetônico voltadas para equipamentos culturais, incluindo museus, bibliotecas e auditórios.
- Compreender o conceito de Regionalismo Crítico bem como sua aplicação na arquitetura a fim de criar um equipamento que dialogue com seu local de inserção;
- Analisar projetos de referência a fim de embasar a construção do programa de necessidades a ser proposto, além de criar repertório das edificações de mesma tipologia para subsidiar a elaboração do projeto arquitetônico;
- Realizar diagnóstico da área escolhida a fim de conhecer os principais aspectos da região para que se possa produzir um projeto que esteja de acordo com os parâmetros urbanísticos e que atenda plenamente a população.

gráfico para pesquisas mais aprofundadas, acerca do tema englobando o histórico dos centros culturais em escala nacional e local, bem como o desenvolvimento das artes plásticas no Brasil. Foram consultados ainda, materiais que fornecem orientações relevantes para o projeto arquitetônico de espaços de exposição, auditórios e bibliotecas.

A segunda etapa consistiu na análise de referenciais projetuais, assim como estudo de caso, que contribuíram com a proposta do trabalho e com o programa de necessidades do equipamento. Foram estabelecidos como premissas básicas para a escolha, projetos que estivessem relacionados com a arquitetura local, arquitetura de centros culturais, eficiência energética e conforto térmico.

Após a etapa dos projetos de referência, foram realizadas visitas técnicas aos possíveis terrenos de implantação para que a escolha do lote fosse realizada de forma mais assertiva.

Feito isso, seguiu-se para o diagnóstico urbano e legislativo da área escolhida, a fim de coletar dados relacionados aos indicadores sociais, legislação, análise urbanística e características físico espaciais do terreno e entorno.

Por último, conforme resume a figura 2, seguiu-se para etapa projetual, onde consolidou-se todo o conhecimento reunido durante a pesquisa e partiu-se para a elaboração do anteprojeto arquitetônico do Centro Cultural.

1.4 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do trabalho aqui proposto, a metodologia utilizada consistiu nas etapas descritas a seguir:

Na primeira etapa foi realizado levantamento biblio-

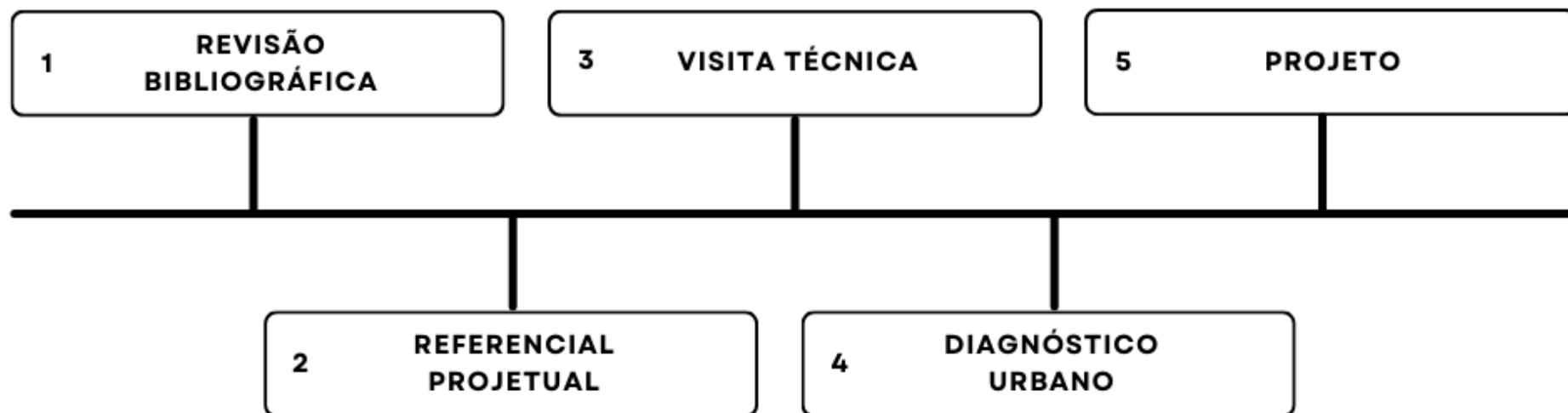


Figura 2 – Delineamento da pesquisa.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Cultura e arte

2.2 Centros Culturais

2.3 Referencial conceitual

2.1 CULTURA E ARTE

2.1.1 O que é Cultura?

A palavra Cultura teve diversos significados ao longo do tempo. Segundo Thompson (2011), embora haja pouco consenso em relação ao significado da palavra Cultura, muitos analistas se preocupam com o estudo dos fenômenos culturais. Isto se dá pelo fato de a vida social não seguir um percurso definido sem sofrer influências do meio social, e sim por depender de ações e expressões significativas que moldam o ser.

Santos (1987), por sua vez, afirma que a Cultura não se limita apenas a uma parte específica da vida social, como a arte ou a religião. Ela está presente em todos os campos da sociedade. Além disso, Cultura não é algo independente, ela está associada com a realidade de onde existe. “Cultura é um produto coletivo da vida humana” (Santos, 1987, p. 47). O autor ainda ressalta sua importância nas lutas sociais por um futuro melhor e na promoção do progresso social e da igualdade.

Outra definição para Cultura, e uma das primeiras definições formais, pode ser atribuída ao antropólogo britânico Edward Burnett Tylor (1832 - 1917), onde expressa que Cultura e civilização constituem um conjunto complexo de coisas que inclui conhecimento, crenças, expressões artísticas, ética, direito e habilidades adquiridas pelos seres humanos como parte de uma sociedade, desenvolvendo um papel fundamental na definição da identidade e estilo de vida das comunidades humanas. (Tylor, 1871 *apud* Cuche, 1999).

Cuche (1999, p. 35) comenta:

Para Tylor, a cultura é a expressão da totalidade da vida social do homem. Ela se caracteriza por sua dimensão cole-

tiva. Enfim, a cultura é adquirida e não depende da hereditariedade biológica. No entanto, se a cultura é adquirida, sua origem e seu caráter são, em grande parte, inconscientes.

Cultura não é algo estático, com isso Santos (1987) ressalta que tentar entender as culturas, traços e características que as definam, pode fazer com que achemos que Cultura é algo acabado ou definido, porém, a Cultura é algo dinâmico e mutável.

Pode-se então concluir que tudo que o homem cria e incorpora à sociedade se enquadra no âmbito da Cultura. As comunidades possuem suas próprias crenças, tradições e características distintas que moldam seu estilo de vida, tornando a Cultura um reflexo da identidade de um povo, e através dela é possível adquirir uma compreensão mais profunda da sociedade.

2.1.2 O que é arte?

Quando se fala de Cultura, também deve-se falar de Arte. “Não podemos entender a cultura de um país sem conhecer sua arte. Sem conhecer as artes de uma sociedade, só podemos ter conhecimento parcial de sua cultura” (Barbosa, 1998, p. 16).

A arte é algo inerente ao ser humano. Duarte Júnior (1981) afirma que desde que o homem existe no mundo, a arte também existe. E das culturas pré-históricas a arte é a única coisa que sobrou. Sendo assim entende-se

que a arte é produzida pelo homem, e sem ele a arte não existiria. Buoro (2000, p. 29) destaca que “no percurso da história não há civilização que não tenha produzido arte”.

Barbosa (1998) defende que por meio das artes podemos representar traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam uma sociedade ou grupo. A arte é uma linguagem que tem o poder de transmitir significados que as linguagens discursiva e científica não são capazes de o fazer. Além disso, as artes possibilitam desenvolver a percepção e a imaginação, proporcionando um entendimento mais profundo do ambiente, possibilitando uma análise crítica da realidade percebida e alimentando a criatividade para realizar mudanças no que foi examinado.

A arte é um meio para expressar a imaginação, assim Duarte Júnior (1981, p. 96) afirma:



Fonte: Maurício Pokémon, 2019.

Figura 3 – Pintura rupestre em caverna na Serra da Capivara, Piauí

Através da arte a imaginação pode realizar sua potencialidade, criando sentidos fundados nos sentimentos, desdobrando e detalhando-os. Por isso a arte é também um fator de descoberta: por ela a imaginação descobre e cria elementos até então insuspeitados na maneira de nos sentirmos no mundo; com ela colocamo-nos em posição similar à da criança, para quem a descoberta de novos eventos é motivo de prazer e fantasia.

O mesmo autor ainda explica que a arte tem a função de materializar as emoções que não podem ser completamente transmitidas pela linguagem, possibilitando ao ser humano explorar um espaço que antecede o pensamento e representa o primeiro encontro do homem com o mundo. Assim, ao se concentrar em transmitir sentimentos, a arte pode oferecer uma oportunidade de aprofundar sua compreensão pessoal, bem como de diferenciar os padrões e a natureza de suas emoções.

O ser humano se expressa por meio da arte desde a pré-história (figura 3).

“Portanto, entendendo arte como o produto do embate homem/mundo, consideramos que ela é vida. Por meio dela, o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que se descobre, inventa, figura e conhece” (Buoro, 2000, p. 25).

2.1.3 Breve histórico das artes plásticas no Brasil

A presença da arte na trajetória da humanidade remonta aos primórdios da raça humana. De acordo com Mostaço (2012), a arte existe desde a pré-história, manifestando-se por meio de representações pictóricas nas cavernas e danças dramáticas coletivas, as quais vividamente retratavam o cotidiano humano da época.

No Brasil, de acordo com Acquarone (1980) o surgimento das artes plásticas inicia-se com os povos indígenas originários, antes do descobrimento do país pelos portugueses (figura 4). O autor afirma que o acervo catalogado nos museus evidencia a existência de uma rica Cultura nativa nas raças que habitavam o Brasil, muito antes da chegada das caravelas, atestando a presença histórica e a diversidade cultural desses povos.

Gutierrez (2015) também afirma que a história das artes plásticas no Brasil é anterior à chegada do Barroco com os colonizadores portugueses, destacando-se pelo período pré-colombiano e pela produção artística indígena. O autor critica a perspectiva eurocêntrica na história da arte brasileira, que associa o início da produção artística ao Barroco, e negligencia as origens da história local. Isso resulta em desafios para a compreensão e preservação da produção artística indígena, que tem registros insuficientes e que são frequentemente confundidos com arte rupestre, devido à falta de conhecimento e documentação.

Acquarone (1980) destaca que de acordo com pesquisas modernas é possível atestar que os colonizadores do Brasil exerceram um trabalho destruidor sobre a civilização nativa, pois se a Cultura dos povos nativos tivesse sido incentivada pelos dominadores, talvez hoje teríamos uma arte mais desenvolvida, valorizada e própria.



Figura 4 – Cerâmica Marajoara: uma das mais antigas tradições artísticas dos indígenas brasileiros

Segundo Gutierrez (2015) há uma lacuna temporal entre a produção artística indígena e o advento do estilo Barroco no Brasil, atribuindo essa discrepância à visão inicial do Brasil como uma colônia de exploração econômica, com pouco interesse na promoção da arte. O autor argumenta que o Barroco chegou ao Brasil apenas no século XVIII, trazido pelas missões católicas jesuítas, contrastando com o seu surgimento na Europa no século XVII.

Por sua vez, Acquarone (1980) expressa que o primeiro período verdadeiramente histórico da arte no Brasil, em contraste com o precedente que pode ser chamado pré-histórico, engloba um período de três séculos. “Vem desde o descobrimento até a chegada da missão francesa no tempo de D. João VI” (Acquarone, 1980, p. 75).

O mesmo autor argumenta que os portugueses estavam mais interessados nas riquezas das Índias e não dedicaram esforços à produção artística no Brasil. Após um século de descobrimento, o país ainda não contava com a presença de nenhum único artista, pois o principal foco dos portugueses era a doutrinação das pessoas por meio do dogma religioso, responsabilidade que foi assumida pelo jesuitismo. Assim, o único caminho era produzir arte para a igreja, a partir disso sucederam-se nossas primeiras manifestações artísticas (Acquarone, 1980).

No que se refere ao início do período neoclássico no país, segundo Gutierrez (2015), a chegada da corte portuguesa em 1808 impulsionou uma transformação no cenário cultural do Brasil colônia, resultando em mudanças significativas. Nesse contexto, Dom João VI convocou a Missão Artística Francesa, cuja missão era distanciar a produção artística nacional do estilo Barroco, já considerado obsoleto na Europa.

Acquarone (1980) afirma que para alguns críticos a chegada da Missão Francesa foi um bem e para outros “um mal para a arte nacional” (Acquarone, 1980, p. 113). O autor expressa que se não fossem os artistas franceses, que embarcaram para o Brasil na manhã de 22 de Janeiro de 1816, a arte brasileira teria continuado nos conventos e igrejas.

Antes de iniciar o período da arte moderna no Brasil, Acquarone (1980) expressa sobre a época dos ismos que caracterizou o período entre as duas grandes guerras mundiais repercutindo nos meios artísticos de todo o mundo. O autor sugere que no século XX, a expressão artística não mantivera uma linguagem unificada, caracterizando-a como “uma confusão total” de formas, cores e estilos diversos (Acquarone, 1980, p. 224).

Gutierrez (2015) por sua vez afirma que durante a

Segunda Guerra Mundial, a ascensão dos Estados Unidos como uma potência econômica provocou a mudança da considerada capital mundial da arte de Paris para Nova Iorque. O autor destaca que é nesse período que muitos identificam o início da arte contemporânea. Impulsionada por avanços tecnológicos e novos meios de comunicação, as distâncias, tanto reais quanto virtuais, pareciam encurtar, dando origem à arte contemporânea sem uma direção específica. Nesse contexto, surgiram diversas escolas e estilos, como a Pop Art, Expressionismo Abstrato, Minimalismo, entre outros.

Acquarone (1980) afirma que foi a vinda de Anita Malfatti em 1917 que desencadeou a polêmica sobre a arte moderna no Brasil. Anita, juntamente com outros intelectuais brasileiros, agitou o cenário artístico ao introduzir telas com tendências futuristas, alinhando-se à moda europeia da época.

Em 1922 foi lançada a famosa Semana de Arte Moderna, conforme expressa Acquarone (1980, p. 227).

Foi o pintor e ilustrador Di Cavalcanti quem teve a iniciativa de reunir todo o grupo de vanguarda e através do homem de negócio e intelectual Paulo Prado, lançaram a famosa “Semana de Arte Moderna”.

Diversos artistas participaram dessa semana, dentre eles: Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, entre outros. A Semana de Arte Moderna iniciou um novo período para as artes plásticas no Brasil (Acquarone, 1980).

O autor afirma ainda que mais tarde, em 1951, iniciou-se uma nova fase nas artes brasileiras, uma era que persiste até os dias atuais, gerando debates e análises entre os historiadores. Além disso, em meados do século XX, o Abstracionismo surgiu no cenário artístico brasileiro, embora com mais de meio século de atraso em relação à sua origem na Europa. O Primitivismo também se destacou como uma corrente que permeou os salões, sendo caracterizada por pintores autodidatas e artistas ligados às raízes populares.



Fonte: Archdaily, 2011.

Figura 5 – Centro Cultural Georges Pompidou.

2.2 CENTROS CULTURAIS

2.2.1 Breve histórico do surgimento dos centros culturais no Brasil e sua importância na valorização da cultura

O surgimento dos centros culturais, segundo Milanesi (2003, p. 77), provavelmente tiveram sua origem na Biblioteca de Alexandria, que “pode ser caracterizada como o mais nítido e antigo centro de Cultura”.

De acordo com Milanesi (2003, p. 78):

Essa Biblioteca juntava a inteligência da época em torno dos rolos de papiro para escrever, discutir, copiar, reescrever, num processo complexo e contínuo, sem-fim, entrelaçando idéias, bifurcando reflexões no cipoal próprio quando há liberdade do pensamento.

No que se refere aos centros culturais modernos, como afirma Milanesi (2003), os franceses foram os pioneiros em sua criação. O Centro Cultural Georges Pompidou (figura 5), inaugurado em 1977 em Paris, foi o elemento provocador que incentivou a criação de centenas destes equipamentos mundo afora. O autor afirma ainda, que o Brasil também foi influenciado pela França na criação de centros culturais, pois após a construção e divulgação do Centro Cultural Georges Pompidou, tais equipamentos se proliferaram no país.

Segundo Neves (2012), o Brasil começou a se interessar por centros culturais a partir da década de 60 e apenas por volta dos anos 80 esses equipamentos foram sendo construídos. Estimando que os primeiros centros culturais a surgirem no Brasil foram, Centro Cultural do Jabaquara e depois, Centro Cultural São Paulo. Dentre os mais importantes centros culturais no Brasil destacam-se: Centro Dragão do

Mar de Arte e Cultura, em Fortaleza, Ceará; Sesc Pompeia, na zona oeste da cidade de São Paulo; Centro Cultural Banco do Brasil, no Centro do Rio de Janeiro.

Milanesi (2003) afirma que não é possível mensurar quantos centros culturais ou quantas instituições foram registradas com esse nome no Brasil, pois bibliotecas, teatros e museus, juntos ou isoladamente podem ser identificados como centros culturais.

O mesmo autor afirma que não há um modelo fechado e específico de centro cultural, pois o equipamento reflete as tradições e Cultura do local de implantação. Por isso, um centro cultural no estado do Piauí, não será igual a um centro cultural no estado do Rio Grande do Sul, por exemplo. “A formação social é um dos fatores mais importantes para delinear uma política de Cultura, incluindo aí as formas e funções dos espaços a ela destinados” (Milanesi, 2003, p. 27). “A programação do centro cultural e as suas características físicas começam a ser definidas pela escolha do local onde ele será construído” (Milanesi, 2003, p. 171).

Portanto, os centros culturais precisam suprir as necessidades da população usuária. Com isso, Coelho (1986) afirma que o propósito de um centro cultural está intrinsecamente ligado ao contexto em que ele se encontra, sendo de extrema importância que suas atividades estejam intimamente relacionadas à realidade da comunidade local, envolvendo-se com os acontecimentos e necessidades da região, evitando qualquer tipo de vinculação exclusiva a uma determinada classe social, ao mesmo tempo em que não deve adotar uma postura apolítica ou neutra em suas ações.

A respeito da importância desse tipo de equipamento, Milanesi (2003) expressa que com frequência surgem dúvidas sobre a necessidade de centros

culturais, pois como os gastos são altos, é preciso justificar com veemência sua existência. A justificativa para tal equipamento varia, mas em sua maioria diz respeito à importância que o centro cultural tem na manutenção e difusão da Cultura. Há quem duvide. “Para uns, ela é fundamental e para outros não passa de mau uso de recursos públicos” (Milanesi, 2003, p. 200). O autor ainda afirma que, “os centros culturais são espaços para cultivar a capacidade de romper e criar” (Milanesi, 2003, p. 145).

Cenni (1991, p. 184) por sua vez, expressa que “A matéria prima do centro cultural é, evidentemente, a Cultura”. O autor declara que o centro cultural é um lugar que oferece diversas opções como “consultas e leituras em uma biblioteca, apreciação de exposições, atividades do setor de oficinas [...] enfim, um espaço que abrigue e possibilite essa diversidade de expressões de forma a propiciar uma circulação dinâmica na cultura” (Cenni, 1991, p. 1). O mesmo autor afirma ainda que no centro cultural constantemente estão acontecendo eventos que convidam a população a vivenciarem esses espaços.

Ainda sobre a importância dos centros culturais, Milanesi (2003) expressa que desempenham um papel crucial, não apenas como uma mera memória social, uma vez que se dedicam a pensar e promover o coletivo através da análise, da crítica e da inovação. Nesse sentido, a reflexão e a organização surgem como pilares essenciais das atividades de um centro cultural.

Além disso, quando as pessoas perceberem a importância do acesso à Cultura tanto para suas vidas individuais quanto para a sociedade, o acesso ao conhecimento se tornará uma demanda fundamental. “Por enquanto, isso não ocorre. Há um círculo vicioso que leva a não dar valor ao conhecimento porque não há conhecimento” (Milanesi, 2003, p. 212). Assim o autor enfatiza que a partir do momen-



Figura 6 – Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.

to que essa falta de valorização com a Cultura for rompida, “a Cultura passará a ter uma dimensão maior, uma necessidade e não um mero adorno que se estende sobre o grave quadro social do país” (Milanesi, 2003, p. 2012).

Portanto, os equipamentos culturais desempenham um papel crucial ao servir como meios para quebrar o ciclo prejudicial da ignorância e se tornam recursos essenciais para promover a valorização da Cultura e intelectualidade.

2.2.2 Contexto histórico do surgimento dos centros culturais em Fortaleza

No Ceará, conforme Barbalho (2000), nos anos 90, as políticas culturais adotadas pelo Governo do Es-

tado refletiam a atuação do grupo político autodenominado “geração das mudanças”. O objetivo desse grupo era modernizar o Estado, e essa modernização seria realizada por meio da implementação de uma indústria cultural, com destaque para um polo audiovisual.

Segundo as ideias expressas por Gondim (2000), havia um interesse político na transformação de Fortaleza em um centro turístico, utilizando políticas de atração de investimentos que incluíam incentivos fiscais e a aplicação da estratégia de *place-marketing*. O intuito era fortalecer a atratividade da região para

investimentos tanto no setor turístico quanto no industrial.

Barbalho (2000) afirma que foi através da Lei Jereissati de Incentivo à Cultura² que se passou a investir em 1996 na criação do Instituto Dragão do Mar da Indústria de Audiovisual. É nesse contexto de modernização e com o intuito de inserir o Ceará na cena cultural nacional, que o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (figura 6) foi estabelecido como o primeiro grande centro cultural do estado.

Conforme Gondim (2007), a iniciativa teve como propósito atuar como um catalisador para uma política cultural, visando impulsionar o turismo em Fortaleza. Além disso, a construção do equipamento tinha ainda o intuito de revitalizar a antiga área portuária da cidade, desempenhando um papel sig-

nificativo na recuperação do espaço público.

De acordo com Schramm (2001) uma série de alterações na legislação da LUOS foi realizada para receber o equipamento. Dentre elas transformar a Praia de Iracema em uma área de interesse urbanístico, além disso a área que abrigava o Poço da Draga e o terreno onde seria construído o centro cultural foram transformadas em área de revitalização urbana, podendo assim sofrer alterações significativas. De acordo com Fontenele (2003), uma série de intervenções foram realizadas na região com o intuito de trazer uma infraestrutura suficiente para receber os turistas. Assim, a decisão de construir o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura consolidou a imagem de uma nova Praia de Iracema.

Segundo Botelho (2005) após a abertura do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, a região experimentou uma rápida ocupação por diversas atividades econômicas, influenciadas pelo perfil do público que passou a frequentar o local. Conforme destacou o autor, surgiram predominantemente estabelecimentos como bares e boates, enquanto lojas de artesanato e espaços de exposição se apresentaram em menor quantidade.

O mesmo autor ainda destaca diversas consequências das intervenções realizadas na área. Atestando que a revitalização foi focalizada, abrangendo um conjunto limitado de quarteirões que circundavam o grande equipamento cultural instalado. Além disso, destaca ainda que a área não possuía um conjunto histórico reconhecido e tombado como monumento. Assim, a transformação dos edifícios da região em patrimônio histórico, mesmo sem o tombamento oficial, ocorreu como resultado direto da implementação do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC).

2. Lei de Incentivo à Cultura (Lei nº 12.464), de 29 de Junho de 1995, conhecida como a Lei Jereissati, promulgada no segundo mandato de Tasso Jereissati como governador (Ribeiro, 2020).

Em breve síntese, a trajetória do surgimento dos centros culturais no Ceará foi um processo abrangente de modernização e transformação urbana impulsionado por políticas culturais e turísticas nas décadas de 90. Inicialmente concebido para modernizar o Estado, o primeiro centro cultural de grande porte do Ceará, o CDMAC, tornou-se um marco na promoção da indústria cultural, especialmente no setor audiovisual.

2.3 ARQUITETURA DE ESPACOS CULTURAIS

2.3.1 Museu, galerias de arte e espaços para exposições temporárias

Conforme o Instituto Brasileiro de Museus - Ibram (2020), a concepção e construção de um espaço museal deve considerar as funções de exposição, conservação, gestão, e acolhimento de visitantes. De acordo com Walshaw (Architizer, [s.d.]), é importante considerar as características específicas e o contexto de inserção do projeto do museu, pois essas instituições podem variar muito em tamanho, tipo e finalidade. Priorizar a recepção dos visitantes logo nos primeiros metros do museu é essencial. A implementação de sinalização direcional pode orientar os visitantes para diferentes seções e exposições, além de fornecer informações sobre eventos atuais. Os projetos de museus frequente-

Sobre as circulações, Walshaw (Architizer, [s.d.]), expressa que devem funcionar de forma intuitiva e contar uma narrativa, podendo seguir uma estrutura linear com um começo, meio e fim, ou adotar um formato de *loop*, levando os visitantes através das coleções e terminando onde começaram. Alternativamente, pode-se optar por um leiaute de núcleo e satélites, com áreas centrais conectadas a pequenas salas de exposição. Em alguns casos, uma combinação dessas formas pode ser utilizada. A figura 7, trata-se de um diagrama de um possível leiaute para pequenos museus.

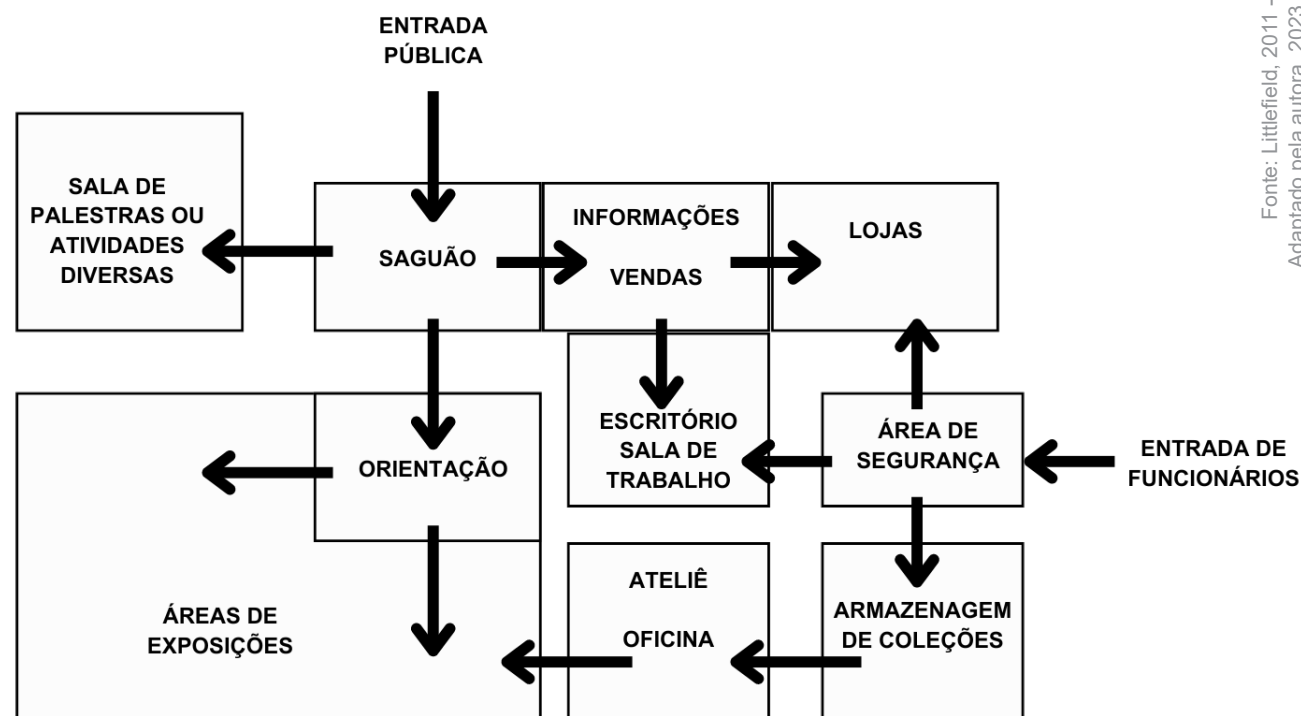


Figura 7 – Sugestão de leiaute para pequeno museu.

Fonte: Littlefield, 2011 -
Adaptado pela autora, 2023.

Observa-se na figura 7, o acesso principal ocorrendo através de um amplo saguão, com um espaço para informações localizado logo ao lado. Após o saguão, estão situadas as áreas de exposições, adjuntas aos espaços de oficinas e ao salão de armazenagem do acervo. Além disso, é possível notar que a entrada dos funcionários ocorre por um acesso isolado, separado do acesso do público visitante, sendo este acesso dos funcionários também conectado à área de armazenagem e, por conseguinte, oferecendo acesso ao salão de exposições. Assim, todo o espaço é organizado em torno do salão de exposição, o qual constitui o núcleo central em um museu ou galeria de arte.

Sobre acessibilidade, Ibram (2020), exprime que, ao projetar, é fundamental considerar as legislações e os princípios da acessibilidade universal e cultural, garantindo a análise das possibilidades e condições para o alcance, utilização, segurança e autonomia dos espaços, mobiliários, informações e comunicações. É importante ainda adotar soluções que facilitem a manutenção da edificação, considerando as disponibilidades econômicas e financeiras da instituição. Deve-se também considerar as dimensões dos equipamentos e móveis dos ambientes ao dimensionar as esquadrias como janelas e portas, a fim de evitar problemas com o acesso de equipamentos de maior porte.

De acordo com Littlefield (2011), é comum que alguns museus exponham apenas uma parte do seu acervo em determinado momento, mantendo uma parte maior armazenada e acessível apenas para pesquisa e conservação. Portanto, é imprescindível a existência de um espaço de armazenamento para esse acervo que não está exposto. Também é importante pensar em um esquema que permita que estas áreas de armazenagem sejam irrestritas com o intuito de permitir o estudo da coleção. No que se refere a iluminação, de acordo com Ibram

(2020), é essencial realizar um projeto técnico de iluminação artística, que inclua equipamentos específicos para realçar as peças do acervo, considerando uma variedade de métodos de iluminação.

Deve ser prevista a utilização de métodos variados de iluminação, como iluminação pontual, iluminação lavada e iluminação de detalhes, além de sistemas de iluminação embutida e de trilhos eletrificados, de acordo com as características dos forros de cada ambiente e com os efeitos pretendidos. O baixo consumo, reprodução de cor, não emissão de raios UV (ultravioleta) e IV (infravermelho) e a eficiência energética devem ser preocupações nesse projeto (Ibram, 2020, p. 34).

Walshaw (Architizer, [s.d.]), expressa que é fundamental evitar mudanças abruptas de luz, a fim de evitar desconforto aos visitantes. No entanto, as variações na iluminação são uma ferramenta valiosa para gerar interesse, como por exemplo, ao criar destaques e sombras ao redor das coleções, como mostra a figura 8.

De acordo com Littlefield (2011), é fundamental dedicar atenção especial ao controle adequado da umidade relativa do ar, da temperatura, e da poluição do ar em áreas destinadas à exposição, conservação e armazenamento. Em situações de climas extremos, pode ser necessário implementar sistemas de condicionamento total de ar.

2.3.2 Auditórios

Serroni [s.d.] descreve o auditório como sendo uma edificação equipada para a realização de eventos que não necessitem de maquinaria cênica, diferentemente dos teatros, e que atendam às necessidades básicas de som e iluminação conforme requisitos específicos. Carvalho e Gonçalves (2019) por sua vez, expressam que é fundamental que os auditórios ofereçam conforto em diversos pontos, considerando que seus usuários permanecerão por longos períodos durante aulas, palestras, etc. Littlefield (2011) destaca que o volume tridimensional de um auditório é motivado pela necessidade de garantir que todos os membros da plateia tenham uma visão completa do palco e possam ouvir claramente o que é apresentado. Disposição, material dos assentos, e inclinação do piso são ajustados de forma a atender a esses requisitos, e ainda garantir um nível de conforto satisfatório aos usuários.



Fonte: Archdaily, 2012.

Figura 8 – Iluminação Museu Mapuche de Cañete

DIMENSÕES MÍNIMAS PARA ASSENTOS EM AUDITÓRIOS	
LARGURA ASSENTO COM APOIO BRAÇOS	500 mm
LARGURA ASSENTO SEM APOIO BRAÇOS	450 mm
LARGURA APOIO PARA BRAÇOS	50 mm
ALTURA ASSENTO	430 a 450 mm
ALTURA ESPALDAR	800 a 850 mm ACIMA DO NÍVEL DO PISO
PROFUNDIDADE ASSENTO	600 a 720 mm PARA PROFUNDIDADE TOTAL DO ASSENTO E DO ESPALDAR

Quadro 1 – Dimensões mínimas para assentos em auditórios

No que se refere às dimensões dos assentos em um auditório, o mesmo autor expressa alguns valores mínimos estipulados pela norma britânica, e constantes no quadro 1.

Littlefield (2011) ainda afirma:

Os assentos geralmente são distribuídos em fileiras retas ou curvas voltadas para a plataforma ou palco. As outras opções são fileiras anguladas, a fileira reta com mudança de direção em curva e fileiras retas com blocos de assentos (Littlefield, 2011, p. 472).

A figura 9 exemplifica diversas formas de distribuição dos assentos como mencionado pelo autor. Estas disposições acabam por criar setores em cada grupo de poltronas.

O número máximo de assentos em uma fileira é 22 quando houver corredores nas duas extremidades. Se houver corredor em apenas uma extremidade da fileira, o máximo admitido serão 11 assentos (Littlefield, 2011).

Fonte: Littlefield, 2011 - Adaptado pela autora, 2023.

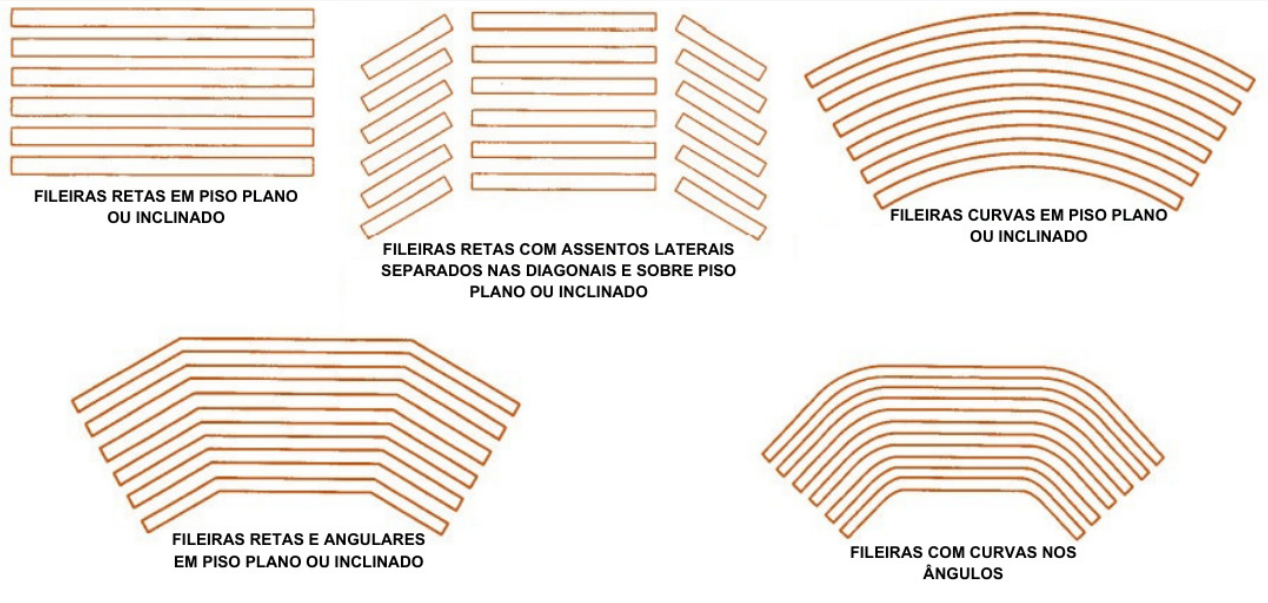
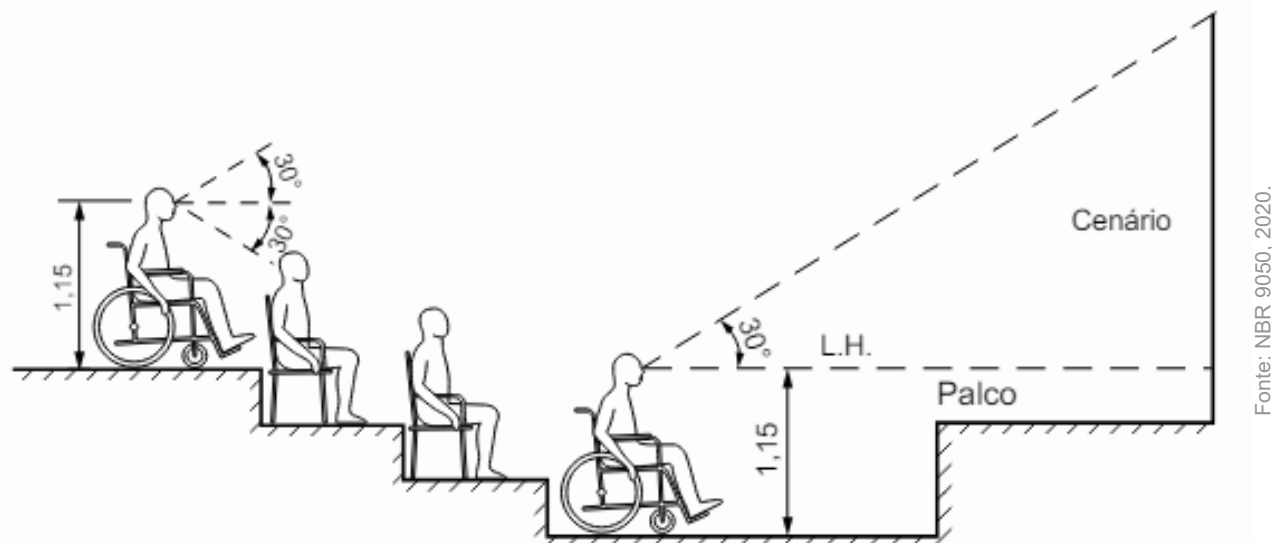


Figura 9 – Fileiras de assentos em auditórios.



Para garantir uma adequada experiência do público, Soler (2004) expressa que é imprescindível que os espectadores desfrutem de uma visibilidade clara e de uma qualidade sonora excelente. Reduzir a distância entre o palco e a plateia constitui uma estratégia eficaz, tanto do ponto de vista visual quanto acústico. Uma boa correlação entre visibilidade e audição é fundamental para promover uma comunicação eficaz entre os artistas e o público. Outra estratégia para garantir boa visibilidade e acústica é o escalonamento do piso (figura 10), pois garante a recepção adequada do som direto pela audiência e evita o paralelismo entre os planos teto e piso.

Conforme NBR 9050 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2020), os auditórios devem possuir na área destinada ao público, assentos reservados para pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida. Dessa forma a localização de assentos para pessoa em cadeira de rodas (P.C.R.) e pessoa com mobilidade reduzida (P.M.R.) deve ser calculada de forma a permitir a visualização das atividades que estão sendo realizadas no palco (figura 11).



No que se refere aos corredores em auditórios, além de serem espaços de circulação, é importante considerar que eles também configuram-se como importantes rotas de fuga, e suas dimensões são determinadas pelo número de assentos da fileira atendida. Para tal, a dimensão mínima que se admite é de 1,10 m de largura, e seus degraus devem ter pisos e espelhos homogêneos em cada lance (Littlefield, 2011).

A respeito dos pontos de entrada do auditório Littlefield (2011), expressa que eles devem estar essencialmente conectados com os corredores. Além disso, a entrada deve ser mais larga possibilitando que haja espaço para conferência de ingressos quando for o caso.

2.4 REFERENCIAL CONCEITUAL

2.4.1 Regionalismo Crítico

Surgido em 1981, o conceito de Regionalismo Crítico inicialmente foi introduzido pelos teóricos Alexander Tzonis e Liane Lefaivre, e posteriormente foi desenvolvido por Kenneth Frampton em sua obra "História Crítica da Arquitetura Moderna" (1983). Em resumo, o conceito aborda a ideia de uma arquitetura que interage com a identidade local e sua construção, objetivando expressar a essência do lugar através da linguagem construtiva e dos materiais a serem utilizados (Nesbitt, 2006).

O Regionalismo Crítico neste trabalho, foi explorado como conceito devido o interesse em criar uma abordagem arquitetônica que priorize o contexto e a cultura local como premissas principais para o desenvolvimento do projeto.

Como sintetiza Frampton (1997), o Regionalismo Crítico prioriza plantas de menor escala em vez de grandes dimensões. Em vez de destacar a construção no terreno como algo independente, direciona o foco para o território que a estrutura construída ocupa. Criando assim uma delimitação, que faz com

que o arquiteto reconheça os limites físicos respeitando e entendendo o ponto onde o ato de construir termina. Promove a concepção da arquitetura de forma que seja enraizada em seu contexto, evitando a criação de espaços isolados e superficiais, buscando uma abordagem integrada e contextualizada com o meio (Frampton, 1997).

De acordo com Frampton (1997, p. 396-397):

Pode-se afirmar que o Regionalismo crítico é regional na medida em que invariavelmente enfatiza certos fatores específicos do lugar, que variam desde a topografia, vista como uma matriz tridimensional à qual a estrutura se amolda até o jogo variado da luz local que sobre ela incide. A luz é sempre entendida como o agente básico por intermédio do qual o volume e o valor tectônico da obra são revelados. Uma resposta articulada às condições climáticas é um corolário necessário a tal especificidade. O Regionalismo crítico, portanto, opõe-se à tendência da "civilização universal" de privilegiar o uso de ar-condicionado, etc. Tende a tratar todas as aberturas como zonas delicadas de transição com capacidade de reagir às condições específicas impostas pelo lugar, pelo clima e pela luz.

O Regionalismo Crítico tenta promover uma cultura contemporânea enraizada no local, sem se tornar excessivamente fechada. Se opõe à homogeneização da arquitetura globalizada e procura uma sintonia entre o contemporâneo e o vernacular, valorizando a experiência sensorial e a identidade cultural do meio (Frampton, 1997).

Portanto, para a proposta do Centro Cultural, busca-se in-

corporar o conceito de Regionalismo Crítico com o intuito de projetar um equipamento que estabeleça uma relação plena com o contexto do local.

2.4.2 Roteiro para Construir no Nordeste

A obra de Armando de Holanda – Roteiro para Construir no Nordeste - dialoga com o conceito de Regionalismo Crítico desenvolvido por Frampton (1983), logo, serviu como elemento norteador para alcançar o conceito adotado no projeto arquitetônico do Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz. Na obra, que se trata de sua dissertação de mestrado, o autor redige um roteiro baseado em sua vivência de oito anos de atuação como arquiteto no Nordeste. Roteiro este que resulta na proposição de soluções arquitetônicas que dialoguem com as condições físico-espaciais, bioclimáticas, e culturais do Nordeste (Holanda, 1976).

Inicialmente, Holanda (1976) sugere a criação de uma cobertura ampla e alta, combinada com o recuo das paredes da edificação, o que resulta na proteção contra a insolação direta nas fachadas e na formação de espaços sombreados no exterior. Além disso, essa configuração da cobertura, propicia uma circulação de ar mais eficaz, contribuindo para a eficiência energética do edifício (figura 15).

A respeito da permeabilidade da edificação, Holanda (1976) sugere que se criem paredes vazadas, permitindo a entrada de luz filtrada e ventilação. Ele sugere ainda o uso do cobogó enfatizando sua estética e funcionalidade (figura 16).

Sobre a fluência dos ambientes exteriores e interiores, Holanda (1976) sugere o uso de portas externas vazadas, e a continuação dos espaços. "Deixemos o espaço fluir, fazendo-o livre, contínuo e desafogado. Separemos apenas os locais onde a privacidade

Fonte: Roteiro para construir no Nordeste – Armando de Holanda, 1976.

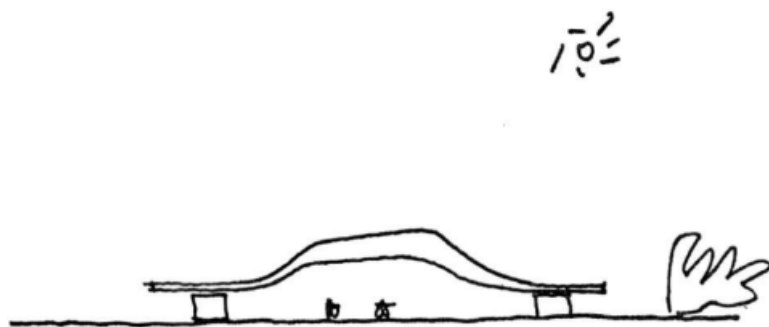


Figura 15 – Criar uma sombra – Roteiro para Construir no Nordeste.

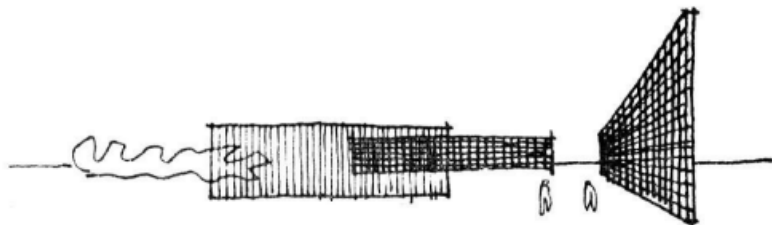


Figura 16 – Vazar os muros – Roteiro para Construir no Nordeste.

de, ou a atividade neles realizada, estritamente o recomende” (Holanda, 1976, p. 31) (figura 17).

Holanda (1976, p. 35), sugere ainda que o excesso de materiais variados seja evitado em uma edificação.

A excessiva variedade de materiais, corrente nas construções atuais, apenas compromete a unidade dos projetos e transforma a construção num processo complicado e oneroso, pois cada material exige um tipo de juntas e de acabamento distintos, levando a dificuldades de execução quando ocorrem em demasia.

O autor busca simplificar os processos construtivos e ressalta que a racionalização e a repetição dos processos contribuem para a redução de custos na construção.

Sobre a relação da edificação com a natureza, Holanda (1976) sugere cultivar uma relação sensível com a natureza, permitindo intervenções no ambiente sem alterações significativas, de forma a aproveitar os benefícios naturais, como a

sombra exuberante característica da vegetação tropical (figura 18).

Além disso, enfatiza ainda o valor da independência em relação às influências estrangeiras que historicamente atrasaram o desenvolvimento de um repertório arquitetônico genuinamente tropical no Brasil. Destaca também a necessidade de criar uma arquitetura capaz de atender às particularidades climáticas locais, promovendo uma abordagem contemporânea, eficiente e acessível, enraizada na nossa Cultura e contexto regional (Holanda, 1976).

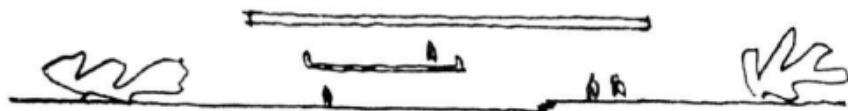


Figura 17 – Fluência dos ambientes – Roteiro para Construir no Nordeste.

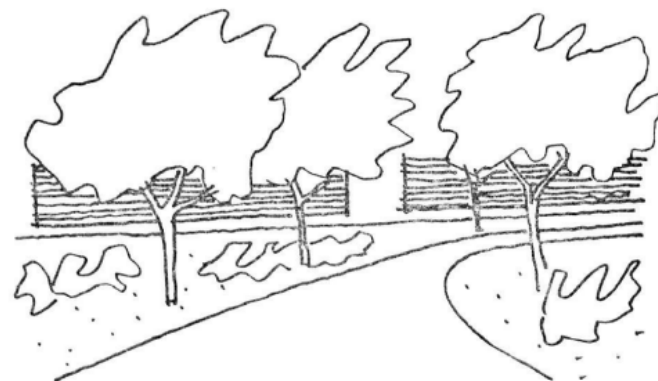


Figura 18 – Conviver com a natureza – Roteiro para Construir no Nordeste.

3 REFERENCIAL PROJETUAL

3.1 Juizado Cível e Criminal da Unileão

3.2 Centro Universitário Maria Antônia

3.3 Centro Comunitário Kamwokya

3.4 Síntese do referencial projetual

**3.5 Estudo de Caso: Complexo Cultural
Estação das Artes**

Com base nos conceitos adotados para o Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz, foram escolhidas referências projetuais de forma a expressar tridimensionalmente as premissas estabelecidas, e se orientar no processo de projeção.

3.1 JUIZADO CÍVEL E CRIMINAL DA UNILEÃO – LINS ARQUITETOS ASSOCIADOS

Ficha Técnica

Arquitetos: Lins Arquitetos Associados

Área: 879 m²

Ano: 2016

Localização: Juazeiro do Norte, CE – Brasil

O projeto trata-se de um convênio entre o Centro Universitário Unileão e o Tribunal de Justiça do Estado do Ceará. O edifício é destinado ao atendi-

to de causas judiciais de menor complexidade. O programa de necessidades inclui: áreas de recepção e triagem, circulação pública e privativa, salas de audiência e conciliação e área administrativa (Lins Arquitetos Associados, 2016).

A implantação da edificação foi realizada em um platô criado para evitar grandes movimentações de terra, além de reduzir custos na construção. Essa decisão resultou em desafios relacionados à exposição das grandes fachadas para leste e oeste, que não é a melhor opção de se implantar um edifício considerando o clima semiárido (figura 19).

Para superar essa questão, o projeto incorporou estratégias de conforto ambiental, como a criação de jardins de 3,00 m de largura internamente às fachadas leste e oeste, essa estratégia possibilita que se crie um microclima no interior do edifício além de filtrar a radiação solar direta (Lins Arquitetos Associados, 2016).

Nas alvenarias das fachadas, foram criados rasgos ritmados que continuam na laje acima dos jardins, esses rasgos foram preenchidos com cobogós, que além de conferir dinamismo à edificação, ainda permitem a entrada de iluminação e ventilação naturais. Outra estratégia bioclimática, foi a adoção de um pé-direito alto, possibilitando uma circulação de ar mais eficiente dentro do edifício (Lins Arquitetos Associados, 2016) (figura 20).

O programa de necessidades foi resolvido de forma simplificada e eficiente. O acesso aos setores é realizado por meio de duas circulações paralelas, uma internamente à fachada leste, de uso do público externo, e outra internamente à fachada oeste, de uso exclusivo dos funcionários. Essas circulações se comunicam na recepção e mais a frente em uma circulação perpendicular, sendo esta de uso restrito. Estes espaços são permeados pelo verde dos jardins internos, trazendo uma sensação de aconchego por conta do jogo de luz e sombra que emana por entre os cobogós das fachadas (Lins Arquitetos Associados, 2016) (figura 21).



Figura 19 – Implantação – Juizado Cível e Criminal da Unileão.



Figura 20 – Jardins internos – Juizado Cível e Criminal da Unileão.

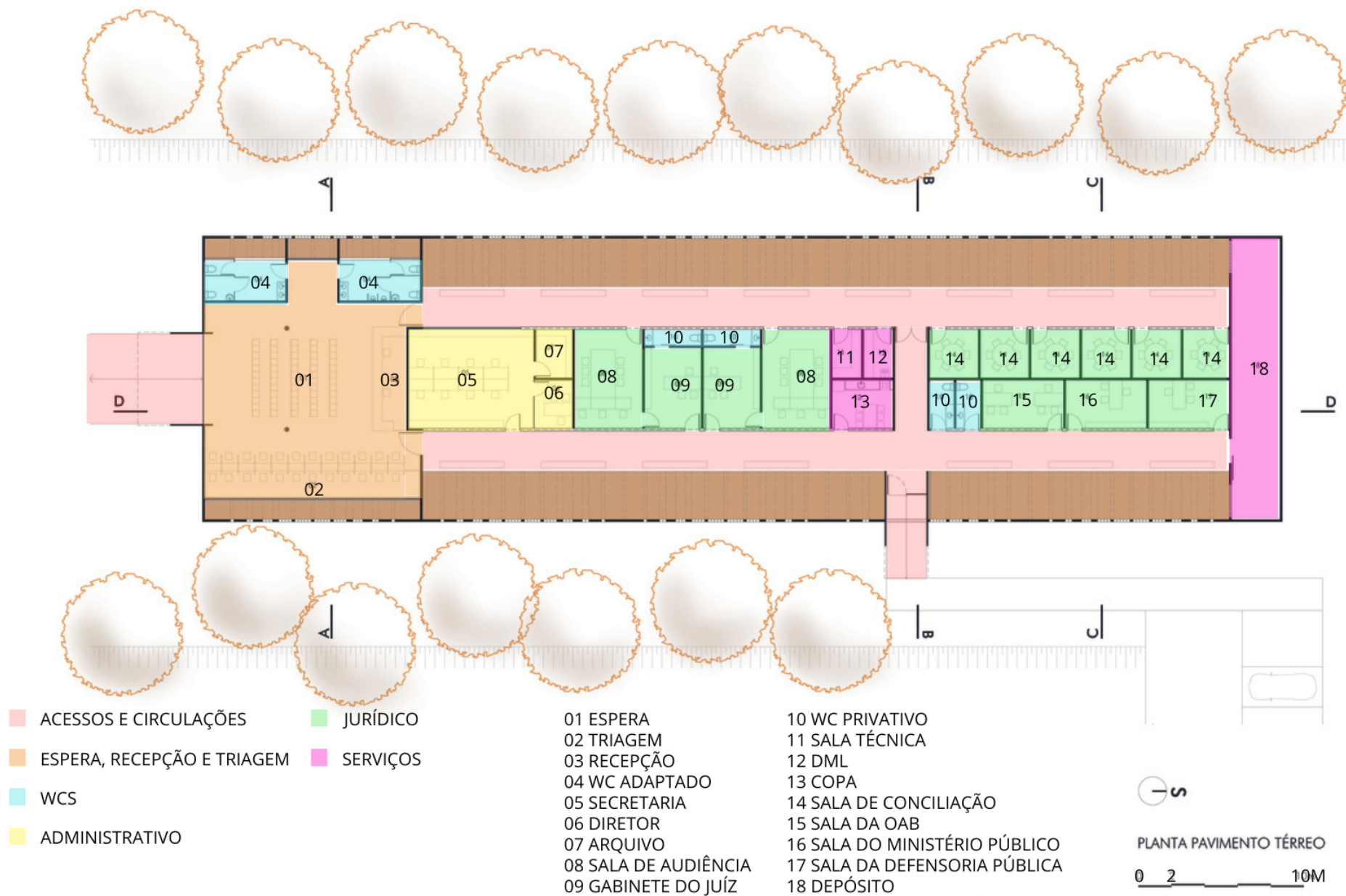


Figura 21 – Planta baixa – Juizado Cível e Criminal da Unileão.

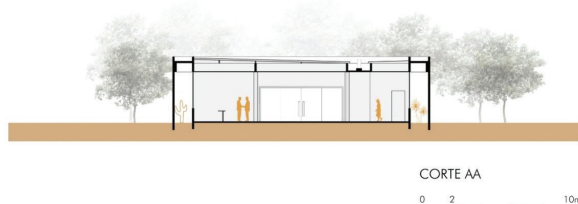


Figura 22 – Corte transversal AA – Juizado Cível e Criminal da Unileão.

As salas dos setores possuem esquadrias altas de vidro incolor que permitem a entrada de luz natural vinda dos rasgos da fachada, essa estratégia otimiza o desempenho energético da edificação pois reduz a dependência de iluminação artificial durante o dia (figura 22).

Os materiais utilizados são disponíveis na região com facilidade e priorizam a redução de custos, eficiência, simplicidade e funcionalidade. Todo o projeto da edificação traz soluções de baixo impacto no meio de inserção (Lins Arquitetos Associados, 2016) (figura 23).



Figura 23 – Fachada – Juizado Cível e Criminal da Unileão.

Os principais pontos de referência deste projeto a serem considerados no projeto do Centro Cultural se baseiam nas estratégias bioclimáticas apresentadas. Como a criação de jardins internos que possibilitam amenizar a temperatura dentro da edificação criando um microclima agradável de forma natural; fachadas vazadas possibilitando a entrada de ventilação e iluminação naturais, uma das estratégias apontadas por Armando de Holanda em sua obra.

Estas soluções podem ser aplicadas no projeto do Centro Cultural, uma vez que os dois equipamentos compartilham um contexto semelhante tanto em termos de clima quanto de localização no Ceará, na região Nordeste do país.

Outro ponto importante considerado na escolha deste projeto como referência está na pureza da forma do edifício além da escolha dos materiais utilizados, que por tratarem-se de materiais regionais, possibilitam reduzir custos na construção e promover a valorização da mão de obra local.

3.2 CENTRO UNIVERSITÁRIO MARIA ANTÔNIA – UNA ARQUITETOS

Ficha Técnica

Arquitetos: UNA Arquitetos

Área: 6.199 m²

Ano: 2017

Localização: São Paulo, SP - Brasil

O Centro Universitário Maria Antônia está instalado no conjunto formado pelos edifícios Rui Barbosa e Joaquim Nabuco que antes abrigava a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em 1949. Após uma

violenta invasão por um grupo direitista, a Faculdade de Filosofia foi transferida. A relevância desses acontecimentos, fez com que a edificação principal do conjunto – o edifício Rui Barbosa – fosse tomba-



Figura 24 – Fachada – Centro Universitário Maria Antônia.

da (UNA Arquitetos, 2017) (figura 24).

Segundo o escritório UNAArquitetos (2017), o projeto de reforma e restauro procurou adaptar os blocos a um novo uso, com um núcleo de arte contemporânea com espaços de exposição, salas para cursos, salas para oficinas, o Teatro da USP e outros eventos do segmento. O projeto teve ainda como premissa firmar o caráter público que historicamente marcou o patrimônio da universidade.

A intervenção no edifício Rui Barbosa buscou valorizar a continuidade espacial em seu interior. Este bloco passou a abrigar atividades didáticas, como cursos, oficinas e seminários acadêmicos ou abertos à comunidade. O teatro continuou em seu local de origem no pavimento inferior e foi adaptado para ter configurações flexíveis e distintas (UNA Arquitetos, 2017) (figura 25).



Figura 25 – Planta subsolo – Centro Universitário Maria Antônia.

No edifício Joaquim Nabuco, o térreo recebeu salas de exposições, salas de multimeios, salas de dança, música, espaço de cafeteria, entre outros. Cada sala possui suas particularidades com diferenças de texturas, iluminação e dimensões (figura 26).



Figura 26 – Planta térreo – Centro Universitário Maria Antônia.

Além disso, o prédio também abriga a Biblioteca Gilda de Mello e Souza, cujo acervo conta com coleção de livros de artes, estética e história da arte (UNA Arquitetos, 2017) (figura 27).



Figura 27 – Planta primeiro pavimento – Centro Universitário Maria Antônia.



Figura 28 – Corte – Centro Universitário Maria Antônia.

O projeto ainda propôs uma nova relação do conjunto com a cidade, propondo uma praça pública entre os dois edifícios. Os desníveis da praça criam áreas de pátio que definem acessos e criam espaços para performances ao ar livre (figura 28).

A relevância deste projeto como referência, reside em diversos apontamentos considerados de importante valor para nortear o processo de projeto do Centro Cultural aqui proposto.

Primeiramente no que se refere ao programa de necessidades, contando com espaços de exposição, salas para cursos, oficinas, cafeteria, entre outros (figura 29).

Outro ponto importante a ser considerado foi a escolha de materiais que conferem sobriedade e um design limpo a edificação, além de valorizarem a textura natural, fazendo com que a edificação tenha uma linguagem atemporal e ao mesmo tempo contemporânea (figura 30).

E finalmente a relação da edificação com o entorno, gerando espaços de gentileza urbana - com a criação de uma praça pública e pátios arborizados - que beneficiam a convivência tanto dos usuários diretos do equipamento quanto da população do entorno.



Figura 29 – Sala de exposição – Centro Universitário Maria Antônia.

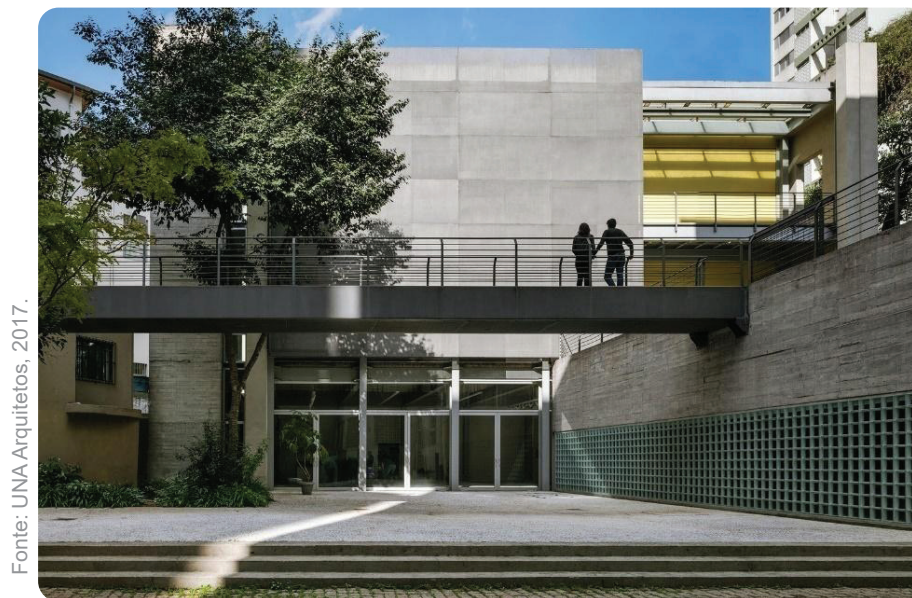


Figura 30 – Pátio – Centro Universitário Maria Antônia.

3.3 CENTRO COMUNITÁRIO KAMWOKYA – KÉRÉ ARCHITECTURE

Ficha Técnica

Arquitetos: Kéré Architecture

Área: 1.600 m²

Ano: 2022

Localização: Kampala, Uganda

O Centro Comunitário Kamwokya é uma parceria entre a Comunidade Cristã de Assistência Kamwokya, uma organização local que desenvolve atividades esportivas, recreativas e artísticas, e a Fundação Ameropa, que trabalha em projetos que buscam melhorar a vida de comunidades marginalizadas (Archdaily, 2022) (figura 31).

O equipamento está localizado em uma área degradada devido a densidade populacional e a falta de infraestrutura e saneamento, a implantação do projeto se deu sobre uma plataforma com um sistema de drenagem para proteção contra enchentes que acontecem com recorrência em períodos de fortes chuvas. Essa plataforma é moldada para que haja várias áreas com diferenças de nível, permitindo que atividades diferentes aconteçam simultaneamente sem interferir umas nas outras (Archdaily, 2022) (figura 32).

O projeto tem em seu programa de necessidades uma quadra esportiva coberta, cercada por arquibancadas; dois edifícios principais que abrigam um pequeno ginásio; um cyber café; salas polivalentes para aulas e oficinas; estúdio de música; escritório; e um bloco sanitário. As paredes são feitas de tijolo aparente e dispõem de esquadrias de madeira

em todo seu perímetro, a cobertura da edificação é composta por um teto borboleta elevado por uma estrutura de aço independente, permitindo assim que haja mais eficiência na circulação de ar e conferindo uma forte identidade ao equipamento (Archdaily, 2022) (figura 33).

Figura 31 – Quadra –
Centro Comunitário Kamwokya.



Fonte: Kéré Architecture, 2022.

Fonte: Kéré Architecture, 2022.



Figura 32 – Pátio –
Centro Comunitário Kamwokya.



Figura 33 – Planta baixa – Centro Comunitário Kamwokya.

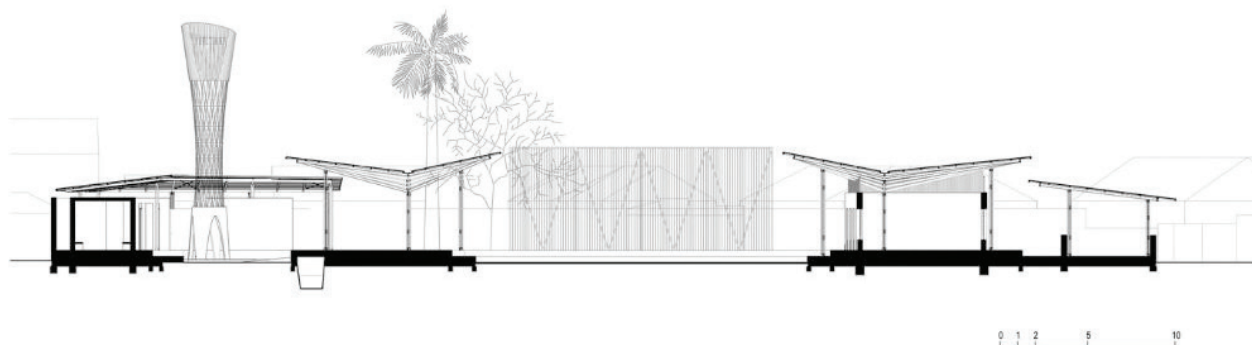


Figura 34 – Corte transversal – Centro Comunitário Kamwokya.

A ideia do projeto foi valorizar as atividades que já aconteciam no local, construindo novos espaços com flexibilidade de uso e mantendo o acesso livre e o caráter público do equipamento (Archdaily, 2022) (figura 34).

A escolha deste projeto como referência está embasada na ideia de desenvolver uma proposta de equipamento que busque se relacionar harmonicamente com o contexto em que está inserido, partindo da ideia de propor blocos e espaços que se organizam e se conectam em um grande pátio de acesso público que se insere na paisagem.

O sistema estrutural em aço, adotado para a cobertura do edifício também serve de referência à proposta do Centro Cultural, uma vez que permite uma flexibilidade maior no momento de projeção dos espaços internos e flexibilidade no uso, além de facilitar futuras ampliações e reformas no edifício. Outro ponto importante para a escolha deste projeto como referência foram os desníveis criados delimitando os espaços de forma que não haja barreiras visuais, essa estratégia possibilita que todos os espaços estejam integrados ao mesmo tempo que atividades diferentes possam ocorrer simultaneamente.

Ademais, a escolha de materiais regionais que são adequados ao clima e que permitam o aproveitamento da mão de obra local em alguma parte do processo de construção, combinados com materiais industrializados compondo assim uma arquitetura de estilo contemporâneo, são estratégias que devem ser incorporadas no projeto do Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz.

3.4 SÍNTESE DO REFERENCIAL PROJETUAL

Após análise do referencial projetual, foi elaborado um quadro síntese (quadro 2) apresentando alguns principais pontos de cada projeto estudado, que servirão como premissas e soluções a serem adotadas no projeto do Centro Cultural.

SÍNTESE DO REFERENCIAL PROJETUAL	
OBRA	RELEVÂNCIAS PARA O PROJETO ELABORADO
Juizado Cível e Criminal da Unileão	<ul style="list-style-type: none"> • Presença de jardins no interior do edifício; • Fachadas vazadas; • Aproveitamento de ventilação e iluminação naturais; • Pureza na forma da edificação.
Centro Universitário Maria Antônia	<ul style="list-style-type: none"> • Programa de necessidades englobando diversos tipos de arte; • Pouca diversidade de materiais; • Valorização da textura dos materiais os deixando aparentes na edificação; • Gentileza urbana.
Centro Comunitário Kamwokya	<ul style="list-style-type: none"> • Divisão do programa de necessidades em blocos interligados por pátios em diferentes níveis que separam os espaços sem barreiras visuais; • Sistema estrutural da cobertura independente, facilitando ampliações e reformas; • Coberta avançando e gerando sombreamento e proteção das fachadas; • Combinação de materiais regionais com materiais contemporâneos.

Quadro 2 – Síntese do referencial projetual.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

3.5 ESTUDO DE CASO: COMPLEXO CULTURAL ESTAÇÃO DAS ARTES – CARVALHO ARAÚJO

Ficha Técnica

Arquitetos: Carvalho Araújo

Área: 17.510 m²

Ano: 2022

Localização: Fortaleza, Ceará – Brasil

O recém-inaugurado Complexo Cultural Estação das Artes situado no espaço que abrigou a antiga Estação Ferroviária João Felipe em Fortaleza - Ceará. O projeto de iniciativa do Governo do Estado do Ceará, consistiu no restauro estrutural e na mo-

dernização do conjunto de prédios e galpões localizados em frente à Praça da Estação. O edifício representa a possibilidade de reabilitação do contexto urbano e histórico de um determinado espaço da cidade (Archdaily, 2022) (figura 35).

Para o estudo de caso, foi realizada uma pesquisa de campo, onde foram feitas quatro visitas ao Complexo no mês de Outubro de 2023, com o intuito de entender o funcionamento, programa de necessidades, disposição dos espaços, fluxos e usos do equipamento pela população. Além de visitas, foram realizadas entrevistas abertas com dois colaboradores do quadro de funcionários – Eriverton Ribeiro, recepcionista do Kuya Centro de Design do Ceará, e Roberta Souza, coordenadora de comunicação da Estação das Artes –.

O Complexo oferece diversas atividades culturais abertas ao público de forma gratuita. Com referências à arquitetura neoclássica, a estrutura possui tombamento em nível estadual e federal (figura 36).

O conjunto tira partido da estrutura existente acolhendo um programa de necessidades diversificado composto por áreas de exposição e performance, auditórios, oficinas e espaços de criação, zonas de acervo e trabalho documental, restaurantes, café, banheiros muito bem distribuídos em todos os setores, entre outros. Os espaços distribuem-se em unidades funcionais: Pinacoteca, Estação das Artes, Mercado Gastronômico Alimenta CE, Kuya Centro de Design do Ceará, IPHAN, SECULT, e ainda a Praça da Estação que funciona como um pátio externo arborizado que conecta e faz a integração dos equipamentos (figura 37).



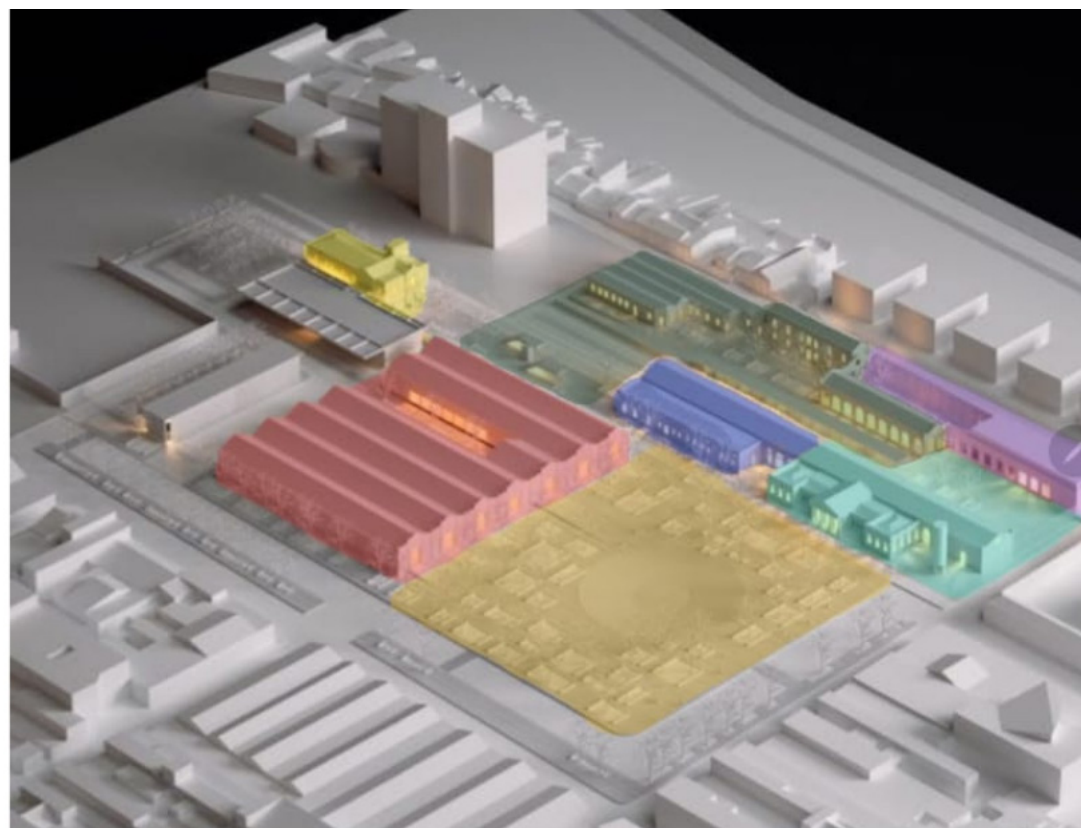
Fonte: Archdaily, 2022.

Figura 35 – Vista aérea – Complexo Cultural Estação das Artes.



Fonte: Archdaily, 2022.

Figura 36 – Fachada Estação das Artes – Complexo Cultural Estação das Artes.



 PINACOTECA DO ESTADO	 IPHAN
 ESTAÇÃO DAS ARTES	 SECULT
 MERCADO ALIMENTA CE	 PRAÇA DA ESTAÇÃO
 KUYA CENTRO DE DESIGN	

Figura 37 – Setorização – Complexo Cultural Estação das Artes.

O edifício da Pinacoteca, que também abriga o Museu Ferroviário, é composto por sete galpões, cada um com uma cobertura de duas águas com pé-direito variando entre 6 e 9 metros. Essa configuração é adequada para abrigar o uso proposto, por se tratar de um espaço amplo e linear (figura 38).



Fonte: Carvalho Araújo, 2022.

Figura 38 – Fachada Pinacoteca – Complexo Cultural Estação das Artes.

O programa de necessidades da Pinacoteca inclui uma ampla zona de exposição, auditórios, espaços para pequenas performances, zonas de acervo e de trabalho documental, cafeteria, entre outros. Seu funcionamento acontece de quarta a segunda-feira das 10h às 18h. As visitas guiadas acontecem aos finais de semana e são divididas por grupos (figura 39).



Fonte: Carvalho Araújo, 2022.

Figura 39 – Interior Pinacoteca – Complexo Cultural Estação das Artes.

O Museu Ferroviário está inserido no edifício da Pinacoteca e conta com áreas para exposições temporárias.

A Estação das Artes e o Mercado Alimenta CE, estão integrados em um amplo galpão de formato retangular que conta com espaços para performances e apresentações, além de cinco restaurantes e área para refeições. Esse espaço tem vista para a antiga plataforma de espera dos trens, que hoje funciona como uma área de exposições com vista para os antigos trilhos. Os eventos como shows e feiras gastronômicas acontecem aos finais de semana e são abertos ao público de forma gratuita (figura 40).

Fonte: Acervo da autora, 2023.



Figura 40 – Mercado Alimenta CE – Complexo Cultural Estação das Artes.

O Kuya Centro de Design, abriga um grande auditório onde são realizados cursos, palestras, rodas de conversa etc. Além de contar também com salas para oficinas, cursos livres, escritórios compartilhados, laboratório de prototipagem, espaço expositivo onde são realizadas feiras diversas, entre outros. Seu funcionamento é de quarta-feira a domingo (figura 41).

Fonte: Acervo da autora, 2023.



Figura 41 – Kuya Centro de Design do Ceará – Complexo Cultural Estação das Artes.



Figura 42 – Plataforma de exposições – Complexo Cultural Estação das Artes.

O IPHAN acolhe um pequeno museu, salas expositivas polivalentes, plataforma de exposições, biblioteca, arquivo, zona de arqueologia e conservação, salas de apoio, entre outros (figura 42).

A SECULT ocupa as instalações da antiga Casa do Engenheiro aproveitando a estrutura existente (figura 43).



Figura 43 – SECULT – Complexo Cultural Estação das Artes.

3.6 QUADRO SÍNTESE DO ESTUDO DE CASO

Após realizado estudo de caso, foi elaborado um quadro síntese (quadro 3), com pontos positivos e negativos acerca do projeto analisado. Buscando se orientar de modo mais assertivo no momento de projeção do Centro Cultural proposto.

SÍNTESE DO ESTUDO DE CASO		
PROJETO	PONTOS POSITIVOS	PONTOS NEGATIVOS
Complexo Cultural Estação das Artes	<ul style="list-style-type: none">• Diversidade do programa de necessidades;• Integração entre os espaços e contexto urbano;• Acessibilidade;• Rapidez de escoamento e facilidade nas rotas de fuga;• Iluminação e ventilação naturais;• Flexibilidade dos espaços;• Valorização do patrimônio cultural.	<ul style="list-style-type: none">• Pouco sombreamento e baixa arborização;• Forte refletância das cores claras usadas nas superfícies da edificação, causando ofuscamento.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Quadro 3 – Síntese do estudo de caso.

4

DIAGNÓSTICO

4.1 Contextualização e justificativa

4.2 Caracterização da área de intervenção

4.3 Parâmetros urbanísticos legislativos

**4.4 Análise físico ambiental do sítio e
entorno**

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA

O Centro Cultural proposto está inserido no bairro Presidente Kennedy que está localizado na porção oeste da cidade de Fortaleza e inserido na Regional III. Seu terreno de implantação trata-se de um lote de formato retangular, com área aproximada de 9.440 m² (mapa 1). À norte o terreno é delimitado pela Rua Libaneses – com vista para a concessionária de veículos Newland –; à sul pela Rua Americanos; à oeste pela Avenida Governador Parsifal Barroso – com vista para o Supermercado G Barbosa e Parque Rachel de Queiroz – e a leste faz divisa com o Condomínio Residencial Multifamiliar Jardino Passeio Kennedy (em construção).

Sobre a viabilidade de inserir o equipamento neste bairro, atualmente nota-se um processo de valorização e rápida expansão imobiliária nesta área (Carvalho, 2021). Com a oferta de serviços e lazer na região, o bairro vem recebendo diversos empreendimentos, como edifícios multifamiliares, supermercados, academias, lojas, entre outros. Além de já dispor de shoppings centers – Shopping Riomar Kennedy e North Shopping – e ainda um importante equipamento público de lazer que recebe pessoas de todos os bairros da cidade e região metropolitana, o Parque Rachel de Queiroz.

Com o processo de adensamento ocorrendo na região, observa-se gradualmente a ocupação de terrenos vazios por empreendimentos privados. A

fim de utilizar um terreno ainda não ocupado para a criação de um equipamento público, que ainda ofereça algum bem a população como lazer e acesso à cultura, propõe-se a implantação do Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz. Além disso, o equipamento ainda tem o potencial de contribuir para melhorias sociais na região oferecendo uma gama de atividades culturais para a população além de gerar emprego e renda.

A escolha do terreno é justificada pela sua proximidade com o Parque Rachel de Queiroz, visando estabelecer uma relação complementar entre os dois equipamentos, com o objetivo de atrair não apenas a população do bairro, mas também os visitantes do parque. Além disso, as dimensões e topografia

Fonte: IPLANFOR, 2023 - Elaborado pela autora, 2023.



Mapa 1 – Localização do terreno.

do terreno são adequadas para a escala do equipamento e para o conceito pretendido no projeto.

Ademais, outras razões que motivam a escolha desta área, consistem em sua infraestrutura urbana já estabelecida, facilidade de acesso pelo uso do sistema de transporte público e individual, permitindo um livre fluxo de pessoas ao equipamento proposto.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO

Dados socioeconômicos

O bairro Presidente Kennedy faz divisa com sete bairros de Fortaleza. São eles, Pici; Parquelândia; São Gerardo; Bairro Ellery; Álvaro Weyne; Floresta e Padre Andrade. Detém uma área de 171.6 ha, com uma população de 23.004 habitantes, de acordo com Censo do IBGE de 2010.

A população do bairro é majoritariamente formada por pessoas com idades entre 15 e 64 anos. Em relação a gênero, a quantidade de homens e mulheres é relativamente proporcional (figura 44).

O Índice de Desenvolvimento Humano do bairro é de 0,499, sendo este um índice considerado muito baixo. O mesmo IDH se repete na maioria dos bairros que fazem divisa com o Presidente Kennedy, sendo exceção apenas os bairros São Gerardo com 0,599 sendo considerado um IDH baixo e bairro Parquelândia, com 0,699 sendo considerado um índice médio (IBGE, 2010).

Mobilidade e hierarquização viária

Quanto à mobilidade e acessibilidade, a área é atendida por diversas linhas de transporte público que passam pelas principais ruas e avenidas do bairro e entorno. Ao todo são mais de 17 linhas, dentre

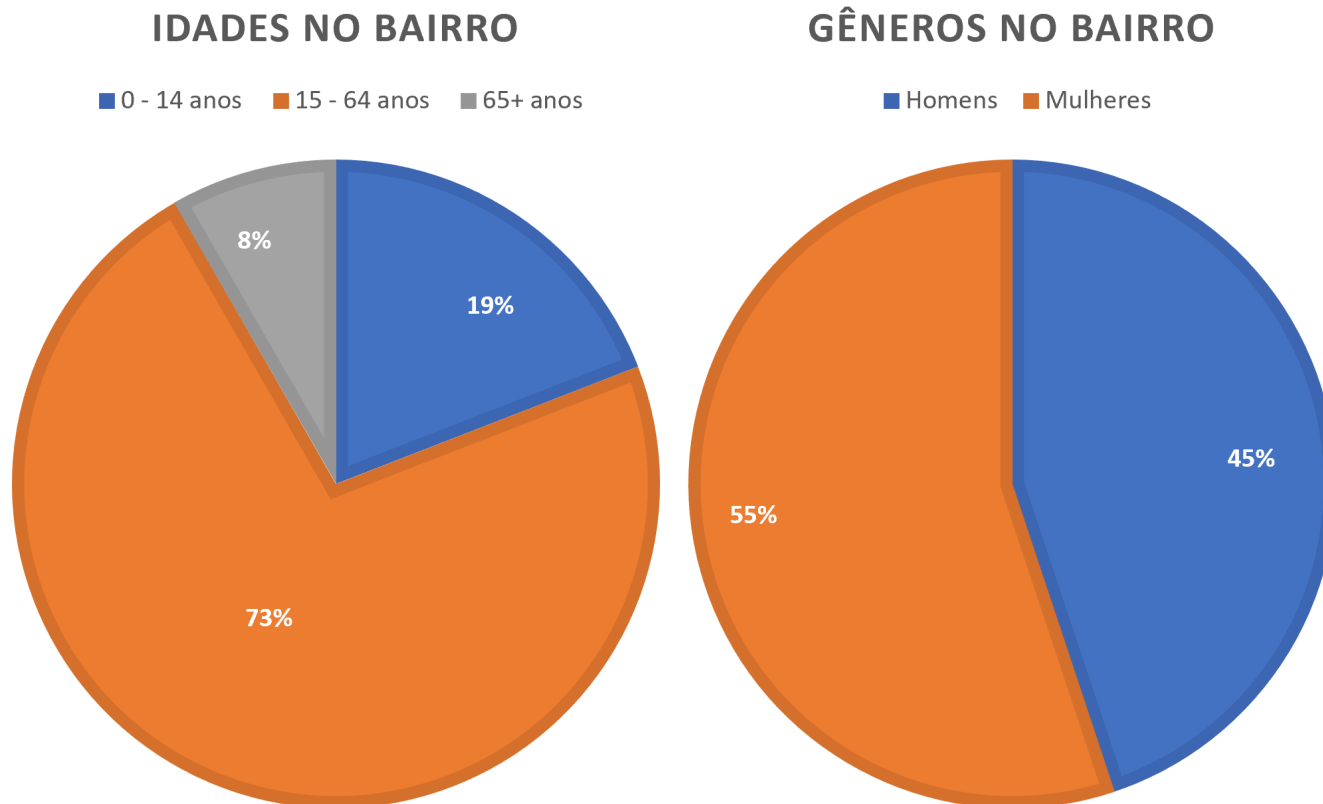


Figura 44 – Caracterização da população do Presidente Kennedy.

ônibus e micro-ônibus.

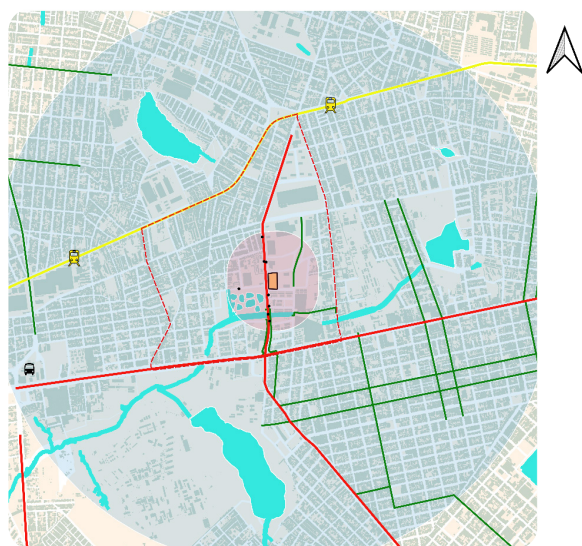
Em uma distância de aproximadamente 3 km a oeste, há ainda o Terminal do Antônio Bezerra que integra a rede de transportes públicos do município, no qual passam aproximadamente 306 veículos por dia e 140 mil passageiros (Prefeitura de Fortaleza, 2022).

A 1,5 km de distância a norte da área de intervenção está a Estação de VLT do Álvaro Weyne, por onde passa a Linha Oeste do METROFOR. Com

extensão de 19,5 km, saindo do Centro de Fortaleza e passando por 10 estações. Esta linha conecta Fortaleza à cidade de Caucaia.

Sobre a malha cicloviária, o bairro dispõe de poucos quilômetros de ciclofaixas e ciclovias. A ciclovia da Av. Governador Parsifal Barroso, por exemplo, é interrompida pouco antes de cruzar a via férrea do METROFOR.

Fonte: Censo IBGE, 2010 – Elaborado pela autora, 2023.

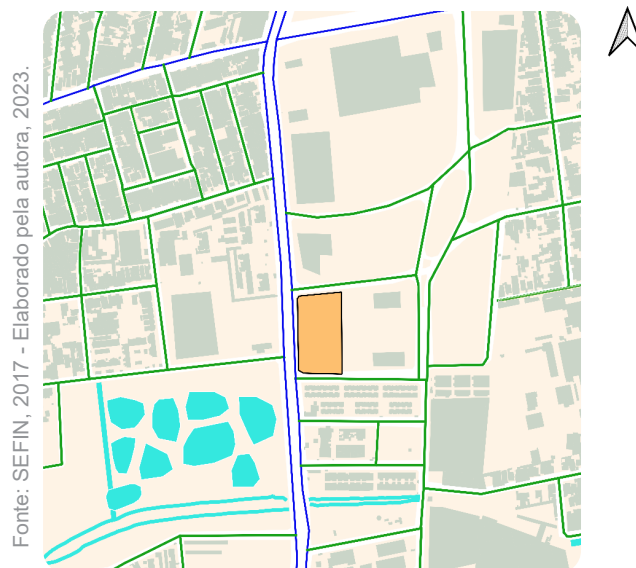


0 250 500 m

- RAIO DE 300 m
- PONTOS DE ÔNIBUS
- RAIO DE 2 km
- TERMINAL DE ÔNIBUS
- ESTAÇÕES METRÔ E VLT
- LINHA METRÔ E VLT
- CICLOVIAS
- CICLOFAIXAS
- HIDROGRAFIA
- TERRENO
- EDIFICAÇÕES
- QUADRAS
- BAIRRO PRES. KENNEDY

Mapa 2 – Mobilidade.

Com relação a hierarquização viária, a região dispõe de 2 categorias de vias: Arterial I e Local (mapa 3).



Fonte: SEFIN, 2017 - Elaborado pela autora, 2023.

0 75 150 m

- ### HIERARQUIZAÇÃO VIÁRIA
- ARTERIAL I
 - LOCAL
 - HIDROGRAFIA
 - TERRENO
 - EDIFICAÇÕES
 - QUADRAS

Mapa 3 – Hierarquização viária.

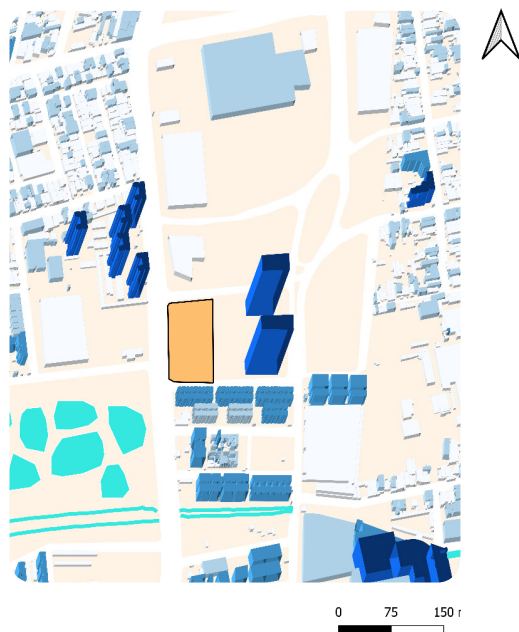
Assim, conclui-se que a região oferece adequada disponibilidade de transporte público para ser acessada, bem como infraestrutura também para o transporte particular. Com relação a ciclovias e ciclofaixas a zona ainda carece de infraestrutura e integração.

Morfologia e infraestrutura urbana

Como o bairro passa por um processo de expansão imobiliária, os terrenos há pouco tempo vazios, vem sendo ocupados muito rapidamente por empreendimentos imobiliários comerciais e residenciais multifamiliares. Tal fato vem contribuindo com a alteração da morfologia da região que antes tinha predominância de edificações de gabarito mais baixo, e hoje nota-se a paisagem sendo alterada por edifícios de gabarito mais alto.

A tipologia de edificação predominante é de 1 a 4 pavimentos, com a presença de edifícios mais altos de características contemporâneas (mapa 4).

Fonte: SEFIN, 2010, 2022 - Elaborado pela autora, 2023.



GABARITO DAS EDIFICAÇÕES

- 1 A 2 PAVIMENTOS
- 3 A 4 PAVIMENTOS
- 5 A 6 PAVIMENTOS
- 7 OU MAIS PAVIMENTOS
- HIDROGRAFIA
- TERRENO
- QUADRAS

Mapa 4 – Gabarito.

A dimensão das quadras e lotes também vem sofrendo alterações de tamanho que destoam e modificam a morfologia (mapa 5).

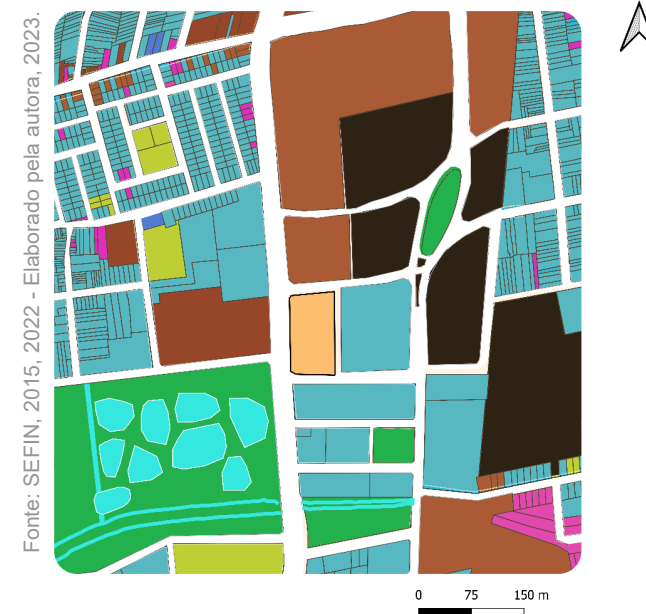


Fonte: SEFIN, 2010, 2022 - Elaborado pela autora, 2023.

- HIDROGRAFIA
- TERRENO
- EDIFICAÇÕES
- QUADRAS

Mapa 5 – Cheios e vazios.

Nota-se que as edificações mais recentes ocupam lotes maiores e em sua maioria são de uso comercial ou edifícios residenciais multifamiliares. As edificações que ocupam menores terrenos são construções mais antigas e em sua maioria residenciais (mapa 6).

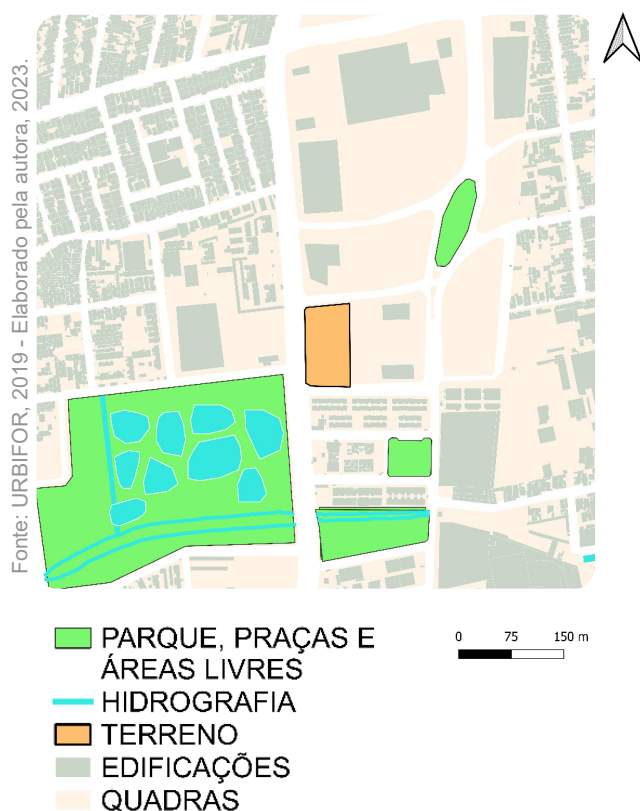


Fonte: SEFIN, 2015, 2022 - Elaborado pela autora, 2023.

- USO DO SOLO
- COMERCIAL
- RESIDENCIAL
- MISTO
- INSTITUCIONAL
- RELIGIOSO
- PARQUE, PRAÇAS E ÁREAS LIVRES
- VAZIO
- HIDROGRAFIA
- TERRENO

Mapa 6 – Uso do solo.

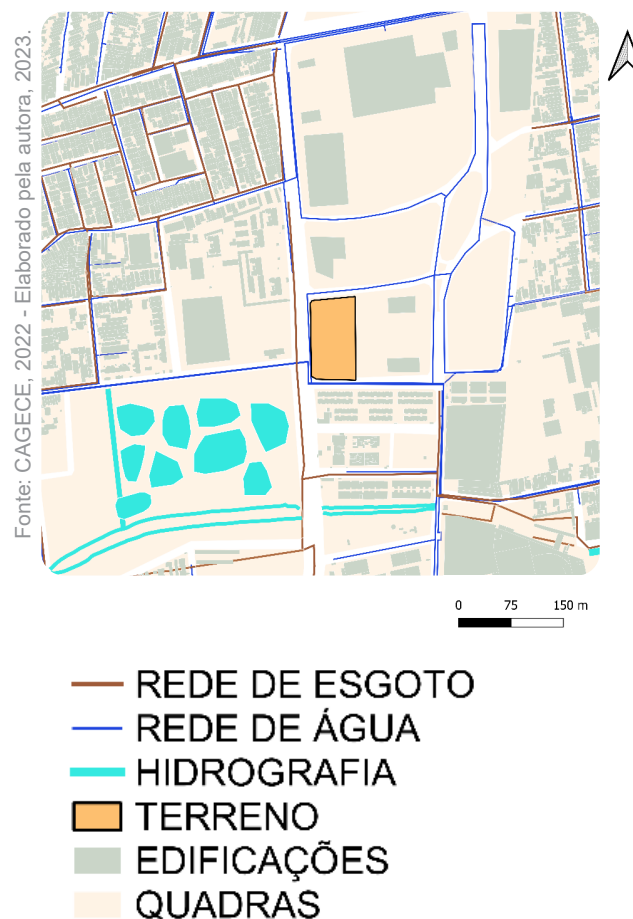
Em relação a rede de praças e espaços livres, próximo ao terreno de implantação do equipamento concentram-se a maioria dos equipamentos dessa natureza. Essas áreas dispõem de árvores, vegetação nativa, e funcionam como equipamentos de lazer para a população. A maior delas é o Parque Rachel de Queiroz, que concentra uma gama de atividades para a população e que promoveu uma mudança significativa no bairro, devido sua alta aceitação e senso de pertencimento pela população de toda a cidade e região (mapa 7).



Mapa 7 – Parque, praças e áreas livres.

No que se refere a abastecimento de água e esgotamento sanitário, o bairro e seu entorno tem disponibilidade de infraestrutura adequada (mapa 8).

A região como um todo tem forte potencial de adensamento e disponibilidade de infraestrutura favorecendo a implantação do equipamento proposto.

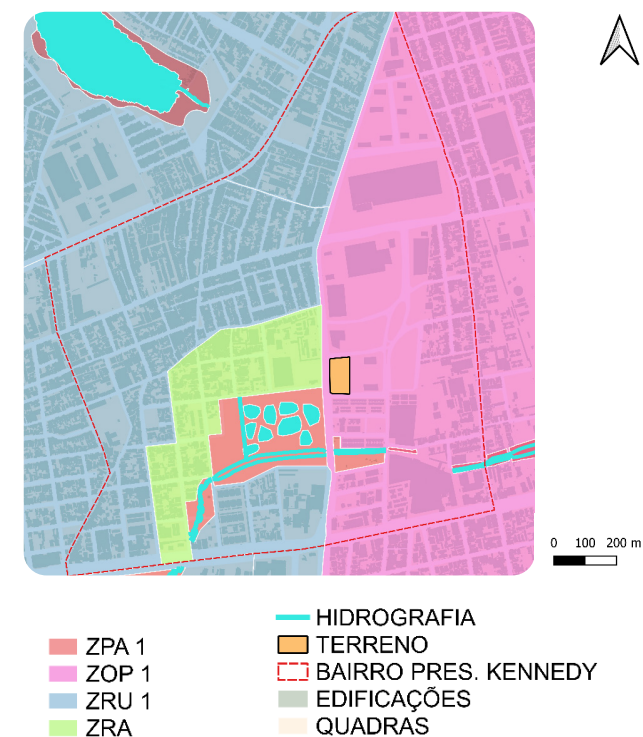


Mapa 8 – Rede de abastecimento de água e esgotamento sanitário.

4.3 PARÂMETROS URBANÍSTICOS LEGISLATIVOS

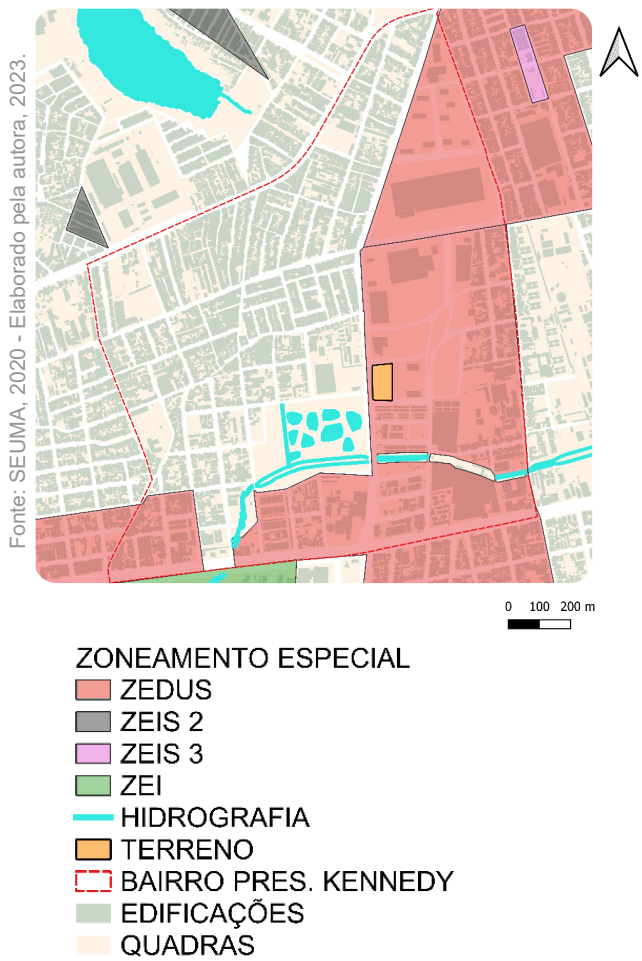
A análise dos parâmetros legais garante o enquadramento do projeto proposto no respectivo local de implantação. A LUOS - Lei de Parcelamento Uso e Ocupação do Solo - (Fortaleza, 2017), é a regulamentadora do Plano Diretor da cidade de Fortaleza – CE.

Na LUOS, o Macrozoneamento Urbano é dividido em Macrozona de Proteção Ambiental e Macrozona de Ocupação Urbana. O terreno utilizado para o projeto está em ZOP 1 (Zona de Ocupação Preferencial 1) – que faz parte da Macrozona de Ocupação Urbana – (mapa 9).



Mapa 9 – Macrozoneamento.

Nas Macrozonas podem ocorrer ainda áreas consideradas Zonas Especiais, que são áreas do território que exigem tratamento especial definindo parâmetros reguladores de usos e ocupação do solo, sobrepondo-se ao zoneamento. Sendo assim no Zoneamento Especial, o terreno escolhido encontra-se na ZEDUS Antônio Bezerra (mapa 10).



Mapa 10 – Zoneamento especial

As ZEDUS “são porções do território destinadas à implantação e/ou intensificação de atividades sociais e econômicas, com respeito à diversidade local, e visando ao atendimento do princípio da sustentabilidade” (Fortaleza, 2017, p. 7).

Os parâmetros urbanos de construção indicados para esta zona estão expostos no quadro 4 e foram retirados da LUOS (Fortaleza, 2017).

Fonte: LUOS, Fortaleza, 2017 – Adaptado pela autora, 2023.

PARÂMETROS URBANOS DA OCUPAÇÃO		
PARÂMETROS		ZEDUS ANTÔNIO BEZERRA
TAXA DE PERMEABILIDADE (%)		30
TAXA DE OCUPAÇÃO (%)	SOLO	60
	SUBSOLO	60
ÍNDICE DE APROVEITAMENTO (IA)	BÁSICO	3,00*
	MÍNIMO	0,20
	MÁXIMO	2,00
ALTURA MÁXIMA DA EDIFICAÇÃO (m)		48,00
DIMENSÕES MÍNIMAS DO LOTE	TESTADA (m)	5,00
	PROFUNDIDADE (m)	25,00
	ÁREA (m²)	125,00
FRAÇÃO DO LITE		45
*A LUOS prevê que no índice de Aproveitamento Básico, deve ser utilizado o parâmetro da Zona que está sendo sobreposta pela ZEDUS. Neste caso utilizou-se o Índice de Aproveitamento Básico da ZOP 1.		

Quadro 4 – Parâmetros urbanos da ocupação.

Em relação aos recuos, a adequabilidade se dará em função das vias que delimitam o terreno e ao grupo o qual a atividade pertence.

De acordo com a LUOS (Fortaleza, 2017) o equipamento é classificado pelo grupo ‘Institucional’, subgrupo ‘Equipamentos para Cultura e Lazer’, sendo a atividade ‘Centro Social Urbano’, com classe da atividade definida como ‘3PE’ – Projeto Especial -, porte por m² ‘qualquer’ e mínimo de vagas de estacionamento sendo ‘objeto de estudo’ (quadro 5).

Fonte: LUOS, Fortaleza, 2017 – Adaptado pela autora, 2023.

CLASSIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES POR GRUPO E SUBGRUPO	
GRUPO: INSTITUCIONAL	SUBGRUPO: EQUIPAMENTOS PARA CULTURA E LAZER – ECL
ATIVIDADE: CENTRO SOCIAL URBANO	CLASSE CA: 3PE
PORTE m² (OBS.1): QUALQUER	NO MÍN VAGAS ESTACIONAMENTO: SERÁ OBJETO DE ESTUDO
LEGENDA	
PE: PROJETO ESPECIAL	
OBSERVAÇÕES	
3: REFERE-SE A ÁREA CONTRUÍDA, EXCLUÍDA A ÁREA DESTINADA A ESTACIONAMENTO.	

Quadro 5 – Classificação das atividades.

A hierarquização viária define sobre a adequabilidade do equipamento a via e dimensão dos recuos necessários.

Como o equipamento proposto trata-se de uma classe de atividade definida como 3PE, a LUOS estipula que os recuos para tal serão objetos de estudo e devem ser criteriosamente estudados no processo de projeto (Fortaleza, 2017).

4.4 ANÁLISE FÍSICO AMBIENTAL DO SÍTIO E ENTORNO

O terreno de implantação possui um declive no sentido norte-sul de aproximadamente 7 m distribuídos ao longo de 120 m (mapa 11).



Mapa 11 – Topografia.

Nota-se uma acentuada inclinação no terreno (figura 45), fato este que contribuiu para sua escolha devido o conceito pretendido no projeto.

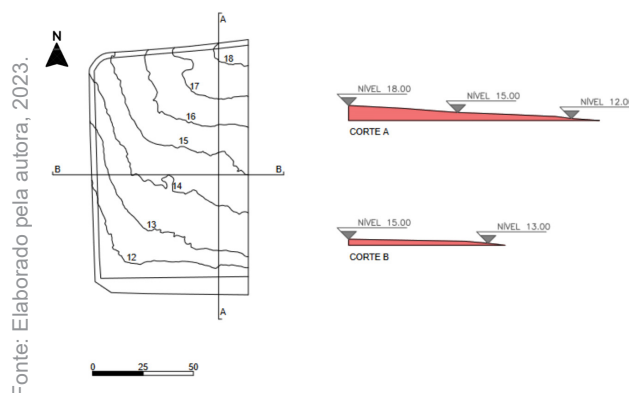


Figura 45 – Planta e corte da topografia do terreno.

Em relação à hidrografia, o corpo hídrico mais próximo é o Riacho Cachoeirinha que faz parte da bacia do Rio Maranguapinho (mapa 11). O riacho passa canalizado há aproximadamente 200 metros de distância a sul do terreno de intervenção sendo distribuído nas lagoas do Parque Rachel de Queiroz, que funcionam como um reservatório de amortecimento de cheias.

Quanto a análise bioclimática da área de intervenção, utilizando-se da base de dados da plataforma nacional ProjetEEE, e do programa Analysis Solar, extraiu-se alguns gráficos que ajudaram na caracterização do clima da cidade de Fortaleza – CE para que se pudesse propor de modo mais assertivo soluções que tornem o equipamento eficiente energeticamente e para que este esteja adequado ao clima local.

De acordo com o gráfico de temperatura e zona de conforto (figura 46), observa-se que na maior parte do ano a temperatura é estável, variando entre 27.55°C e 25.82°C, assim se encontrando dentro

da zona de conforto considerada entre 29.84°C e 22.30°C.

É importante ressaltar que Fortaleza é uma cidade litorânea de clima tropical quente subúmido, e que possui bastante incidência solar durante todo o ano.

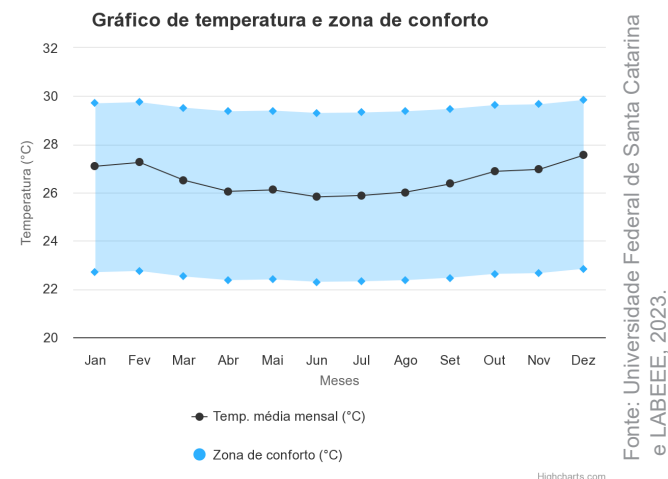


Figura 46 – Gráfico de temperatura e zona de conforto.

Sobre a precipitação pluviométrica na cidade, observa-se no gráfico de chuva (figura 47) que o primeiro semestre do ano é o mais chuvoso, com precipitações médias mensais de até 510 mm no mês mais chuvoso (Abril). No segundo semestre esse volume cai indo de 200 mm no mês de Julho - o mês mais chuvoso do segundo semestre do ano - a aproximadamente 1 mm no mês de Setembro – o mês menos chuvoso do ano (Labeee, 2023).

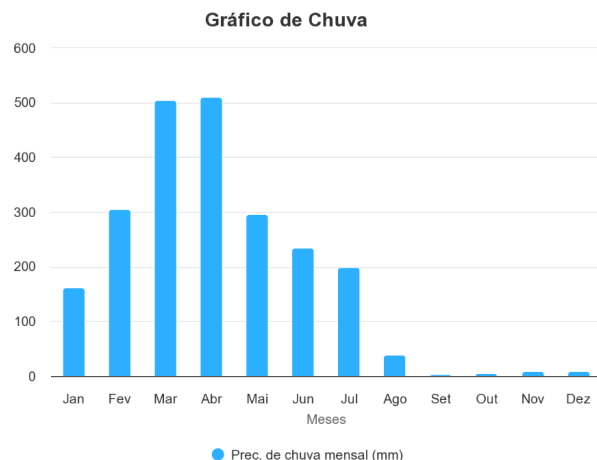


Figura 47 – Gráfico de chuva.

O estudo dos ventos é importante para que se adotem soluções que melhor façam seu aproveitamento, como por exemplo a implantação de aberturas voltadas para as fachadas mais ventiladas. Além disso, é possível prever estratégias que impeçam a entrada de chuvas trazidas pela força dos ventos na edificação, como beirais maiores avançando sobre as paredes das fachadas.

De acordo com a rosa dos ventos que mostra a frequência de ocorrência dos ventos em Fortaleza (figura 48), há uma predominância de ventilação vinda do sudeste e leste, com frequência de até 55.1% em sudeste na primavera e menor frequência de 7.0% em leste no outono.

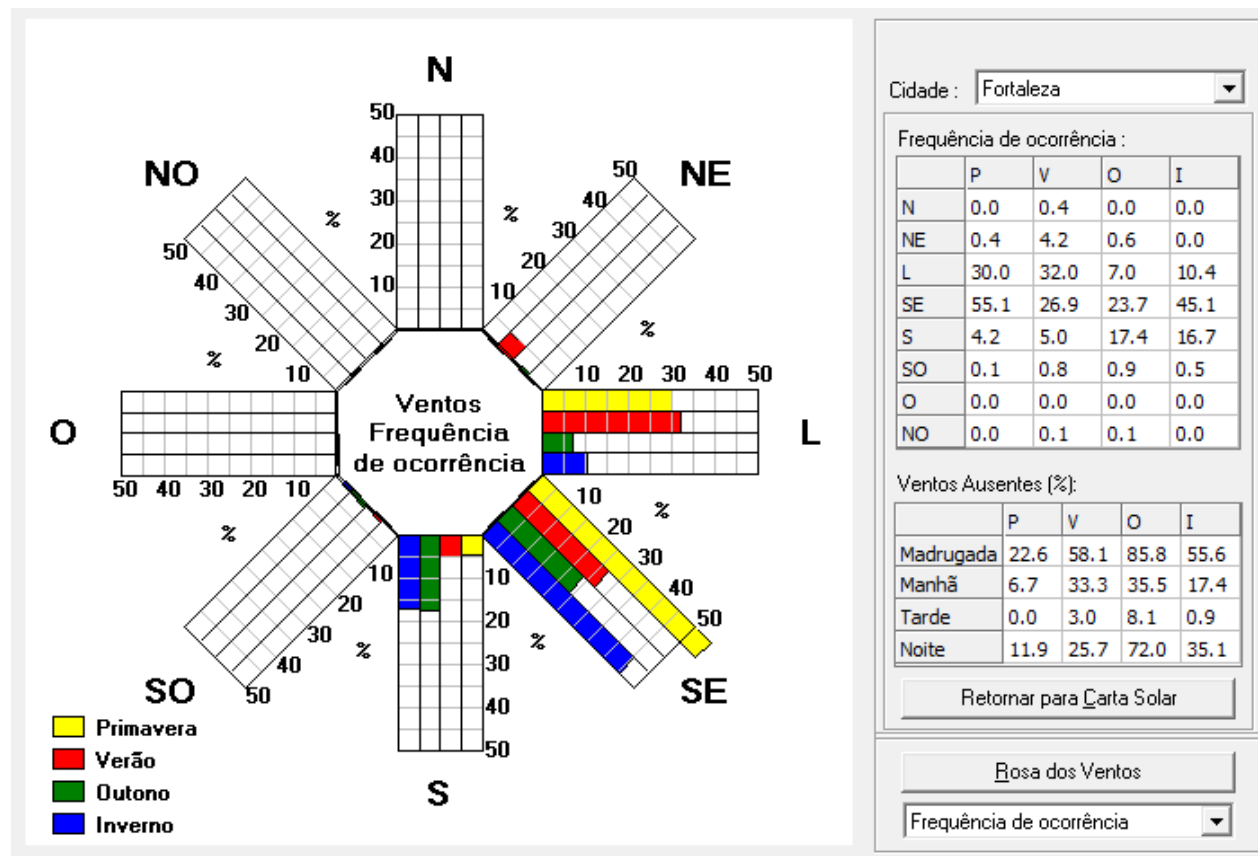


Figura 48 – Frequência de ocorrência dos ventos.

Com isso para o aproveitamento de ventilação natural, o projeto priorizará as maiores aberturas orientadas para sudeste e leste, buscando uma melhor captação dos ventos.

Outro ponto indispensável a ser analisado é o estudo da trajetória solar, que permite aferir a incidência de radiação solar na edificação, para a correta orientação de implantação do equipamento no terreno.

Com uso da carta solar da cidade de Fortaleza, orientada aos ângulos das fachadas do terreno (figura 49), tem-se: à norte a incidência de radiação solar direta nos meses de Março a Setembro, aproximadamente das 6:05h da manhã às 17:55h da tarde; na fachada sul observa-se a incidência de radiação solar nos meses de Outubro a Fevereiro, aproximadamente de 5:55h da manhã às 18:05h da noite; na fachada leste tem-se incidência de radiação solar durante todo o ano, aproximadamente nos horários de 6h da manhã às 12h da tarde; à oeste a radiação solar incidente ocorre durante todo o ano, aproximadamente nos horários de 12h da tarde às 18h da noite.

Considerando o estudo da carta solar conclui-se que a melhor orientação para implantação da edificação no terreno é voltando as maiores fachadas para norte e sul onde a incidência de radiação solar em cada uma das fachadas ocorre apenas em 6 meses e 4 meses do ano respectivamente.

Ademais vale destacar que a orientação de implantação do edifício não solucionará totalmente os problemas relacionados à alta incidência solar em todas as fachadas, com isso, outras soluções como já mencionado serão adotadas no projeto. Como por exemplo a adoção de uma coberta que avance nas fachadas como estratégia de sombreamento, ou ainda a criação de jardins internos e paredes vazadas permitindo maior conforto térmico e eficiência energética.

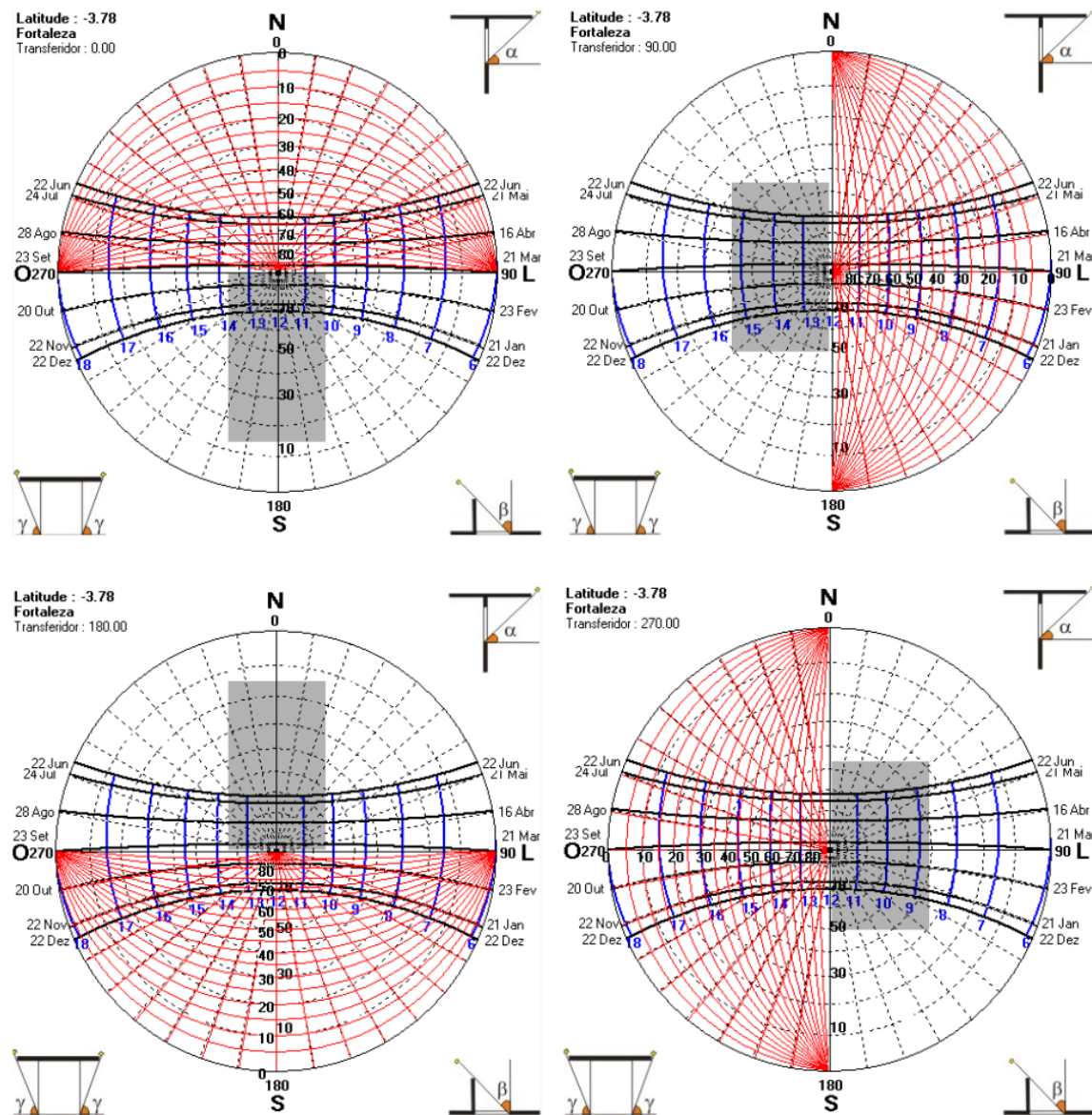


Figura 49 – Carta solar.

A seguir estão demarcadas as visadas do terreno (figura 50), bem como suas respectivas imagens (figuras 51, 52, 53, 54, 55 e 56) para que se possa visualizar melhor a área de implantação do Centro Cultural.

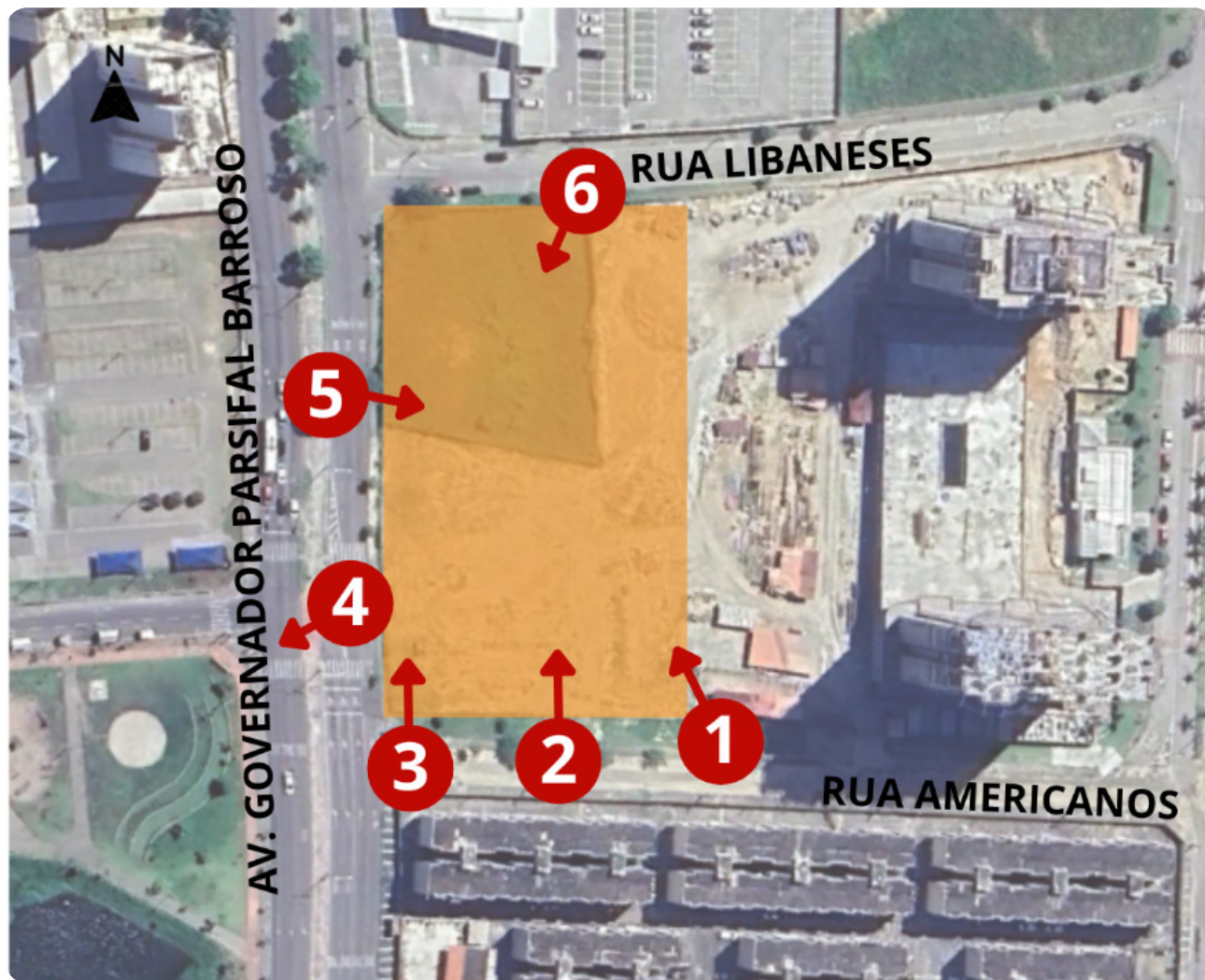


Figura 50 – Marcação de visadas do terreno.

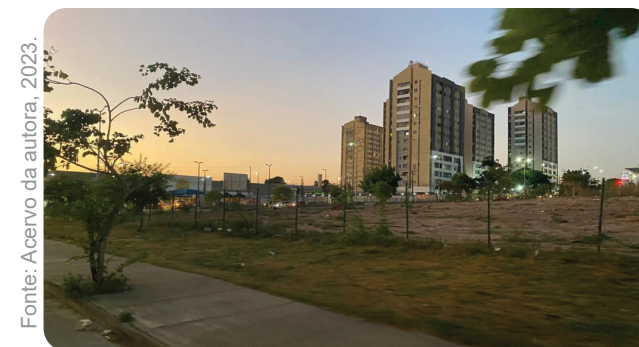


Figura 51 – Visada 1.

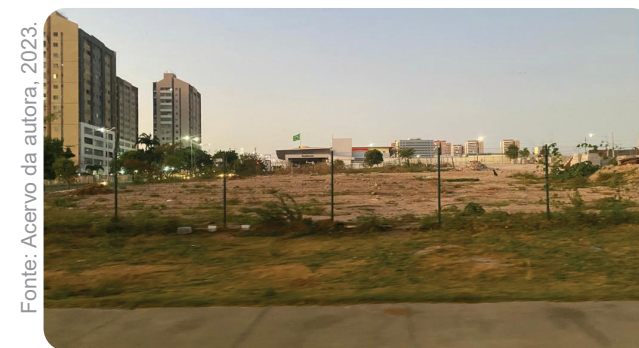


Figura 52 – Visada 2.

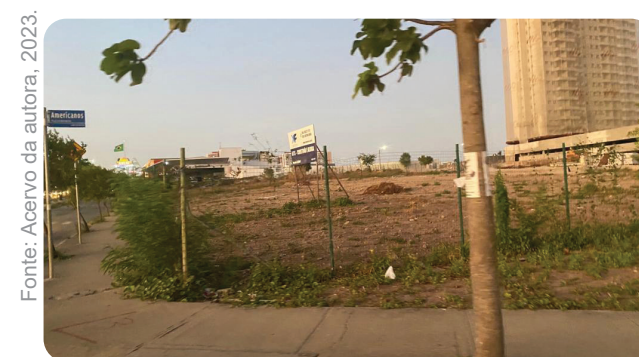


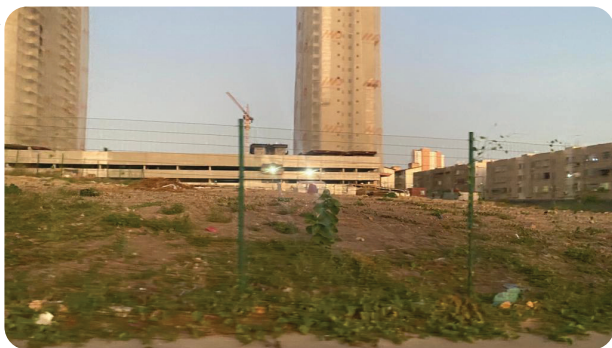
Figura 53 – Visada 3.

Fonte: Google Street View, 2022.



Figura 54 – Visada 4.

Fonte: Acervo da autora, 2023.



Fonte: Google Street View, 2023.



Figura 56 – Visada 6.

Em breve síntese do diagnóstico da área foi possível concluir que o bairro Presidente Kennedy, assim como a maioria dos bairros que fazem divisa com ele apresenta IDH muito baixo, demonstrando a carência socioeconômica da população.

A região de implantação do equipamento possui infraestrutura urbana e serviços disponíveis, incluindo saneamento, transporte público, vias apropriadas para o transporte motorizado, shoppings, supermercados e áreas de lazer, como praças e espaços livres.

Do ponto de vista morfológico, a maior parte do bairro exibe edificações de médio gabarito, com até 4 pavimentos, distribuídas em lotes e quadras de menor dimensão. Já as construções comerciais e os edifícios residenciais multifamiliares de maior altura encontram-se em lotes e quadras mais extensos, apresentando características contemporâneas.

Com relação a parâmetros urbanísticos, a legislação estipula valores que se adequam bem a tipologia de equipamento que se deseja trabalhar.

Por fim, ao realizar uma análise físico-ambiental do terreno, foi possível chegar à conclusão sobre a melhor forma de implantar a edificação no local, de modo a adequar o equipamento à topografia e ao clima.

5 PROJETO ARQUITETÔNICO

**5.1 Programa de necessidades e
setorização**

5.2 Conceito e partido

**5.3 Fluxograma e espacialização
da proposta**

Este capítulo traz os estudos iniciais, evolução e definições do processo de projeção, tomando como base os capítulos anteriores, a fim de concretizar o projeto arquitetônico do Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz, objetivo principal deste trabalho.

5.1 CONCEITO E PARTIDO

O conceito do projeto do Centro Cultural tem como principal objetivo a integração com o Parque Rachel de Queiroz, visando à complementaridade espacial e à diversidade de atividades oferecidas por ambos os espaços. Além disso, busca priorizar estratégias que valorizem o contexto de inserção, respeitando sua tectônica e se adaptando cuidadosamente às condicionantes climáticas predominantes da região.

Para tal, optou-se por organizar os blocos dos setores de forma escalonada, aproveitando ao máximo a topografia do terreno, conectando-os por meio de circulações cobertas e circundando-os por uma praça pública. Essa estratégia visa a integração do conjunto, tornando-o um espaço democrático, onde todos os setores se conectam harmoniosamente por meio dos espaços livres.

Destaca-se ainda, que a praça do equipamento pretende ofertar para o bairro um espaço de gentileza urbana, responsável por estabelecer uma ligação direta com o Parque Rachel de Queiroz, uma vez que o Centro Cultural será concebido sem a presença de muros ou barreiras físicas e visuais com a vizinhança. Essa estratégia visa promover uma interação fluida e inclusiva entre o equipamento e seu entorno imediato, contribuindo para a criação de um ambiente acolhedor e integrado.

Além disso, a escolha do sistema construtivo almeja incorporar uma fusão de materiais vernaculares e materiais industrializados, conferindo-lhe um cará-

ter contemporâneo que se integra de maneira contextualizada ao ambiente local e ao período em que está sendo concebido.

5.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES E SETORIZAÇÃO

O projeto tem como premissas, propor um espaço de exposição, apreciação, ensino e aprendizado artístico e cultural. Voltado principalmente para adolescentes e adultos de Fortaleza e região metropolitana. No entanto, uma vez que o equipamento é de uso público, deve-se considerar sua utilização para todos os públicos possíveis.

Tendo como base o referencial teórico e projetual e estudo de caso realizado, atestou-se que equipamentos desta tipologia condensam diversas atividades ligadas à cultura e arte. Com isso, o programa de necessidades contempla os seguintes setores: Cultural, Ensino, Administrativo/Funcionários, Serviços.

O Setor Cultural (quadro 6), contempla uma galeria de arte com salão de exposições para exibição de peças produzidas pelos alunos e acervo permanente, biblioteca aberta ao público, auditório com dois camarins e sala técnica, além de banheiros, ambientes de apoio, etc.

O Setor de Ensino (quadro 7), dispõe de salas para ateliês de artes plásticas variadas, como cerâmica, escultura, grafite, serigrafia, xilogravura etc. Nestes ambientes, pretende-se trabalhar com layouts flexíveis e integração com o exterior, visando estimular a criatividade dos estudantes. Além disso, o setor contempla ainda sala de aula convencional para aulas teóricas, sala de coordenação de cursos, banheiros, espaço família com fraldário e espaço de

amamentação, ambulatório e ambientes de apoio.

Vale destacar que os Setores Cultural e de Ensino são parte principal do equipamento proposto, uma vez que as diversas atividades ligadas à arte e cultura acontecem nestes setores.

O Setor Administrativo/Funcionários (quadro 8), concentra os ambientes de administração, com sala de direção, secretaria, sala de TI com servidor, sala de reuniões, banheiros, além de vestiários para funcionários e refeitório.

Por fim, o Setor de Serviços (quadro 9) contempla estacionamento, área de carga e descarga, gerador e transformador de energia, e espaço para armazenagem de resíduos.

Conforme quadro 10, a estimativa de área total construída do empreendimento será de 3.359,39 m², excluídos desse cálculo áreas livres e externas.

É importante ressaltar que as dimensões apresentadas nos quadros do Programa de Necessidades possuem caráter estimativo, com base no referencial projetual, estudo de caso, estudos esquemáticos e croquis realizados pela autora. Portanto, servem como material de análise a ser pontualmente definidos no momento de projeção.

SETOR CULTURAL				
AMBIENTE	FUNÇÃO / USUÁRIOS	QUANT.	A. INDIV. m²	A. TOTAL m²
RECEPÇÃO/GUARDA VOLUMES GALERIA	ESPAÇO PARA GUARDA DE VOLUMES DO PÚBLICO VISITANTE	1	9.22	9.22
SALA DE EXPOSIÇÃO	ESPAÇO PARA EXPOSIÇÃO DO ACERVO DA GALERIA PARA O PÚBLICO VISITANTE	3	49.20	147.60
DEPÓSITO DE ACERVO	SALA PARA GUARDA DE ACERVO QUE NÃO ESTÁ EM EXPOSIÇÃO	1	17.25	17.25
SALA DE CURADORIA	SALA DE APOIO GERAL DA GALERIA PARA FUNCIONÁRIOS, PEQUENOS CONCERTOS E RESTAURO DE PEÇAS	1	13.50	13.50
RECEPÇÃO/ GUARDA VOLUME E SALA DE XEROX BIBLIOTECA	ESPAÇO PARA GUARDA DE VOLUMES DO PÚBLICO VISITANTE, ATENDIMENTO E XEROX	1	15.25	15.25
BIBLIOTECA, ZONA DE PESQUISA, LAYOUT LIVRE E ACERVO	ESPAÇO COM ACERVO EXPOSTO DA BIBLIOTECA, COMPUTADORES E MESAS PARA ESTUDO	1	140.93	140.93
SALA DE ESTUDO INDIVIDUAL	SALA COM MESAS PARA ESTUDO INDIVIDUAL DENTRO DA BIBLIOTECA	1	33.66	33.66
SALA DE ESTUDO EM GRUPO	SALA COM MESAS PARA ESTUDO EM GRUPO DENTRO DA BIBLIOTECA	4	8.91	35.64
SALA DE APOIO BIBLIOTECÁRIOS	SALA DE APOIO GERAL DA BIBLIOTECA PARA BIBLIOTECÁRIAS E OUTRAS FUNÇÕES	1	16.25	16.25
AUDITÓRIO	AUDITÓRIO - 90 USUÁRIOS	1	181.88	181.88
ANTECÂMARA	ANTECÂMARA PARA ENTRADA NO AUDITÓRIO	1	18.56	18.56
SALA DE PROJEÇÃO E SOM	SALA DO TÉCNICO DE SOM E EQUIPAMENTO DE PROJEÇÃO	1	33.28	33.28
CAMARIM + WC	ESPAÇO PRÓXIMO AO AUDITÓRIO PARA PESSOAS QUE IRÃO SE APRESENTAR E PRECISAM DE UM ESPAÇO PARA SE PREPARAREM	2	15.74	31.48
BACKSTAGE	ÁREA PARA DESCANSO E ESPERA DE PESSOAL	1	95.16	95.16
DEPÓSITO CÊNICO	DEPÓSITO PARA GUARDA DE EQUIPAMENTOS E MATERIAIS DO AUDITÓRIO	1	6.30	6.30
WC MASCULINO	BANHEIRO MASCULINO DO SETOR CULTURAL	1	20.71	20.71
WC FEMININO	BANHEIRO FEMININO DO SETOR CULTURAL	1	19.15	19.15
WC PCD	BANHEIRO UNISSEX DO SETOR CULTURAL PARA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	1	3.23	3.23
COPA	ESPAÇO PARA CONSUMO DE PEQUENAS REFEIÇÕES	1	10.05	10.05
DML	DEPÓSITO DE MATERIAL DE LIMPEZA	1	4.35	4.35
ALMOXARIFADO	DEPÓSITO DE MATERIAIS DE EXPEDIENTE	1	4.35	4.35
TOTAL PARCIAL				857.80
CIRCULAÇÃO 20%				171.56
TOTAL				1029.36

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Quadro 6 – Programa de Necessidades, Setor Cultural.

SETOR DE ENSINO				
AMBIENTE	FUNÇÃO / USUÁRIOS	QUANT.	A. INDIV. m²	A. TOTAL m²
RECEPÇÃO	RECEPCIONAR VISITANTES	1	6.24	6.24
COORDENAÇÃO DE CURSOS	SALA PARA FUNCIONÁRIOS DA COORDENAÇÃO E ARTICULAÇÃO DE CURSOS	1	16.15	16.15
LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA	LABORATÓRIO COM COMPUTADORES	1	30.48	30.48
ATELIÊ DE PINTURA, DESENHO E GRAFITE	ESPAÇO PARA PINTURA EM TELA, PASTEL, AQUARELA, ÓLEO, ETC/ DESENHO LIVRE/ GRAFITAGEM	1	82.95	82.95
ATELIÊ DE XILOGRAVURA E SERIGRAFIA	ESPAÇO PARA XILOGRAVURA DESDE A CONFECÇÃO DA MATRIZ ATÉ A REPRODUÇÃO NO PAPEL/ SERIGRAFIA DESDE A CONFECÇÃO DA TELA ATÉ A IMPRESSÃO	1	53.90	53.90
ATELIÊ DE CERÂMICA E ESCULTURA LIVRE	ESPAÇO PARA CONFECÇÃO DE PEÇAS EM CERÂMICA DESDE O PREPARO DA ARGILA ATÉ A QUEIMA NO FORNO/ ESCULTURA EM GERAL, BRONZE, GESSO, AÇO, MADEIRA, ARGILA, ETC	1	82.95	82.95
ATELIÊ DE ARTESANATO E RESTAURO	ESPAÇO PARA ARTESANATO EM GERAL/ RESTAURO	1	43.40	43.40
SALA DE AULA TEÓRICA	SALA COM LAYOUT CONVENCIONAL PARA AULAS EXPOSITIVAS E DIALOGADAS	1	38.50	38.50
SALA DOS PROFESSORES	SALA DE APOIO PARA AS OFICINAS, E FUNCIONÁRIOS DO SETOR	1	22.75	22.75
WC MASCULINO	BANHEIRO MASCULINO DO SETOR CULTURAL	1	28.25	28.25
WC FEMININO	BANHEIRO FEMININO DO SETOR CULTURAL	1	28.25	28.25
WC PCD	BANHEIRO UNISSEX DO SETOR DE ENSINO PARA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	1	3.23	3.23
AMBULATÓRIO	SALA PARA MATERIAIS DE PRIMEIROS SOCORROS	1	18.20	18.20
COPA	ESPAÇO PARA CONSUMO DE PEQUENAS REFEIÇÕES	1	10.69	10.69
ESPAÇO FAMÍLIA	ESPAÇO COM BANHEIRO INFANTIL E FRALDÁRIO, ÁREA PARA AMAMENTAÇÃO E PREPARO DE PEQUENAS REFEIÇÕES	1	17.45	17.45
DML	DEPÓSITO DE MATERIAL DE LIMPEZA	1	3.90	3.90
ALMOXARIFADO	DEPÓSITO DE MATERIAIS DE EXPEDIENTE	1	4.77	4.77
TOTAL PARCIAL				492.06
CIRCULAÇÃO 20%				98.41
TOTAL				590.47

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Quadro 7 – Programa de Necessidades, Setor de Ensino.

SETOR ADMINISTRATIVO/FUNCIONÁRIOS				
AMBIENTE	FUNÇÃO / USUÁRIOS	QUANT.	A. INDIV. m²	A. TOTAL m²
SECRETARIA	ESPAÇO PARA ATENDIMENTO DE PÚBLICO INTERNO E EXTERNO	1	30.15	30.15
ADMINISTRATIVO	SALA DO ADMINISTRATIVO OPERACIONAL	1	18.57	18.57
DIRETORIA	SALA DO DIRETOR GERAL	1	22.50	22.50
SALA DE TI	SALA DO SERVIDOR DE COMPUTADORES E TECNOLOGIA	1	11.25	11.25
REUNIÃO	SALA DE REUNIÕES GERAIS	1	34.65	34.65
WC MASCULINO	BANHEIRO MASCULINO DO SETOR ADMINISTRATIVO	1	19.15	19.15
WC FEMININO	BANHEIRO FEMININO DO SETOR ADMINISTRATIVO	1	19.15	19.15
WC PCD	BANHEIRO UNISSEX DO SETOR ADMINISTRATIVO PARA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	1	3.23	3.23
VESTIÁRIO FEMININO	ESPAÇO COM ARMÁRIOS, VASO SANITÁRIO, CHUVEIRO E ÁREA PARA TROCA DE ROUPA	1	24.85	24.85
VESTIÁRIO MASCULINO	ESPAÇO COM ARMÁRIOS, BANCOS, VASO SANITÁRIO, MICTÓRIO, CHUVEIRO E ÁREA PARA TROCA DE ROUPA	1	18.92	18.92
VESTIÁRIO PCD	ESPAÇO COM ARMÁRIO, BANCO, VASO SANITÁRIO, CHUVEIRO E ÁREA PARA TROCA DE ROUPA PARA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	1	4.55	4.55
REFEITÓRIO	ESPAÇO PARA AQUECIMENTO E CONSUMO DE REFEIÇÕES JÁ PRONTAS	1	87.80	87.80
ALMOXARIFADO	DEPÓSITO DE MATERIAIS DE EXPEDIENTE	1	5.02	5.02
DML	DEPÓSITO DE MATERIAL DE LIMPEZA	1	3.93	3.93
MANUTENÇÃO	ESPAÇO PARA MANUTENÇÃO DE EQUIPAMENTOS	1	19.75	19.75
QUIOSQUE DE ALIMENTAÇÃO	QUIOSQUE PARA VENDA DE ALIMENTOS	2	17.93	35.86
TOTAL PARCIAL				359.33
CIRCULAÇÃO 20%				71.87
TOTAL				431.20

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Quadro 8 – Programa de Necessidades, Setor Administrativo/Funcionários.

SETOR SERVIÇOS				
AMBIENTE	FUNÇÃO / USUÁRIOS	QUANT.	A. INDIV. m²	A. TOTAL m²
LIXO	DEPÓSITO DE LIXO SECO E ORGÂNICO	1	3.24	3.24
GUARITA + WC	GUARITA PARA CONTROLE DE ENTRADA	1	13.07	13.07
CARGA E DESCARGA	ÁREA PARA DESCARREGAMENTO DE EQUIPAMENTOS E MATERIAIS EM GERAL	1	145.47	145.47
ESTACIONAMENTO PÚBLICO	ESTACIONAMENTO DO PÚBLICO EM GERAL COM 31 VAGAS	1	698.00	698.00
TOTAL PARCIAL				859.78
CIRCULAÇÃO 20%				171.96
TOTAL				1031.74

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Quadro 9 – Programa de Necessidades, Setor de Serviços.

ÁREA TOTAL A CONSTRUIR	
SETOR CULTURAL	1029.36
SETOR DE ENSINO	590.47
SETOR ADMINISTRATIVO/ FUNCIONÁRIOS	431.20
SETOR SERVIÇOS	1031.74
TOTAL GERAL	3082.76

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Quadro 10 – Programa de Necessidades, Área total dos setores.

5.3 FLUXOGRAMA E ESPACIALIZAÇÃO DA PROPOSTA

Com base no programa de necessidades e na intenção de integrar o Centro Cultural, ao Parque Rachel de Queiroz, tem-se a setorização da proposta (figura 47) e organização dos fluxos do equipamento conforme figura 48.

A implantação dos blocos buscou além de se adequar a topografia do terreno, possibilitar a criação de espaços de convivência (praças) que se configuram como organizadores e integradores do espaço, funcionando não apenas como áreas de convivência, mas se caracterizando como elementos de conexão entre os blocos circundantes.

Os três blocos estão voltados para uma praça central que se divide em três níveis por meio de platôs. As porções superiores se conectam com as inferiores por meio de rampas internas/externas que cortam os três blocos transversalmente. Pela área externa essas conexões são realizadas por meio de escadas que também funcionam como elementos paisagísticos.

O Setor Cultural foi estrategicamente posicionado no nível baixo, buscando uma integração mais direta à Av. Gov. Parsifal Barroso, uma decisão tomada com o objetivo de garantir que a entrada principal de pedestres do Centro Cultural se harmonizasse perfeitamente com o acesso dos visitantes vindos do Parque Rachel de Queiroz. Para fortalecer essa integração, foi prevista uma faixa de pedestres elevada, estabelecendo uma conexão visual e funcional entre os dois equipamentos.

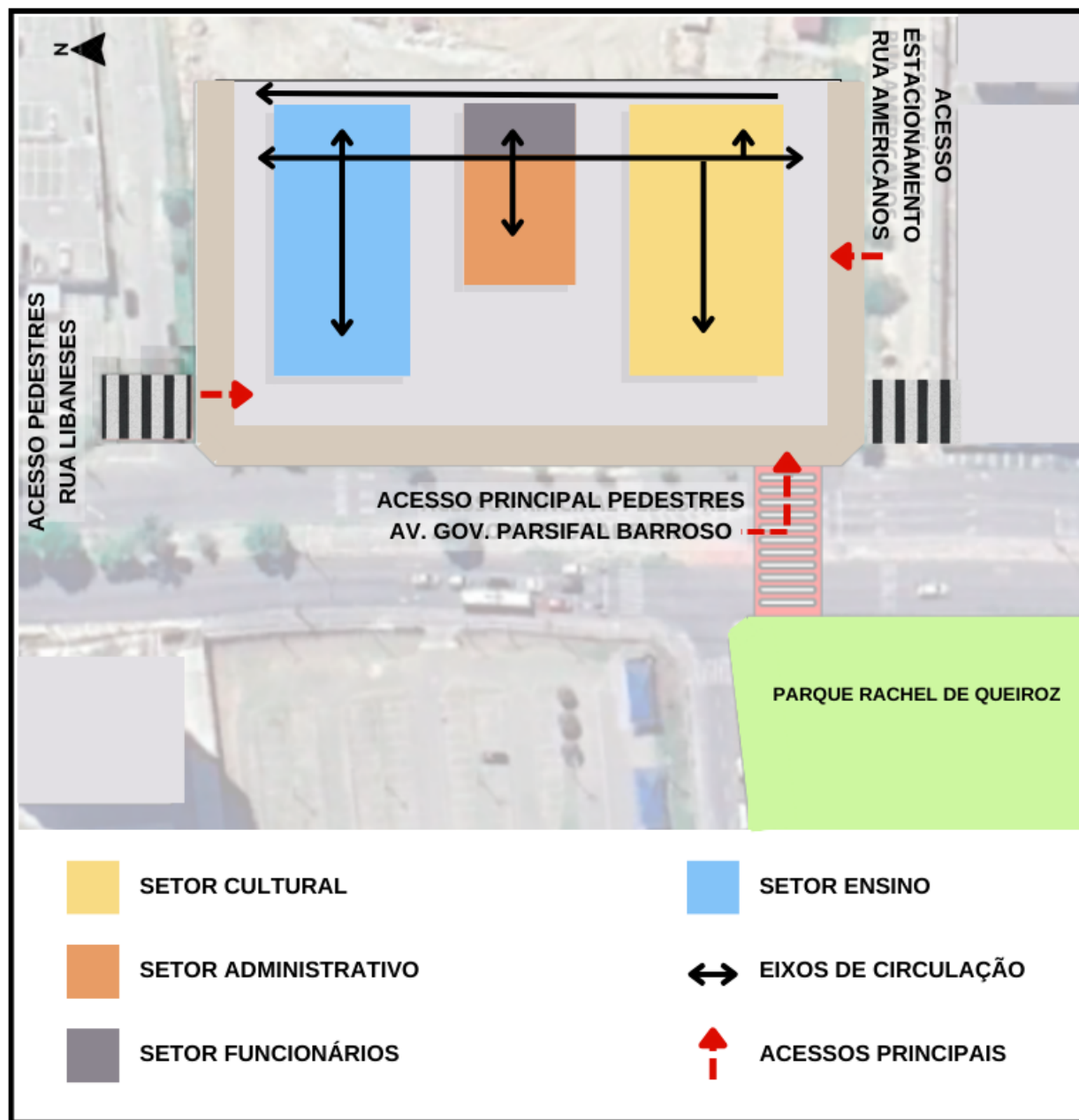


Figura 47 – Setorização da proposta.

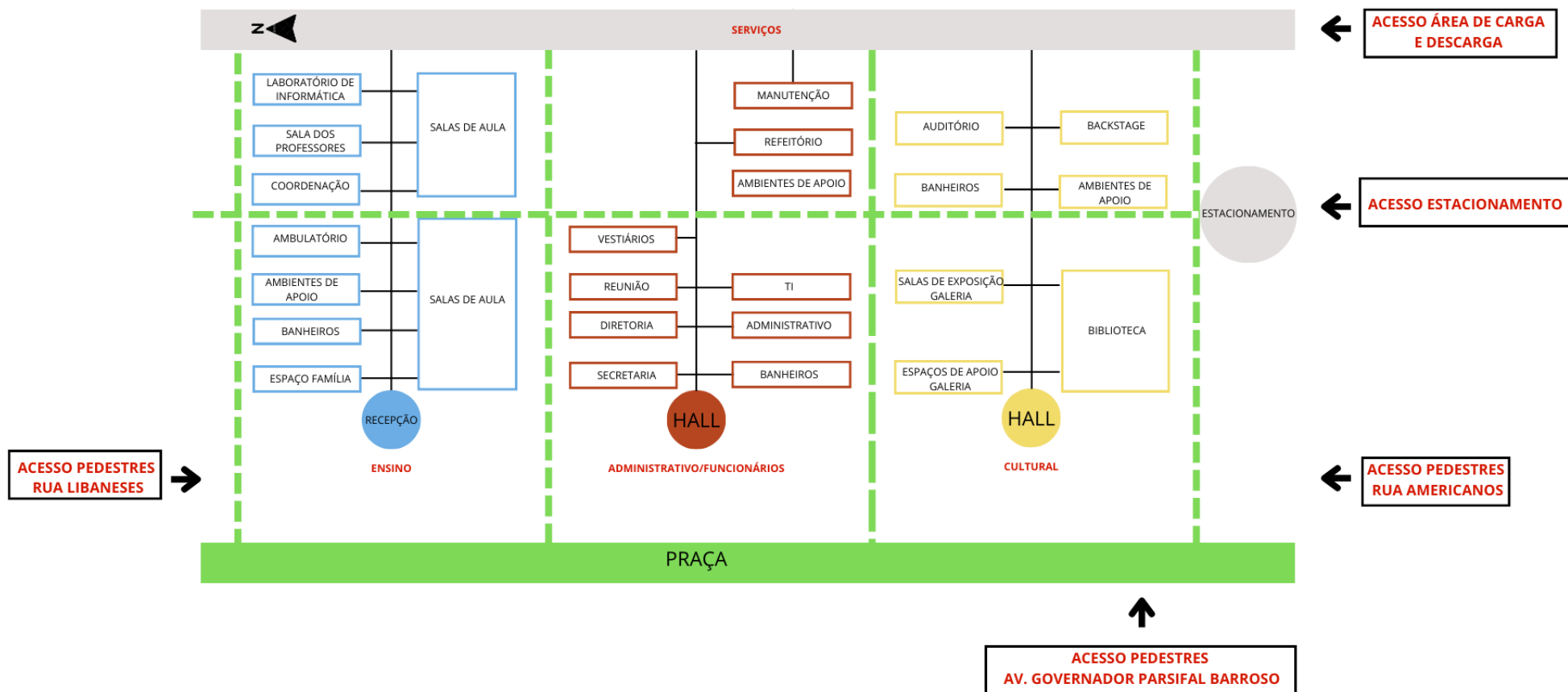


Figura 48 – Fluxograma.

Além disso, ainda no nível mais baixo, acontece o acesso ao estacionamento, pela Rua Americanos, e também o acesso a área de carga e descarga, essa estratégia foi planejada para garantir uma otimização do fluxo, aproveitando esta via local que tem baixo trânsito de veículos.

Na Rua Libaneses, também foi delineado um acesso para pedestres, destinado aos visitantes vindos pelo sentido norte do terreno. Essa escolha foi deli-

berada, dado que essa transferência está atribuída ao setor de ensino, localizado na cota mais alta.

Na cota intermediária está localizado o bloco Administrativo/Funcionários, essa estratégia foi definida com a finalidade de conectar este setor diretamente aos setores de ensino e cultural.

Cada setor apresenta uma recepção ou hall de acesso, a partir do qual se estendem corredores

com áreas de jardim que conectam os diferentes ambientes do programa de necessidades. Os fluxos foram cuidadosamente organizados de acordo com a inter-relação dos ambientes, promovendo uma disposição lógica e funcional.

A edificação proposta ocupa a porção central do terreno, com a implantação dos blocos disposta de forma escalonada em três platôs. Esses platôs aproveitam a topografia do terreno e minimizam a necessidade de movimentação de terra, resgatando estratégias de projeto utilizadas por Francis Keré no Centro Cultural Kamwokya. A implantação em diferentes níveis permite ainda que o edifício se integre harmoniosamente com a paisagem existente e o nível da rua.

A conexão entre os blocos dos setores é realizada através de um eixo de circulação que corta os três blocos transversalmente, utilizando rampas cobertas. Na parte externa, uma praça em diferentes níveis, conectada por escadas, unifica o conjunto. A praça é aberta ao público, pois o edifício não possui muros, tornando-se um espaço democrático que se conecta ao Parque Rachel de Queiroz e ao entorno imediato sem barreiras físicas ou visuais.

O acesso principal de pedestres é realizado pela Av. Governador Parsifal Barroso, em frente ao Parque Rachel de Queiroz. Esse acesso é marcado por uma faixa de pedestres elevada, devido ao alto fluxo de veículos na via e à importância da integração do parque com o centro. Há também uma área de embarque e desembarque para veículos.

O acesso ao estacionamento e à área de carga e descarga é realizado de forma separada pela Rua Americanos, uma via com pouca movimentação de veículos. Existem ainda acessos secundários para pedestres, marcados com faixas de pedestres na Rua Americanos e na Rua Libaneses.

Os espaços verdes propostos foram planejados paisagisticamente, com a inserção de plantas nativas, em consonância com conceitos desenvolvidos por Holanda (1976), que defende o uso da vegetação regional para promover o contato com a natureza tropical.

5.4.2 Térreo

A conformação interna dos blocos dos setores do Centro Cultural está estruturada em torno de um pátio central, que organiza e integra os demais ambientes. Este pátio é dotado de jardineiras com vegetação nativa, e sua cobertura permite a passagem de iluminação natural difusa pois tem sua materialidade de polycarbonato leitoso, incorporando um telhado borboleta que direciona a água da chuva para as jardineiras, auxiliando na irrigação das plantas. Essa conformação é replicada nos blocos dos três setores, Cultural, Ensino e Administrativo/Funcionários.

O jardim central é responsável por criar um microclima agradável, uma estratégia também utilizada no projeto do Juizado Cível e Criminal da Unileão, desenvolvido pelo Escritório Lins Arquitetos. Este pátio central funciona ainda como um espaço de convivência, podendo acomodar usos flexíveis, como exposições, feiras, apresentações, entre outros eventos.

A proposta visa não apenas a funcionalidade e eficiência dos espaços, mas também a criação de um ambiente que promove o bem-estar dos usuários e a integração com a natureza.

LEGENDA

- 1** – Laboratório de informática
- 2** – Sala dos professores
- 3** – Coordenação de cursos
- 4** – Ambulatório
- 5** – DML
- 6** – Almoxarifado
- 7** – Copa
- 8** – Wc feminino
- 9** – Wc masculino
- 10** – Espaço família
- 11** – Wc PCD
- 12** – Wc infantil
- 13** – Recepção
- 14** – Sala de aula teórica
- 15** – Ateliê de artesanato e restauro
- 16** – Ateliê de pintura e grafite
- 17** – Ateliê de xilogravura e serigrafia
- 18** – Ateliê de cerâmica e escultura livre
- 19** – Quiosque
- 20** – Secretaria
- 21** – Diretoria
- 22** – Reunião
- 23** – Wc feminino
- 24** – Vest PCD
- 25** – Vest masculino
- 26** – Sala de Manutenção
- 27** – Almoxarifado
- 28** – DML
- 29** – Refeitório
- 30** – Sala de TI
- 31** – Administrativo
- 32** – Wc masculino
- 33** – Wc PCD
- 34** – Wc feminino
- 35** – Sala de exposições
- 36** – Depósito de acervo
- 37** – Sala de curadoria
- 38** – Recepção/guarda volumes galeria
- 39** – Recepção guarda volumes e xerox biblioteca
- 40** – Sala de apoio bibliotecários
- 41** – Biblioteca, zona de pesquisa, estudo livre e acervo
- 42** – Sala de estudo em grupo
- 43** – Sala de estudo individual
- 44** – Almoxarifado
- 45** – DML
- 46** – Copa
- 47** – Camarim 01
- 48** – Camarim 02
- 49** – Depósito cênico
- 50** – Antecâmara
- 51** – Auditório
- 52** – Sala de projeção
- 53** – Wc masculino
- 54** – Wc PCD
- 55** – Wc feminino



Figura 50 – Térreo – Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz

Bloco Cultural

O bloco do setor Cultural que está na cota 1,20 m, foi pensado como um espaço dinâmico e multifuncional, centrado na promoção da arte, cultura e conhecimento. Nele têm-se uma galeria de arte composta por três salas de exposições flexíveis, que se adaptam às necessidades de diferentes eventos. Divididas por portas camarão, as salas permitem criar espaços personalizados, acolhendo simultaneamente exposições individualizadas ou uma única exposição de maior escala quando abertas. Além das áreas de exposição, a galeria inclui uma sala de depósito de acervo, uma sala dedicada à curadoria e uma recepção equipada com guarda-volumes.

No mesmo bloco, a biblioteca é um espaço amplo com zonas de acervo e pesquisa, salas de estudo em grupo e individuais, proporcionando ambientes que atendem tanto ao trabalho colaborativo quanto à concentração individual. A estrutura de apoio inclui uma sala para os bibliotecários, uma recepção com guarda-volumes e uma máquina de xerox.

Ainda no mesmo bloco, têm-se o auditório, com capacidade para 90 pessoas, incluindo assentos destinados a pessoas com deficiência (PCD) e a pessoas com obesidade. Equipado com uma sala técnica, e um backstage com entrada individual, dois camarins com banheiro, depósito cênico e espaço de convivência interno para as pessoas que aguardam para se apresentarem.

Para complementar as funções principais do bloco, foram planejados os ambientes de apoio. Estes incluem banheiros masculinos, femininos e para PCD, além de um depósito de material de limpeza (DML), almoxarifado e copa. Cada um desses espaços foi projetado para maximizar a eficiência operacional e o conforto dos usuários.

LEGENDA

- 35 – Sala de exposições
- 36 – Depósito de acervo
- 37 – Sala de curadoria
- 38 – Recepção/guarda volumes galeria
- 39 – Recepção guarda volumes e xerox biblioteca
- 40 – Sala de apoio bibliotecários
- 41 – Biblioteca, zona de pesquisa, estudo livre e acervo
- 42 – Sala de estudo em grupo
- 43 – Sala de estudo individual
- 44 – Almoxarifado
- 45 – DML
- 46 – Copa
- 47 – Camarim 01
- 48 – Camarim 02
- 49 – Depósito cênico
- 50 – Antecâmara
- 51 – Auditório
- 52 – Sala de projeção
- 53 – Wc masculino
- 54 – Wc PCD
- 55 – Wc feminino

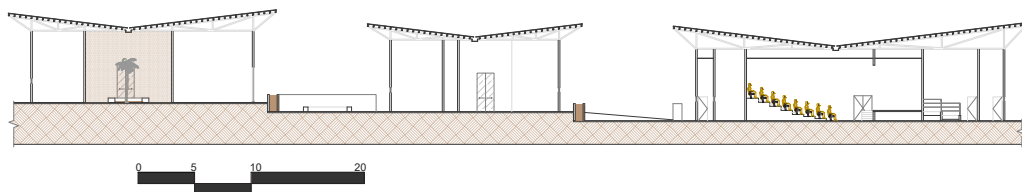


Figura 51 – Corte CC – Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz



Figura 52 – Planta Bloco Cultural – Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz

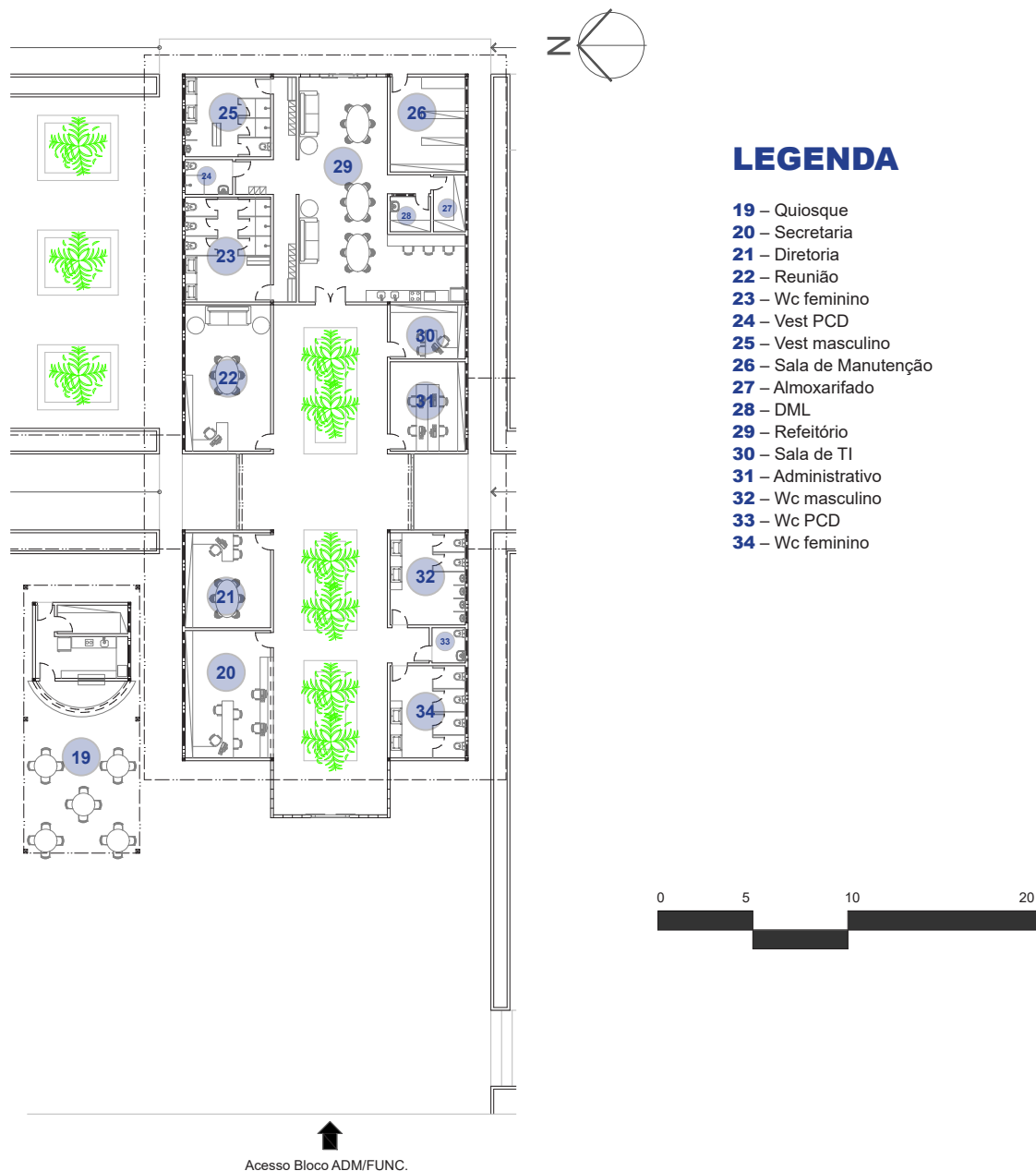
Bloco Administrativo/Funcionários

O bloco Administrativo/Funcionários que está na cota 2,00 m, está dividido em duas partes, proporcionando uma clara separação entre as áreas de uso público e os espaços exclusivos para os funcionários.

Na porção anterior do bloco, encontram-se os ambientes de atendimento e administração do Centro Cultural como, secretaria, sala de diretoria, sala de reunião, administração e TI. Têm-se ainda nesta porção do bloco, banheiros de uso público feminino, masculino e PCD.

Separada por uma porta, na porção posterior do bloco fica o setor de funcionários dedicado exclusivamente aos colaboradores, criando um ambiente funcional e acolhedor. Os vestiários masculino e feminino, além do vestiário para pessoas com deficiência, foram projetados para atender às necessidades de privacidade e conveniência. Um amplo refeitório, com uma área de descanso integrada, promove o bem-estar dos funcionários.

Complementando esses ambientes, o setor inclui áreas de apoio como DML (Depósito de Material de Limpeza) e almoxarifado.



LEGENDA

- 19 – Quiosque
- 20 – Secretaria
- 21 – Diretoria
- 22 – Reunião
- 23 – Wc feminino
- 24 – Vest PCD
- 25 – Vest masculino
- 26 – Sala de Manutenção
- 27 – Almoxarifado
- 28 – DML
- 29 – Refeitório
- 30 – Sala de TI
- 31 – Administrativo
- 32 – Wc masculino
- 33 – Wc PCD
- 34 – Wc feminino

Figura 53 – Bloco Administrativo/Funcionários – Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz

Bloco Ensino

O bloco de Ensino que está na cota 2,80 m foi concebido como um espaço que fomenta a criatividade e o aprendizado, integrando-se harmonicamente ao ambiente externo. Os ambientes incluem uma Sala de Aula Convencional, Ateliês de Cerâmica e Escultura Livre, Ateliê de Xilogravura e Serigrafia, Ateliê de Pintura, Desenho e Grafite, e Ateliê de Restauro. A concepção dos ateliês visou criar espaços que se abrem para o exterior, permitindo que os alunos se inspirem na paisagem da praça pública circundante. Para isso, foram instalados grandes janelões em vidro cancelado com peitoris baixos. Esses janelões, quando fechados, filtram a luz natural, criando uma atmosfera suave e inspiradora dentro dos ateliês. Quando abertos, promovem uma integração fluida entre os ambientes internos e externos, potencializando a conexão com o exterior.

Além dos ateliês, o bloco de Ensino abriga um laboratório de informática, sala da coordenação estrategicamente posicionada para facilitar a gestão e supervisão das atividades educacionais. O espaço também contempla um ambulatório, copa, um ambiente familiar com banheiro infantil, e uma copa para preparo de pequenas porções de alimento para crianças, promovendo o conforto e a conveniência das famílias que frequentam o centro. Para completar a infraestrutura, há banheiros masculinos, femininos e para PCD, além de um almoxarifado e um depósito de material de limpeza (DML).

Setor de Serviços

O setor de serviços do Centro Cultural é composto por diversos espaços estrategicamente distribuídos para otimizar a funcionalidade e acessibilidade do local. Adjacente à Rua Americanos, há uma guarita destinada ao controle de acesso à área de carga e descarga. Junto a essa guarita, encontra-se um depósito de resíduos localizado próximo à rua, facilitan-

do a coleta do lixo pela concessionária responsável. A área de carga e descarga é acessível pela Rua Americanos e possui saída pela Rua Libaneses, contando com rampas que permitem que o processo seja realizado de maneira eficiente e segura. Próximo à Rua Americanos, há um estacionamento com capacidade para 31 veículos. Os usuários deste estacionamento podem acessar diretamente o bloco cultural por meio de uma rampa acessível ou por degraus que levam à parte frontal da praça do equipamento.

O castelo d'água, responsável pelo abastecimento de todo o Centro Cultural, está situado no ponto mais alto do terreno, adjacente à Rua Libaneses, e possui um volume total de 60.000 m³. Essa organização cuidadosa dos espaços e infraestruturas visa garantir uma operação funcional, segura e acessível do Centro Cultural, atendendo às necessidades de usuários e funcionários.

LEGENDA

- 1 – Laboratório de informática
- 2 – Sala dos professores
- 3 – Coordenação de cursos
- 4 – Ambulatório
- 5 – DML
- 6 – Almoxarifado
- 7 – Copa
- 8 – Wc feminino
- 9 – Wc masculino
- 10 – Espaço família
- 11 – Wc PCD
- 12 – Wc infantil
- 13 – Recepção
- 14 – Sala de aula teórica
- 15 – Ateliê de artesanato e restauro
- 16 – Ateliê de pintura e grafite
- 17 – Ateliê de xilogravura e serigrafia
- 18 – Ateliê de cerâmica e escultura livre

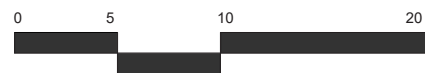


Figura 54 – Bloco Ensino –
Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz



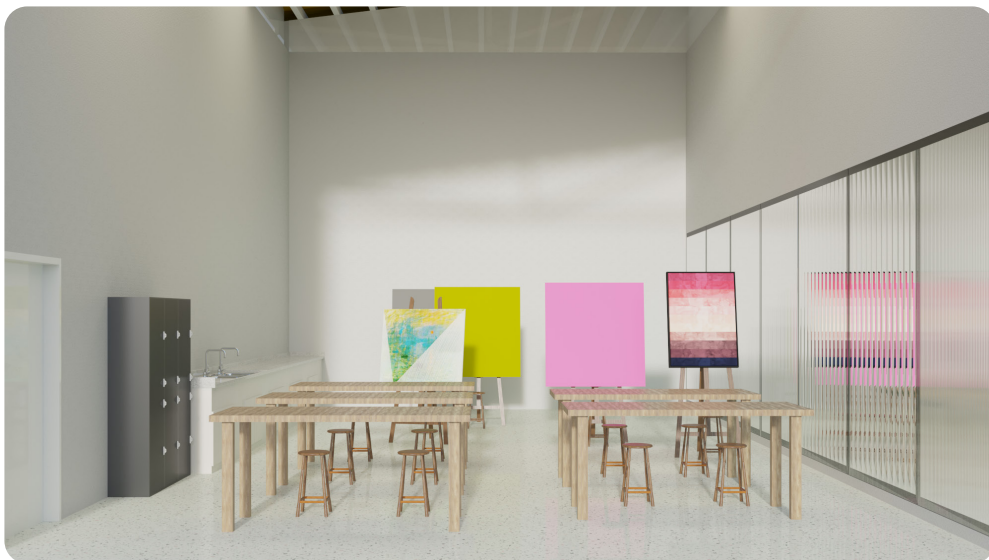


Figura 58 – Ateliê de pintura, desenho e grafite –
Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz

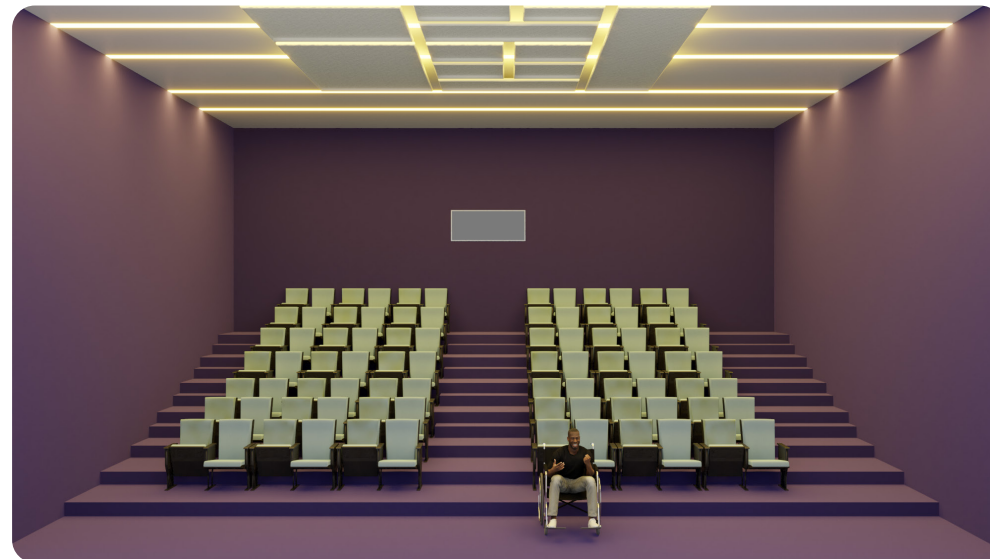


Figura 59 – Auditório –
Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz



Figura 60 – Pátio interno –
Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz



Figura 61 – Sala de aula –
Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz

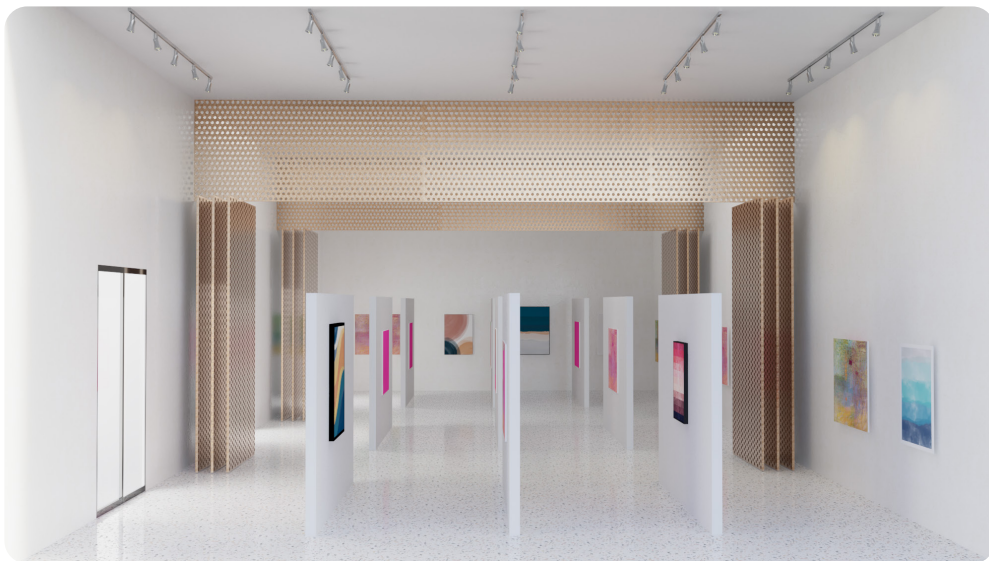


Figura 62 – Sala de exposições –
Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz



Figura 63 – Bloco Adm/Func –
Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz



Figura 64 – Fachada frontal –
Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz



Figura 65 – Fachada lateral –
Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como foco o desenvolvimento do projeto arquitetônico do Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz, localizado no bairro Presidente Kennedy, em Fortaleza, Ceará. O objetivo principal deste projeto foi proporcionar à população local uma opção de lazer e cultura que se integrasse harmoniosamente ao Parque Rachel de Queiroz, um espaço público já bem aceito pela comunidade e que fomentou um senso de pertencimento e cuidado.

Ao longo do desenvolvimento deste projeto, foram estabelecidos e atendidos diversos objetivos específicos que contribuíram significativamente para a qualidade e relevância do trabalho. Primeiramente, foi realizado um estudo aprofundado sobre o conceito de cultura, especialmente no contexto das artes plásticas no Brasil. Este estudo envolveu uma análise histórica dos eventos que levaram à criação de centros culturais tanto em nível nacional quanto local. Esta base teórica foi fundamental para compreender a importância e a função dos centros culturais na sociedade contemporânea.

Em conclusão, o projeto do Centro Cultural de Artes Plásticas Rachel de Queiroz atendeu plenamente aos objetivos propostos. Além de criar um espaço de valorização das práticas culturais, o projeto reforça a importância dos equipamentos culturais públicos como promotores do desenvolvimento intelectual e social. A iniciativa se apresenta como uma resposta à desvalorização da cultura no país, oferecendo um espaço que celebra e preserva a herança cultural local.

REFERÊNCIAS

ACQUARONE, Francisco. História das Artes Plásticas no Brasil. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Americana Ltda, 1980.

ARAÚJO, Carvalho. Estação das Artes. Archdaily, 2022. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/999428/estacao-das-artes-carvalho-araujo?ad_source=search&ad_medium=projects_tab. Acesso em: 10 nov. 2023.

ARCHITECTURE, Kéré. Centro Comunitário Kamwokya. Archdaily, 2022. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/991533/centro-comunitario-kamwokya-kere-architecture?ad_source=search&ad_medium=projects_tab. Acesso em: 10 nov. 2023.

ARQUITETOS, Una. Centro Universitário Maria Antonia. UNA Arquitetos, 2017. Disponível em: <http://unabv.com.br/en/cultural-en/centro-universitario-maria-antonia/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro. 2020

ASSOCIADOS, Lins Arquitetos. Juizado Cível e Criminal: Unileão. Lins Arquitetos, 2016. Disponível em: <https://www.linsarquitetos.com.br/juizado-civel-e-criminal-unileao>. Acesso em: 10 nov. 2023.

BARBALHO, Alexandre. Modernização e espetacularização da cultura: os 'governos das mudanças' e suas políticas culturais (1987-1998). Projeto de pesquisa, Fortaleza: 2000.

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 1998.

BOTELHO, T. R. Revitalização de centros urbanos no Brasil: uma análise comparativa das experiências de Vitória, Fortaleza e São Luís. Revista Eure, Santiago, V. 31, N. 93, p. 53-71, Agosto de 2005.

BRANDÃO, E. Acústica de salas: projeto e modelagem. 1ª Edição. São Paulo: Blucher, 2016.

BRASIL. Poder Executivo. Decreto n. 11.525, de 10 de maio de 2023. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, 11 de maio de 2023, ano 2023, p. 2. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-11.525-de-11-de-maio-de-2023-482720690>. Acesso em: 17 set. 2023.

BUORO, Anamelia Bueno. O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CARVALHO, G.; DUARTE GONÇALVES, E. DIRETRIZES DE PROJETO PARA AUDITÓRIOS DESTINADOS À FALA. v. 1, p. 10, 21 set. 2019.

CARVALHO, Livia. Do Passaré ao Presidente Kennedy, bairros de Fortaleza têm mercado imobiliário aquecido: Ascensão financeira e busca por maior qualidade de vida aquecem movimento por regiões menos centrais da cidade. Diário do Nordeste, 2021. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/do-passare-ao-presidente-kennedy-bairros-de-fortaleza-tem-mercado-imobiliario-aquecido-1.3106689>. Acesso em: 10 nov. 2023.

CENNI, Roberto. Três centros culturais na cidade de São Paulo. 1991. Dissertação de Mestrado – Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo, São Paulo 1991.

Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Dragão do Mar. Disponível em: <http://www.dragaodomar.org.br/>. Acesso em: 03 mar. 2024.

COELHO, Teixeira. Usos da cultura: políticas de ação cultural. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

COSTA, Gilberto. Relembre o passo a passo da tentativa de golpe no 8/1: Acampamento no Setor Militar serviu de base para terroristas. Agência Brasil, 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2024-01/relembre-o-passo-passo-da-tentativa-de-golpe-no-81#>. Acesso em: 05 mar. 2024.

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 1999.

CULTURA, Ministério Da. O Ministério da Cultura (MinC) é responsável pelo planejamento e pela execução das políticas nacionais de cultura e de artes: Rebaixado à secretaria em 2019, recuperou o status ministerial por meio do Decreto nº 11.336, de 1º de janeiro de 2023. Ministério da Cultura, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/apresentacao>. Acesso em: 17 set. 2023.

DADOS Climáticos. In: LABEEE - LABORATÓRIO DE EFICIÊNCIA ENERGÉTICA EM EDIFICAÇÕES; UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Dados Climáticos. Brasil, xx. Disponível em: <http://www.mme.gov.br/projeteee/dados-climaticos/>. Acesso em: 25 out.2023.

DELAQUA, Victor. Projeto de Iluminação: Museu Mapuche de Cañete / LLD – Limarí Lighting Design. Archdaily, 2012. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-72689/projeto-de-iluminacao-museu-mapuche-de-canete-llid-limari-lighting-design>. Acesso em: 03 mar. 2024.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. Fundamentos estéticos da educação. São Paulo: Cortez Editora, 1981.

FALCONERY, Lucas. Ponte dos Ingleses tem estrutura desfeita e completa 5 anos fechada com obras paradas: Concretagem, manutenção e restauro foram realizados, mas a retomada da obra está prevista este mês. Diário do Nordeste, 2023. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/ponte-dos-ingleses-tem-estrutura-desfeita-e-completa-5-anos-fechada-com-obras-paradas-veja-imagens-1.3330291>. Acesso em: 17 set. 2023.

FONTENELE, S. Intervenções na cidade existente: um estudo sobre o Centro Dragão do Mar e a Praia de Iracema. 2003. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas). Universidade de São Paulo (FAU-USP), São Paulo, 2003.

Fortaleza em Mapas. Disponível em: <https://mapas.fortaleza.ce.gov.br/>. Acesso em: 03 mar. 2024.

FRAMPTON, Kenneth. História crítica da arquitetura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Google Earth. Disponível em: <https://earth.google.com>. Acesso em: 03 mar. 2024.

Google Streer View. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em: 03 mar. 2024.

GOMES, Pedro Henrique. Governo libera quase R\$ 1 bilhão em recursos bloqueados da Lei Rouanet, diz Ministério da Cultura: Segundo a pasta, cerca de 2 mil projetos serão beneficiados pela liberação dos recursos. Outros 5 mil terão o prazo para arrecadação de dinheiro ampliado. G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/18/governo-libera-quase-r-1-bilhao-em-recursos-bloqueados-da-lei-rouanet-diz-ministerio-da-cultura.ghtml>. Acesso em: 17 set. 2023.

GONDIM, Linda. Desenho urbano e imaginário sócio-espacial da cidade: a produção de imagens da “moderna” Fortaleza no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. (Relatório de pesquisa submetido à Fundação Cearense de Amparo à Pesquisa). Fortaleza, CE, 2000.

GONDIM, L. M. P. O Dragão do Mar e a Fortaleza pós-moderna: cultura, patrimônio e imagem da cidade. São Paulo: Annablume, 2007.

GUTIERREZ, Ericki. Pierre, Erica e Uma Conversa Sobre a História da Arte Brasileira. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2015.

HARROUK, Christele. Centro Pompidou em Paris será fechado por três anos para reformas. Archdaily, 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/955950/centro-pompidou-em-paris-sera-fechado-por-tres-anos-para-reformas>. Acesso em: 03 mar. 2024.

HOLANDA, Armando de. Roteiro para construir no Nordeste. Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados. 1976. Dissertação (Mestrado de Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1976.

IBGE (Brasil). Sinopse por Setores: IBGE. [S. l.], 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/?nivel=st>. Acesso em: 8 nov. 2023

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Guia para projetos de arquitetura de museus. /Instituto Brasileiro de Museus; organização Coordenação de Espaços Museais e Arquitetura – Brasília, DF: Ibram, 2020.

LEI PAULO GUSTAVO. Ministério da Cultura, 2022. Disponível em: <http://portalsnc.cultura.gov.br/auxilio-cultura/lei-paulo-gustavo/>. Acesso em: 17 set. 2023.

Lei Rouanet: governo reduz cachê que pode ser pago a artista solo e limite a ser captado por empresas: Norma foi publicada no ‘Diário Oficial’ desta terça. No caso de artista solo, limite por apresentação caiu de até R\$ 45 mil para até R\$ 3 mil; e o de empresas, de R\$ 10 milhões para R\$ 6 milhões. G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/02/08/lei-rouanet-governo-reduz-cache-que-pode-ser-pago-a-artista-solo-e-limite-a-ser-captado-por-empresas.ghtml>. Acesso em: 17 set. 2023.

LITTLEFIELD, D. Manual do arquiteto: planejamento, dimensionamento e projeto. 3ª Edição. Porto Alegre: Bookman, 2011.

LUISA, Ingrid . Serra da Capivara: um paraíso (quase) escondido: O Parque Nacional no Piauí é mais que um wallpaper perfeito: guarda a maior coleção de pinturas rupestres do planeta.. Super Interessante, 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/um-paraíso-quase-escondido>. Acesso em: 03 mar. 2024.

MILANESI, Luís. A Casa da Invenção: Biblioteca Centro de Cultura. 4. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

MODINGER, Carlos Roberto et al. Artes visuais, dança, música e teatro: práticas pedagógicas e colaborações docentes. 1. ed. Erechim: Edelbra, 2012.

MOSTAÇO, Edelcio. Teatro E História Cultural. Baleia na Rede, Marília, v. 1, nº 9, p. 1-14, 2012.

NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia Teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac e Naify, 2006.

NEVES, R. R. Centro Cultural: a cultura à promoção da arquitetura. Especialize - Instituto de Pós-Graduação, Goiânia, 2012. Disponível em: Acesso em: 10 de outubro de 2023.

REIS, Luiz Felipe. Verba do Ministério da Cultura é a menor em 9 anos: Após cortes, MinC terá apenas R\$ 604 milhões para despesas variáveis. O Globo, 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/verba-do-ministerio-da-cultura-a-menor-em-9-anos-18766746>. Acesso em: 17 set. 2023.

Relatório de Políticas e Programas de Governo: LEI ROUANET. Tribunal de Contas da União, 2018. Disponível em: <https://sites.tcu.gov.br/relatorio-de-politicas/2018/lei-rouanet.htm>. Acesso em: 17 set. 2023.

SANTOS, José Luiz Dos. O que é cultura. 6. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

SCHRAMM, S. M. O. Território livre de Iracema: só o nome ficou? Memórias coletivas e a produção do espaço na Praia de Iracema. Fortaleza, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Impresso, 2001.

SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO E MEIO AMBIENTE COORDENADORIA DE DESENVOLVIMENTO URBANO. Lei Complementar nº N° 236, de 11 de agosto de 2017. Dispõe sobre o parcelamento, o uso e a ocupação do solo no Município de Fortaleza, e adota outras providências. PARCELAMENTO, USO E OCUPAÇÃO DO SOLO, Fortaleza-CE, p.1-350, agosto 2017. Disponível em: https://portal.seuma.fortaleza.ce.gov.br/fortalezaonline/portal/legislacao/Consulta_Adequabilidade/1Lei_Complementar_N236%20de_11_de%20agosto_de_2017_Lei_de_Parcelamento_Uso_Ocupacao_do_Solo-LUOS.pdf. Acesso em: 12 out. 2023.

SERRONI, J. C. Glossário da cenografia e cenotecnia. Espaço cenográfico, [São Paulo], [s.d.]. Disponível em: Acesso em 10 maio. 2024.

SIGNIFICADOS, Enciclopédia. Arte indígena brasileira. Enciclopédia Significados, 2024. Disponível em: <https://www.significados.com.br/arte-indigena-brasileira/>. Acesso em: 05 mar. 2024.

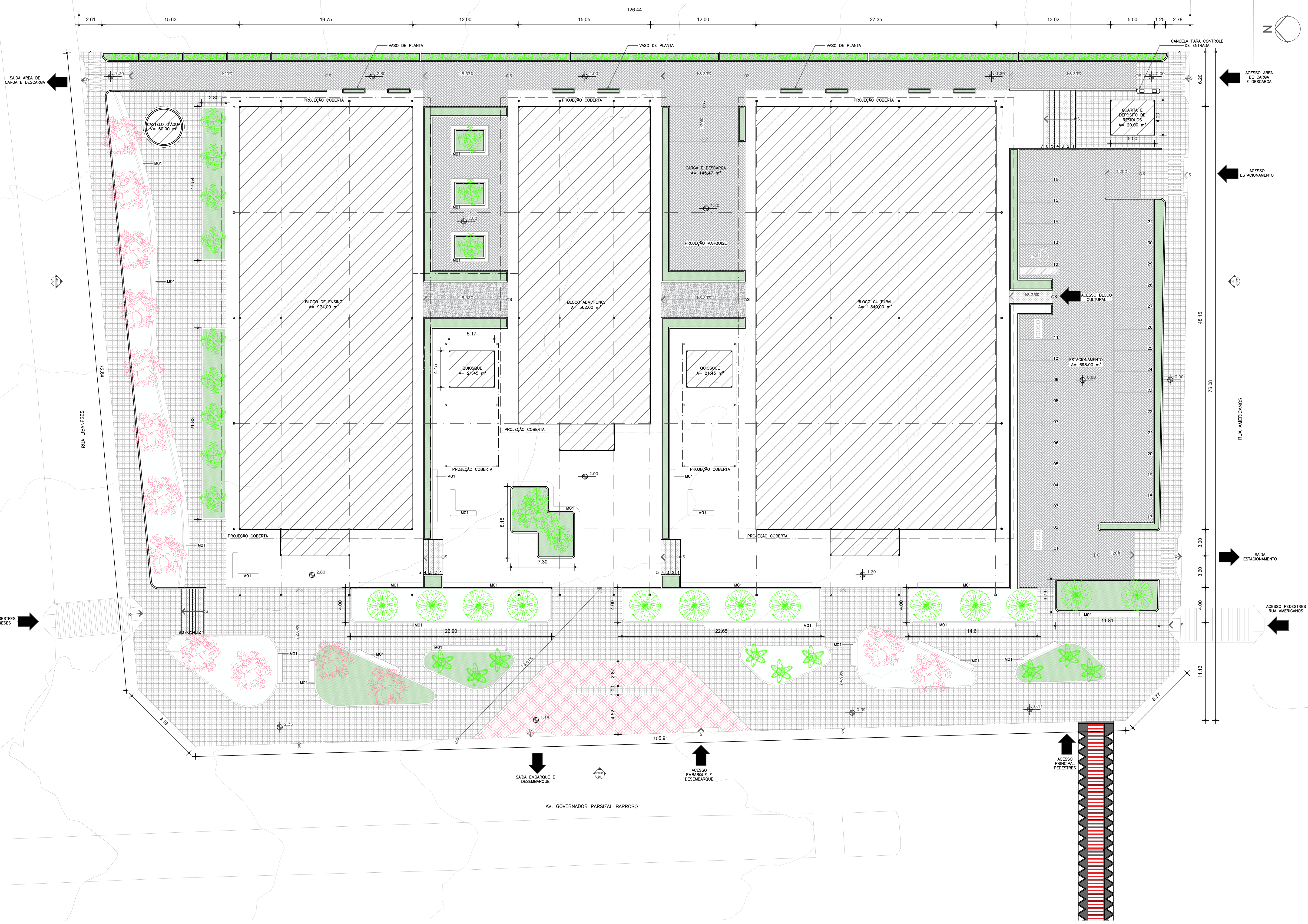
SOLER, C. Contribuição ao projeto de auditórios: avaliação e proposta de procedimento, - Campinas, São Paulo: [s.n.], 2004.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

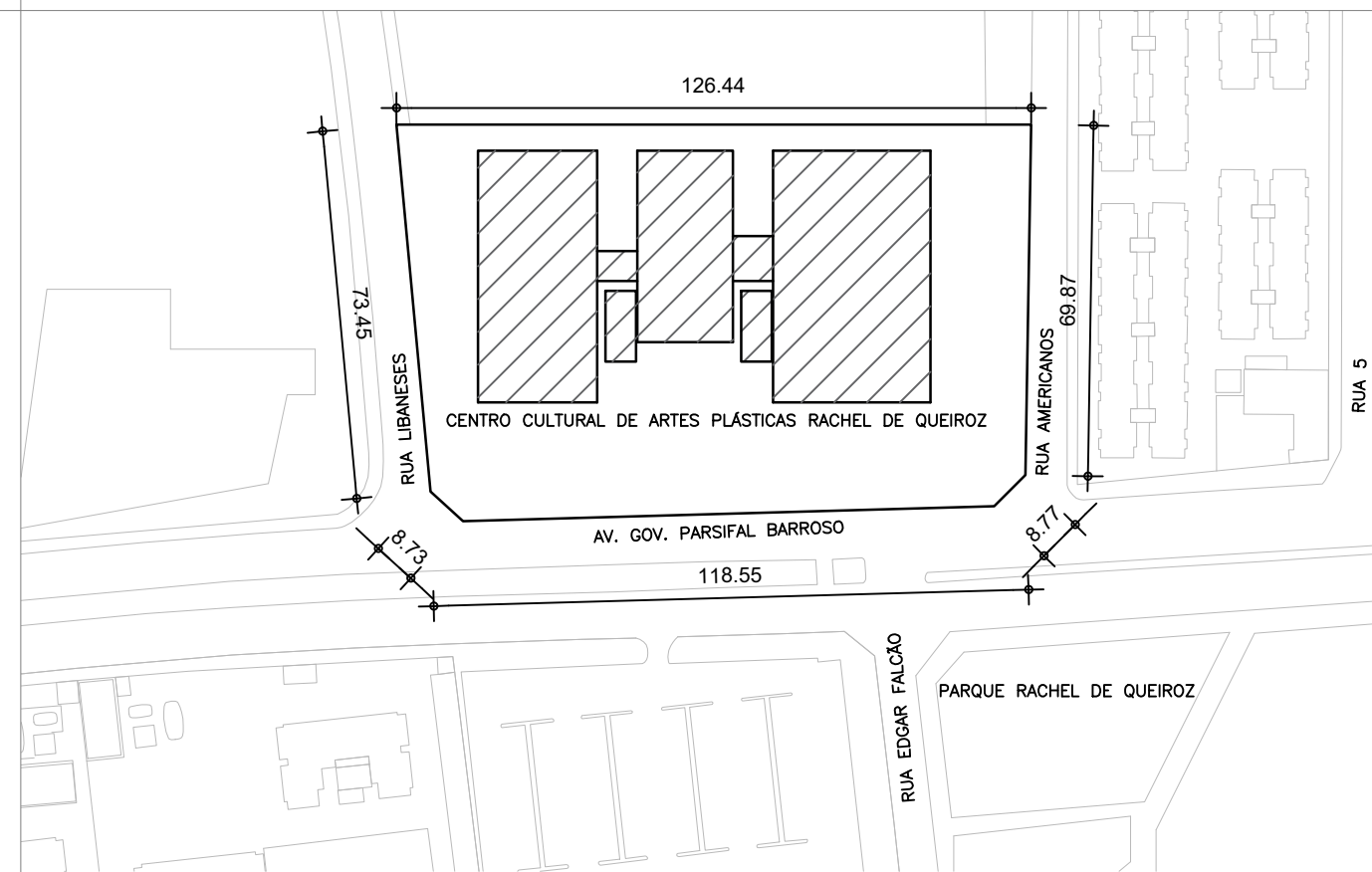
Walshaw, Emma. Guia do arquiteto para: planejamento de museus. Architizer, [s.d.]. Disponível em: [<https://architizer.com/blog/inspiration/stories/why-starchitecture-loses-its-shine/>]. Acesso em: 20 de abril de 2024.

A **PÊNDICE**

Caderno de pranchas técnicas



01 PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
ESC.: 1/200



02 PLANTA DE SITUAÇÃO
ESC.: 1/1500

PARÂMETROS URBANÍSTICOS		
ENDEREÇO-----	PRESIDENTE KENNEDY, FORTALEZA - CE	
ACESSO PRINCIPAL-----	AV. GOVERNADOR PARSIFAL BARROSO	
ACESSO ESTACIONAMENTO-----	RUA AMERICANOS	
MACROZONEAMENTO-----	ZOP 1	
ZONEAMENTO ESPECIAL-----	ZEDUS	
PARÂMETROS URBANÍSTICOS		
DESCRIÇÃO	LUOS	PROJETO
TAXA DE OCUPAÇÃO	60%	30,50%
ÍNDICE DE APROVEITAMENTO BÁSICO	3,00	0,30
TAXA DE PERMEABILIDADE	30%	32%
GABARITO MÁX DA EDIFICAÇÃO	48 m	8,45 m
QUADRO DE ÁREAS		
ÁREA DO TERRENO	9.440 m²	
ÁREA CONSTRUÍDA	2.878 m²	
SETOR DE ENSINO	974 m²	
SETOR ADM/FUNC.	562 m²	
SETOR CULTURAL	1.340 m²	
ESTACIONAMENTO	698 m²	
QUADRO DE VEGETAÇÕES		
SÍMBOLO	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO
	SETE COPAS	TERMINALIA MANTALI
	CARNAÚBA	COPERNICIA PRUNIFERA
	IPE-ROSA	HANDROANTHUS HEPTAPHYLLUS
	ARECA-BAMBU	DYPHIS LUTESCENS
	JASMIN DE LEITE	TRACHELOSPERMUM JASMINOIDES
	VEGETAÇÃO NATURAL ESPONTÂNEA	-
PAGINAÇÃO DE PISO ÁREA EXTERNA		
SÍMBOLO	ESPECIFICAÇÃO	PERMEABILIDADE
	BLOCO DE CONCRETO DRENANTE VERMELHO	25%
	BLOCO DE CONCRETO DRENANTE NATURAL	25%
	ECODRENO NATURAL	100%
	PISO INDUSTRIAL DE ALTA RESISTÊNCIA	-
MOBILIÁRIO		
SÍMBOLO	LEGENDA	
M01	BANCO DE CONCRETO	

ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO:
CENTRO CULTURAL DE ARTES PLÁSTICAS RACHEL DE QUEIROZ

PROFESSOR:
CARLOS EDUARDO COSTA E SILVA FONTENELLE

ALUNO:
LÍRIA VIANA MOURÃO MARQUES

DESENHO:
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
PLANTA DE SITUAÇÃO

TURMA:
2510T01 - 24.1

01
07

ARQUIVO:
FOLHA A1 PERSONALIZADA (1041x594)

DATA:
02/07/2024

1:200

1:1500



QUADRO DE ESQUADRIAS				
PORTAS				
TIPO	DIMENSÕES(m)			MODELO
	LARGURA	ALTURA	PEITORIL	
P1	0.60	1.80	----	MADERA BRANCA (PORTA LISA)
P2	0.70	2.10	----	MADERA BRANCA (PORTA LISA)
P3	0.80	2.10	----	MADERA BRANCA (PORTA LISA)
P4	1.60	2.10	----	MADERA BRANCA (PORTA LISA)
P5	1.60	2.20	----	CORTA FOGO
P6	8.30	4.00	----	ALUMINIO PERFURADO
P7	2.60	3.50	----	ALUMINIO PERFURADO
P8	2.00	3.50	----	ALUMINIO PERFURADO
P9	4.00	4.00	----	ALUMINIO PERFURADO
P10	1.50	3.50	----	ALUMINIO PERFURADO
P11	2.60	3.40	----	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
P12	2.00	3.40	----	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
P13	1.50	3.40	----	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
P14	1.60	3.00	----	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
P15	1.60	3.00	----	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
JANELAS				
TIPO	DIMENSÕES(m)			MODELO
	LARGURA	ALTURA	PEITORIL	
J1	6.50	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J2	4.80	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J3	3.35	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J4	3.80	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J5	2.45	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J6	2.15	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J7	6.35	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J8	4.95	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J9	1.60	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J10	1.55	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J11	0.60	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J12	1.30	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J13	2.00	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J14	4.00	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J15	1.63	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J16	5.32	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J17	7.50	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J18	1.13	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J19	2.80	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J20	2.65	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J21	4.50	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J22	4.65	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J23	1.65	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J24	3.57	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J25	1.90	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J26	7.67	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J27	0.75	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J28	1.00	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J29	2.85	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J30	1.18	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J31	3.15	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J32	2.35	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J33	0.70	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J34	4.75	0.40	1.70	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J35	11.65	3.00	0.10	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J36	7.50	3.00	0.10	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J37	6.00	3.00	0.10	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J38	5.30	3.00	0.10	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO
J39	1.40	0.50	1.10	MADERA
J40	1.50	0.60	0.90	VIDRO

ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO:
CENTRO CULTURAL DE ARTES PLÁSTICAS RACHEL DE QUEIROZ
PROFESSOR:
CARLOS EDUARDO COSTA E SILVA FONTENELLE
ALUNO:
LÍRIA VIANA MOURÃO MARQUES
DESENHO:
PLANTA DE LAYOUT

TURMA:
2510T01 - 24.1

02
07

ARQUIVO:
FOLHA A1 PERSONALIZADA (1041x594)

DATA:
02/07/2024



QUADRO DE ESQUADRIAS				
PORTAS				
TIPO	DIMENSÕES(m)		MATERIAL	MODELO
	LARGURA	ALTURA		
P1	0,60	1,80	MADERA BRANCA (PORTA LISA)	ABRIR (1 FOLHA)
P2	0,70	2,10	MADERA BRANCA (PORTA LISA)	ABRIR (1 FOLHA)
P3	0,80	2,10	MADERA BRANCA (PORTA LISA)	ABRIR (1 FOLHA)
P4	1,60	2,10	MADERA BRANCA (PORTA LISA)	ABRIR (2 FOLHAS)
P5	1,60	2,20	CORTA FOGO	ABRIR (2 FOLHAS)
P6	8,30	4,00	ALUMINIO PERFURADO	CAMARÔ (8 FOLHAS)
P7	2,60	3,50	ALUMINIO PERFURADO	ENROLAR (1 FOLHA)
P8	2,00	3,50	ALUMINIO PERFURADO	ENROLAR (1 FOLHA)
P9	4,00	4,00	ALUMINIO PERFURADO	ENROLAR (1 FOLHA)
P10	1,50	3,50	ALUMINIO PERFURADO	ENROLAR (1 FOLHA)
P11	2,60	3,40	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO	CORRER (2 FOLHAS)
P12	2,00	3,40	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO	CORRER (2 FOLHAS)
P13	1,50	3,40	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO	CORRER (2 FOLHAS)
P14	1,60	3,00	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO	ABRIR (2 FOLHAS)
P15	1,60	3,00	VIDRO CANELADO+ALUMINIO PRETO	CORRER (2 FOLHAS)

TIPO	DIMENSOES(m)			MATERIAL	MODELO
	LARGURA	ALTURA	PEITORIL		
J1	6.50	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (7 FOLHAS)
J2	4.80	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (5 FOLHAS)
J3	3.35	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (4 FOLHAS)
J4	3.80	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (4 FOLHAS)
J5	2.45	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (3 FOLHAS)
J6	2.15	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (2 FOLHAS)
J7	6.35	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (7 FOLHAS)
J8	4.95	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (5 FOLHAS)
J9	1.60	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (2 FOLHAS)
J10	1.55	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (2 FOLHAS)
J11	0.80	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (1 FOLHA)
J12	1.30	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (2 FOLHAS)
J13	2.00	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (2 FOLHAS)
J14	4.00	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (4 FOLHAS)
J15	1.63	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (2 FOLHAS)
J16	5.32	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (6 FOLHAS)
J17	7.50	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (8 FOLHAS)
J18	1.13	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (1 FOLHA)
J19	2.80	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (3 FOLHAS)
J20	2.65	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (3 FOLHAS)
J21	4.50	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (5 FOLHAS)
J22	4.65	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (5 FOLHAS)
J23	1.65	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (2 FOLHAS)
J24	3.57	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (4 FOLHAS)
J25	1.90	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (2 FOLHAS)
J26	7.60	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (8 FOLHAS)
J27	0.75	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (1 FOLHA)
J28	1.00	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (1 FOLHA)
J29	2.85	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (3 FOLHAS)
J30	1.18	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (2 FOLHAS)
J31	3.15	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (3 FOLHAS)
J32	2.35	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (3 FOLHAS)
J33	0.70	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (1 FOLHA)
J34	4.75	0.40	1.70	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	MAXIM -AR (5 FOLHAS)
J35	11.65	3.00	0.10	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	CORRER
J36	7.50	3.00	0.10	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	CORRER
J37	6.00	3.00	0.10	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	CORRER
J38	5.30	3.00	0.10	VRDO CANCELADO+ALUMINIO PRETO	CORRER
J39	1.40	0.50	1.10	MADERA	GUIHOTINA
J40	1.50	0.60	0.90	VRDO	FXA

PROJETO:
CENTRO CULTURAL DE ARTES PLÁSTICAS RACHEL DE QUEIROZ

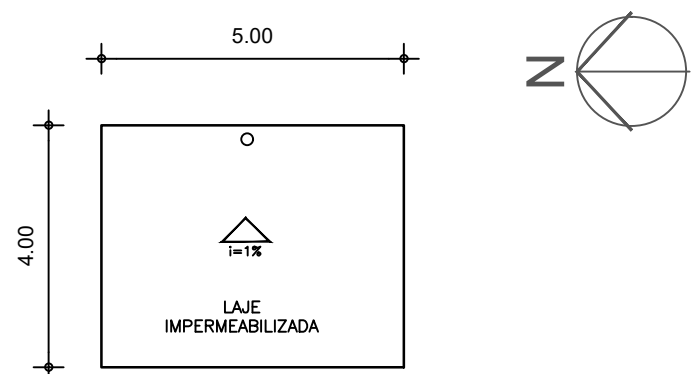
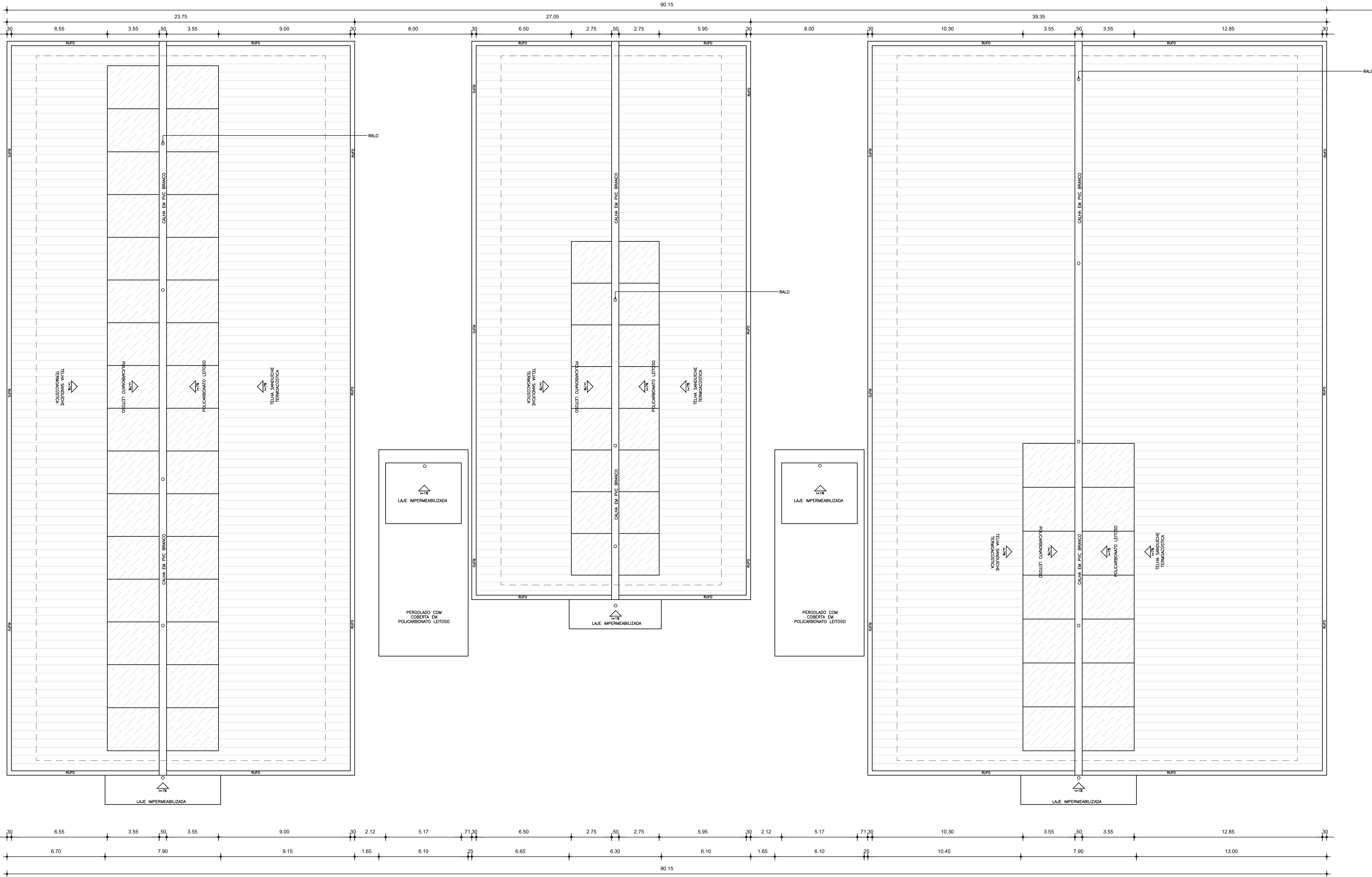
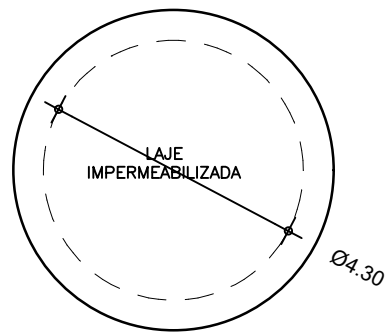
PROFESSOR:
CARLOS EDUARDO COSTA E SILVA FONTENELLE

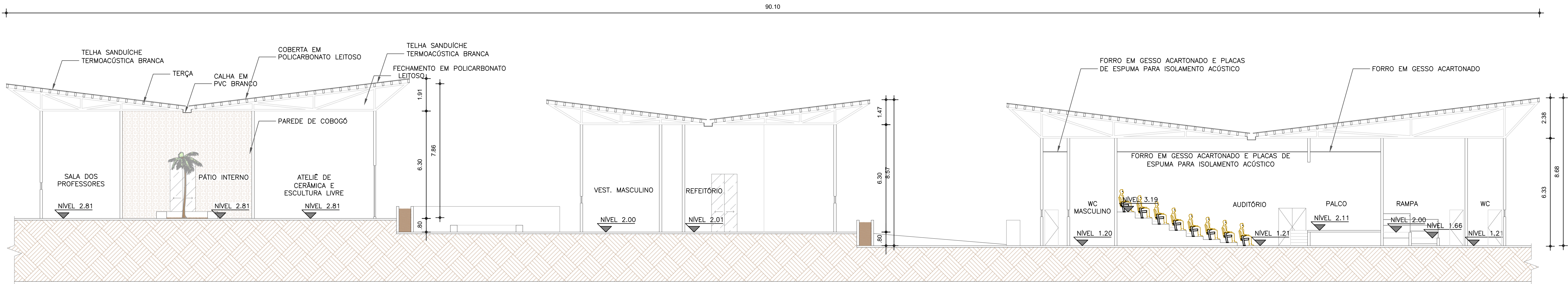
ALUNO:
LÍRIA VIANA MOURÃO MARQUES

DESENHO:
PLANTA BAIXA TÉCNICA 1:125

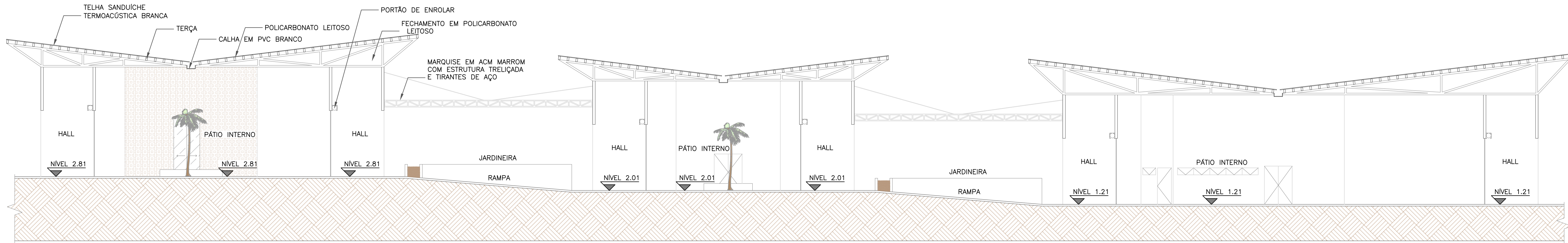
ARQUIVO:
FOLHA A1 PERSONALIZADA (1041x594)

DATA:
02/07/2024

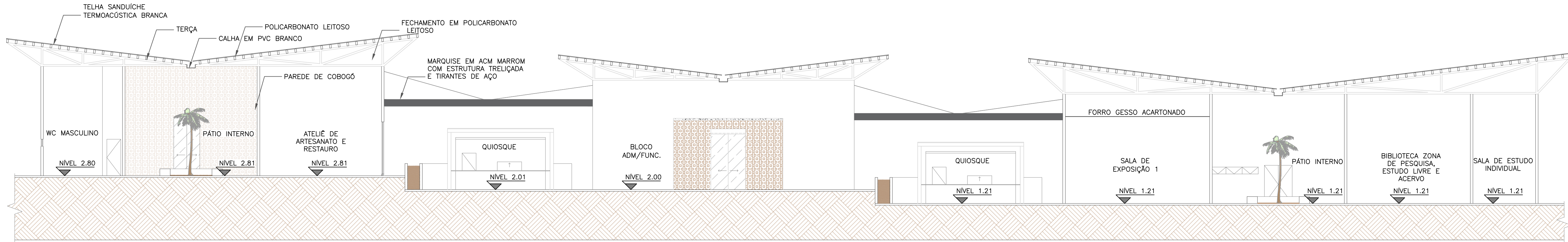




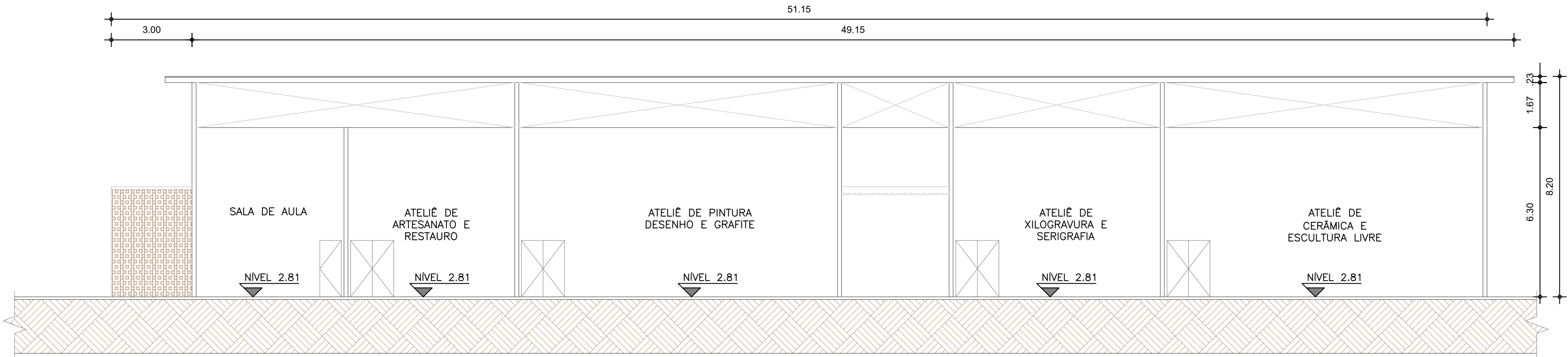
03 CORTE CC
ESC.: 1/125



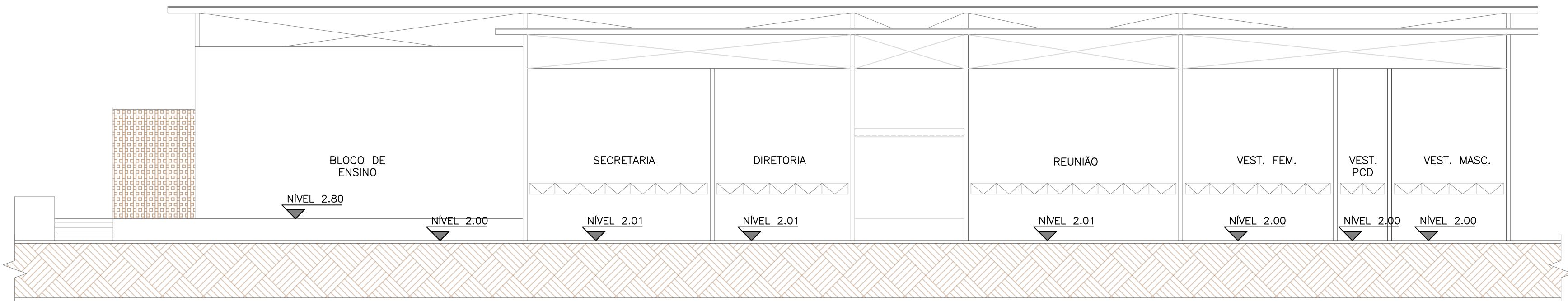
02 CORTE BB
ESC.: 1/125



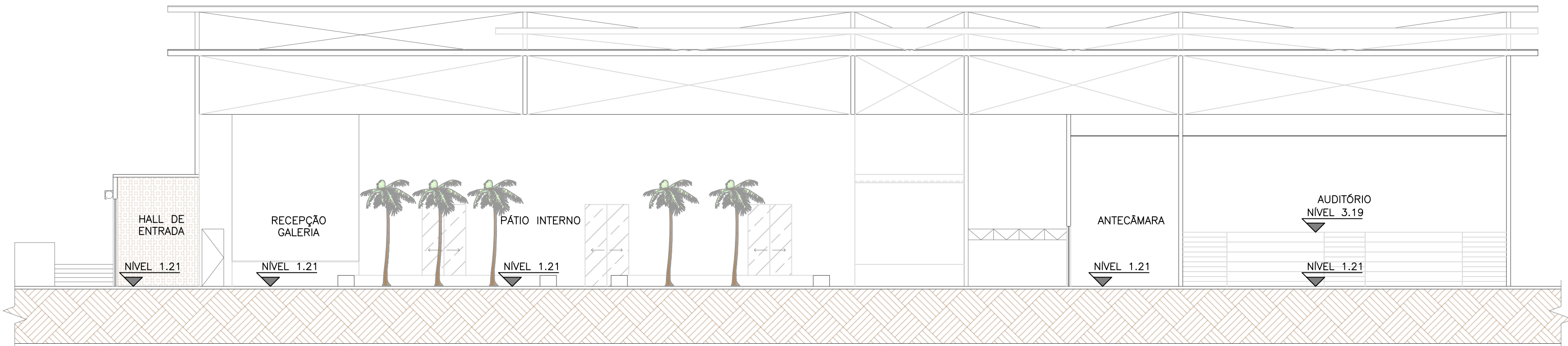
01 CORTE AA
ESC.: 1/125



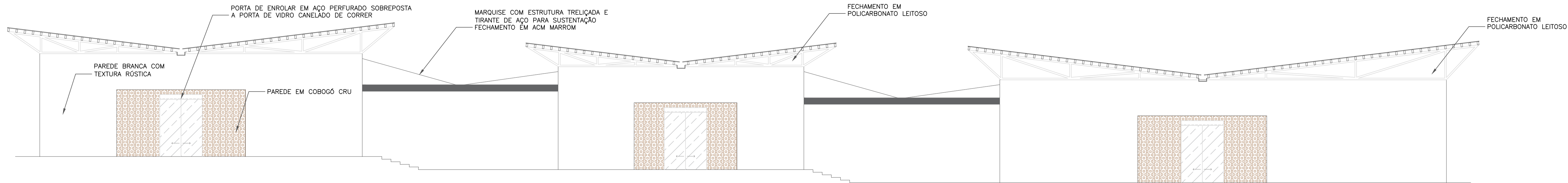
03 CORTE DD
ESC.: 1/125



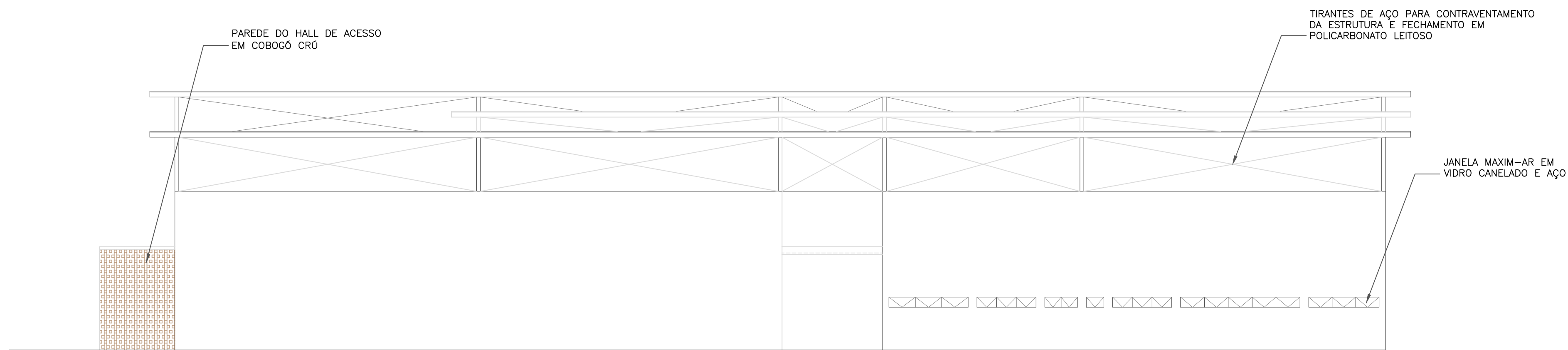
02 CORTE EE
ESC.: 1/125



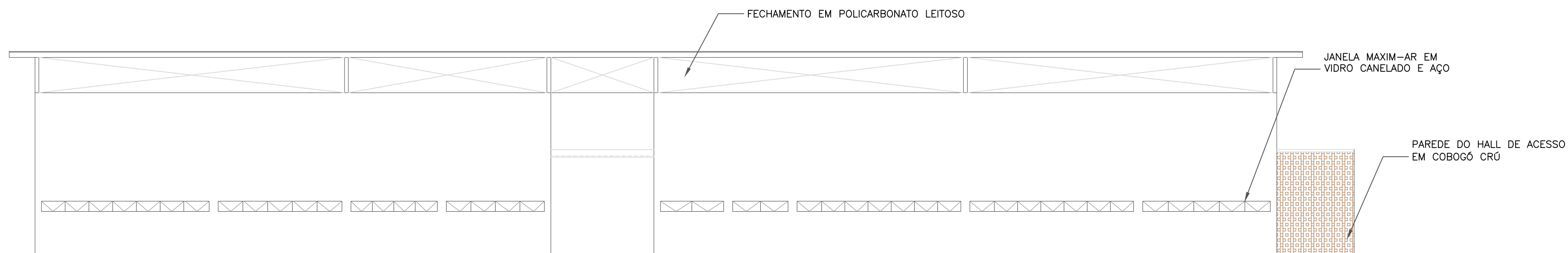
01 CORTE FF
ESC.: 1/125



01 FACHADA 1
ESC.: 1/125



02 FACHADA 2
ESC.: 1/125



03 FACHADA 3
ESC.: 1/125



LÍRIA VIANA MOURÃO MARQUES
FORTALEZA, 2023